«TAÇA UEFA»: GUIMARÃES-VIKTOVICE

Em Zurique teve hoje lugar o sorteio dos oitavos de final da «Taça UEFA». O nosso representante (Vitória de Guimarães) jogará com os checoslovacos do Vitkovice de Ostrava, com o primeiro encontro em Guimarães (a 25 do corrente) e a segunda partida a 9 de Dezembro. O Viktovice já eliminou o AIK (Suécia) e o Dundee United (Escócia).

Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 508 Sexta-feira, 6 de Novembro de 1987 Preço 45$00

GOP's EM S. BENTO

Objectivo central do Governo: desacelerar o crescimento

A redução dos ritmos globais de crescimento da economia portuguesa avulta como tónica dominante da estratégia subjacente às Grandes Opções do Plano para 1988, hoje mesmo entradas na Assembleia da República. Confirmando as linhas gerais já traçadas no PCE DED, o Governo aposta na desaceleração da procura (cujo crescimento desce de 8,1% em 1987 para 4% em 1988), com o aumento do consumo e do investimento a cairem também para metade, visando essencialmente a descida da inflação e o controlo do crescimento. De acordo com as opções governamentais, o Produto Interno Bruto aumentará apenas 3,75% contra 5% este ano. «Seria um erro grave (...) forçar ao máximo, no curto prazo, o crescimento económico, não cuidando das tensões que os actuais desequilíbrios estruturais brevemente transformariam em rupturas», afirma o documento. As GOP´s prevêem uma quebra do aumento das importações, que foi este ano de 20% e será de 6% em 1988. Mesmo assim, a Balança de Transacções Correntes acusará no próximo ano um défice de 200 a 400 milhões de dólares contra um saldo positivo de 1,4 milhões previsto para o ano em curso. No que respeita ao investimento e despesas da Administração Central verifica-se que o Ministério da Defesa vê as suas dotações aumentadas em 181%, seguindo-se-lhe as Finanças e a administração Interna, com mais 172% e 114%, respectivamente.

Págs. 14 e 15

- *Ponte sobre o Tejo — início do alargamento em 88 (29 milhões de contos)*
- *Lançamento das operações integradas de desenvolvimento do Norte alentejano e da Península de Setúbal*
- *Lançamento do programa comunitário «Star» (3,5 milhões de contos)*
- *Desregulamentação e liberalização graduais do mercado das telecomunicações*
- *Revisão e simplificação dos Regulamentos dos Transportes Rodoviários, com vista à reconversão da exploração ferroviária e o redimensionamento da rede*
- *Maior intervenção do Poder Local no planeamento e gestão dos transportes urbanos, com igualdade entre empresas públicas e privadas*
- *Transporte aéreo: abertura do serviço regular, no interior do Continente, a novos operadores*
- *Marinha Mercante: apoio à renovação da frota nacional*
- *Implementação dos anéis rodoviários urbanos da Grande Lisboa e lançamento da auto-estrada da Costa do Estoril*
- *Prioridade, nas estradas, à ligação Porto/Vila Real/Bragança*

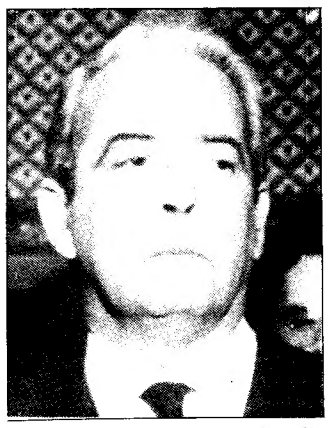
11 deputados socialistas contra «anti-comunismo primário»

Alegre assumiu voto em Cunhal

•Grupo parlamentar reuniu ao fim da manhã para analisar situação.

O socialista Manuel Alegre assumiu esta manhã na sessão plenária da Assembleia da República o seu voto em Álvaro Cunhal para representante do Parlamento no Conselho de Estado. O deputado do PS, que sublinhou a importância da presença do secretário-geral do PCP naquele orgão de consulta do Presidente da República, qualificou o seu voto de «institucional».

Continua na pág. 3



Eurico de Melo admite estudar vinda de «F-16» para Portugal se falharem conversações EUA/ Espanha

Eurico de Melo admitiu, ontem, nos Estados Unidos, a hipótese de o Governo português estudar a hipótese de transferência para Portugal dos caças-bombardeiros «F-16», se fracassarem as negociações em curso entre os EUA e a Espanha. Pág. 4

Lágrimas «pelos cantos» na Bolsa do Porto: muitos títulos à venda poucos compradores

A persistência das quedas das cotações nas Bolsas portuguesas está a atrair cada vez mais vendedores e cada vez menos compradores ao mercado. Como consequência, as cotações descem diariamente cinco por cento - o máximo legal permitido - e a maior parte das transacções não se faz. Esta situação está já a originar cenas patéticas de desespero por parte de alguns investidores, nomeadamente junto dos corretores da Bolsa do Porto.

Alguns deles, que teriam obtido crédito bancário para a compra de títulos, vêem-se agora em dificuldade para satisfazerem os seus compromissos com a banca.

Pág. 13

Mário Soares em Beja

CAVACO: UMA BARRAGEM DE RETICÊNCIAS AO ALQUEVA QUE NÃO ENTUSIASMOU OS ALENTEJANOS

Augusto Vilela
Enviado especial

Foi algo decepcionante a visita a Beja do Primeiro-Ministro Cavaco Silva, para a sua audiência com o Presidente da República. Não se esperava que o chefe do executivo anunciasse decisões espectaculares, mas era pelo menos de admitir que soubesse aproveitar melhor o espaço de consenso e diálogo aberto pela visita de Mário Soares. Num encontro com os jornalistas, no final da audiência com o Presidente da República, Cavaco Silva, que fez uma exposição inicial, passou completamente ao lado das questões do Alentejo e da própria visita de Mário Soares. O tema só foi abordado porque os jornalistas o levantaram. O Primeiro-Ministro contestou a exactidão de afirmações que os jornalistas atribuíram ao ministro da Agricultura, Álvaro Barreto a propósito do Alqueva, e ao vice-primeiro-ministro, Eurico de Melo, acerca da eventualidade da vinda para Portugal dos aviões F-16. «O que o ministro da Agricultura disse aqui foi aquilo que foi autorizado a dizer» e «o sr. ministro da Defesa disse aqui o que eu próprio combinei com ele que deveria ser dito», foram palavras textuais de Cavaco Silva.

Estas afirmações deixam no ar algumas interrogações sobre a homogeneidade de pontos de vista no interior do Governo, mas não deixam qualquer dúvida de que é o Primeiro-Ministro quem «autoriza» e «combina», o que deve ser dito.

Cavaco Silva chegou a Beja pouco depois das 13,30 e participou, logo a seguir, num almoço com Mário Soares. A meio da tarde, o Presidente da República e o Primeiro-Ministro presidiram à entrega dos prémios Val-Flor, cerimónia que teve lugar no Governo-Civil, com a presença do presidente do Montepio Geral, instituição que gere os fundos daquela fundação e de um representante da família que instituiu os prémios.

A audiência de Cavaco Silva com Mário Soares realizou-se depois e demorou um pouco mais do que estava inicialmente anunciado.

Tal como já fizera em Guimarães, Cavaco Silva, não atribuiu qualquer relevo especial a esta sua deslocação, sublinhando logo no início aos jornalistas que «era quinta-feira, dia habitual da audiência com o Presidente da República».

Guiné e bombas

Cavaco Silva começou por fazer uma exposição inicial em que, como referimos já, não houve referência especial ao Alentejo.

Disse que tinha feito com o Presidente da República uma análise da situação política interna e das questões da política internacional na medida em que, recentemente, tinha estado em Lisboa o presidente das Comunidades Europeias. E, posteriormente, o comissário responsável pelo Orçamento.

«Como é sabido, referiu o Primeiro-Ministro, estarei em Madrid na próxima semana para a cimeira luso-espanhola e também é do vosso conhecimento que logo a seguir virá a Lisboa o primeiro-ministro francês. Quer isto dizer que as questões comunitárias, a cimeira de Copenhaga, constituem, neste momento, a preocupação do Governo português».

Foram, portanto, as perguntas dos jornalistas que fizeram o Primeiro-Ministro falar um pouco de questões que desde há alguns dias têm sido o tema central da informação sobre a visita de Mário Soares ao Alentejo.

Interogado por um jornalista sobre o «desaparecimento» de um diplomata da Guiné-Bissau, Cavaco Silva disse não ter conhecimento do desaparecimento de qualquer diplomata em Portugal. Revelou, sim, que as autoridades portuguesas estão, neste momento, a realizar investigações relativamente a «factos anómalos», relacionados com alguns funcionários da Embaixada da Guiné.

«Por um funcionário da Embaixada da Guiné foram entregues às autoridades portuguesas dez bombas de relógio — bombas de plástico — retiradas da Embaixada. Ocorrem neste momento investigações tendo em vista clarificar estes factos».

O Primeiro-Ministro acentuou que o Governo tem que conduzir esta matéria com «muita firmeza» e «muita precaução».

«Muita firmeza para que não surjam dúvidas a ninguém de que não toleramos em Portugal práticas que contrariem as leis vigentes, precaução porque o Governo está firmemente empenhado em criar condições para o estabelecimento de uma confiança mútua entre os dois Estados, para retomar os programas de cooperação e mesmo para intensificar a cooperação com a Guiné».

Cavaco Silva revelou que os pontos ainda em dúvida estão a ser esclarecidos e que espera seja possível muito rapidamente «anunciar o retorno da cooperação com a Guiné em que o Governo português e o Primeiro-Ministro de Portugal estão muito interessados».

Disse, também, que o Governo português regista, com satisfação, a libertação dos seis pesqueiros que tinham sido aprisionados na Guiné.

«Foi correcta a posição firme que tomámos na quinta-feira e recebi com satisfação, a notícia da autorização para os barcos deixarem a Guiné, assim como o indulto das penas, que ocorreu ontem.»

«Como ficou claramente demonstrado, não havia qualquer razão para a retenção dos pesqueiros portugueses durante quinze dias, o que também se tornou óbvio aos olhos da CEE.»

Alentejo

Interrogado sobre as questões do Alentejo, face às expectativas que se criaram durante estes dias e se havia abordado esas questões com o Presidente da República, Cavaco Silva disse ser óbvio que nesta sua viagem e na conversa com o Presidente da República «não podíamos deixar de falar sobre o Alentejo como é normal, mas as minhas conversas com o senhor Presidente da República não ficaram esgotadas hoje, nem sobre o Alentejo nem sobre outras partes do País».

O Alqueva é a questão mais polémica e, naturalmente, não pôde deixar de ser colocada ao Primeiro-Ministro numa conferência de Imprensa de curta duração, mas que, mesmo assim, deu para se ficar a saber o pensamento do chefe do Executivo.

Não, pode dizer que Cavaco Silva tenha rejeitado liminarmente o projecto, mas as condicionantes que colocou foram tantas que dariam para encher outra barragem como o Alqueva...

Cavaco diz que, em relação ao Alqueva, «não se dão opiniões pessoais e que é um grande projecto que custa milhões de contos», que terão de ser obtidos dos contribuintes, dos que pagam impostos, o que significa que para realizá-lo «é preciso ter quase a certeza de que resultam benefícios para o País que são superiores aos seus custos».

«Nessa altura, frisa o Primeiro-Ministro, é possível avançar para uma decisão, se ao mesmo tempo for possível dispor dos recursos financeiros e se o impacto ambiental não se apresentar muito negativo.»

Mas não se ficam por aqui as condicionantes do Primeiro-Ministro que diz que este Governo não «criarás mais elefantes brancos».

cavaco Silva falou da legislação que o Governo tem sobre essa matéria e disse que, quando essa legislação estiver aprovada, «então estaremos em condições mais fáceis de fazer um cômputo exacto ou quase exacto» dos benefícios que podem resultar do Alqueva.

Mas, para Cavaco Silva, primeiro que tudo é necessário «estabilizar a posse e a propriedade da terra no Alentejo». Sem isso não há Alqueva.

Sobre as formas de exploração da terra, o Primeiro-Ministro disse que isso está no programa aprovado pela Assembleia da República, «portanto pela maioria dos deputados que têm assento na Assembleia, o que significa que têm o apoio do povo português, dado que esse conjunto de deputados representa, pelo menos, 50 por cento».

Cooperativas podem coexistir

Estimulado pelas perguntas, Cavaco Silva acabou por precisar melhor o seu pensamento sobre a questão da terra. Diz o Primeiro-Ministro que «há determinadas formas de exploração da terra, que se tentaram colocar forçosamente em Portugal, que não têm nada a ver com a maneira de ser do povo português, nem tão-pouco com os aumentos de produtividade que nós desejamos atingir e que estão mesmo a ser abandonados noutros países, onde em certo momento foram introduzidos».

Afirma, porém, que há um lugar privilegiado para as cooperativas e que algumas UCP's podem, se quiserem, transformar-se em cooperativas e, desta forma, subsistirem tal como as outras que já existem.

Para Cavaco Silva, no entanto, a forma mais adequada de explorar a terraé através da unidade familiar».

Cavaco Silva confirma o avanço dos projectos das Pirites Alentejanas e de Neves Corvo, mas não adiantou muito sobre o projecto de mineração do cobre.

Enfim, o Primeiro-Ministro não foi totalmente avaro em declarações, mas a sua visita acabou por não ter impacto. As posições assumidas, sobretudo em relação ao Alqueva, não entusiasmaram, nem mesmo os seus apoiantes do Alentejo que, na sua grande parte, apoiam o projecto por considerarem que é indispensável ao desenvolvimento do Alentejo, para além de quaisquer considerandos economicistas.

Após o regresso de Cavaco a Lisboa, Soares prosseguiu o seu programa tendo ainda visitado as instalações (excelentes) do «Diário do Alentejo», que percorreu demoradamente.

A noite, Mário Soares e a mulher assistiram a um espectáculo no Teatro Pax Julia, que teve como grande atracção, Linda de Suza, alentejana de Bringel, que demonstrou bem não ter ainda esquecido a sua terra. Actuou acompanhada pelo Trio Odemira, com o qual disse «ter aprendido muito» antes de sair de Portugal.

«E se o piloto se ejectar? como é que vou aterrar?

Mário Soares teve ontem uma aventura pouco vulgar para qualquer cidadão, ainda que se trate de um Presidente da República: voou num jacto T-38 da Força Aérea Portuguesa e, sobre as águas do Atlântico, junto à costa, experimentou a sensação de ultrapassar a barreira do som.

Excepcionalmente bem disposto ao pequeno-almoço, o Presidente parecia exprimir mesmo uma certa euforia, e ainda na messe da base, não passou sem gracejar com os oficiais da Força Aérea que o acompanharam.

«Então sr. general, cai o avião ou não cai?», perguntou, dirigindo-se a um dos oficiais.

«— Não, senhor Presidente. Os aviões não caem. Às vezes vêm é cá para baixo depressa de mais».

«—E que eu estava a pensar: e se o piloto se ejecta e eu fico lá? como é que vou aterrar?»

Antes de sair para a Base Aérea N.º 11, onde foi recebido pelo chefe do Estado Maior da Força Aérea e pelo respectivo comandante, coronel Balacó, Mário Soares acedeu a deixar-se fotografar com o pessoal menor que presta serviço na messe.

Depois assistiu a um «briefing» como mandam as regras, ficando a saber que ia participar na missão «AWFA 3333», sobrevoando Ourique, Portimão e a costa até Sagres, seguindo depois, também junto à costa, até Sines, Tróia e regresso à Base.

No final do «briefing», Soares apenas fez uma pergunta ao capitão Drago Fialho, piloto do seu avião: «E depois, se você tiver de se atirar de pára-quedas, o que é que eu faço?»

Às 11 horas, devidamente equipado, e acomodado no «cockpit» com o capacete e a máscara ajustados, iniciava o voo que o tornaria no primeiro Presidente português «supersónico».

Regressou, 40 minutos depois, bem disposto, afirmando aos jornalistas que «foi tudo muito bem, foi um belo voo».

«O piloto voltou o avião de cabeça para baixo. Foi óptimo. Passei por cima da minha casa».

Passaram a barreira do som?

«Passámos, passámos. Senti-me bem.»

Ontem, na Assembleia da República

UMA SURPRESA CHAMADA CUNHAL

A Assembleia da República elegeu, ontem, os seus cinco representantes no Conselho de Estado—Barbosa de Melo, Eurico de Melo e Leonardo Ribeiro de Almeida, os três do PSD, Vitor Constâncio, do PS, e Álvaro Cunhal, do PCP—e aprovou, na generalidade e com a única excepção dos votos Verdes (abstenção), o regime disciplinar aplicável aos objectores de consciência.

Este diploma, que completa a regulamentação do Estatuto do Objector de Consciência (Decreto-Lei 91/87, de 27 de Fevereiro), baixa agora a uma comissão eventual constituida por elementos das diversas comissões parlamentares para ser, no prazo de 30 dias, apreciado e votado na especialidade.

As votações para o Conselho de Estado e para aprovar o regime disciplinar dos objectores de consciência esgotaram a Ordem do Dia da sessão.

Antes, Álvaro Brasileiro, do PCP, alertara para os prejuizos provocados pelo mau tempo na agricultura. O PS fez entrar um projecto de criação de mais uma vila (Pedras Rubras). Maria Santos expôs a situação delicada do Conservatório Nacional («Sem condições para albergar as escolas que presentemente ali funcionam»). Rui Silva, do PRD, apontou o combate à poluição (referência expressa ao concelho de Mafra e ao rio Lisandro) como uma das prioridades nacionais e o deputado comunista António Mota expôs ao plenário as conclusões de um colóquio realizado na Régua sobre os problemas de Trás-os-Montes.

Tratava-se de uma sessão previsivelmente morna, idónea para gastar os tempos disponíveis de cada partido em privilégio de questões regionais e sectoriais. As votações agendadas também não prometiam surpresa alguma, dada a nitidez aritmética da maioria actual.

Mas a surpresa chegou mesmo ao anoitecer e chamou-se Álvaro Cunhal.

Onze resistentes ao anti-comunismo primário

Durante uma hora, chamados nominalmente, os deputados foram depositando a «sua» lista na urna, escolhida entre as três de que dispunham: uma com o nome dos cinco candidatos do PSD ao Conselho de Estado—Cavaco Silva à cabeça—outra com o nome de Vitor Constâncio em primeiro lugar e a restante, a lista comunista, encabeçada por Álvaro Cunhal.

Pela aplicação do método de Hondt, deveriam sair da urna, privilegiados em votos, quatro nomes firmes de social-democratas e o nome de Vitor Constâncio. Só que, para escândalo de muita gente, em particular da incrédula bancada socialista, saiu também o Secretário—Geral do PS com menos dois votos que Álvaro Cunhal.

Em termos práticos, a oposição não poderia ter desejado melhor resultado: da conjugada repartição dos votos resultava menos um homem do PSD e mais um da oposicão no Conselho de Estado.

Simplesmente, essa não era a orientação de voto do Grupo Parlamentar do Partido Socialista: a ordem era para votar a unir, ou seja tudo na lista do PS...ainda que isso tivesse como resultado necessário mais força para a maioria do PSD no orgão de consultivo do Presidente da República.

Onze deputados do PS não aceitaram a orientação de voto da Direcção do seu partido e votaram em Cunhal, colocando mais uma voz mais da oposição no Conselho de Estado e resistindo ao anti-comunismo primário subjacente à orientação prévia do PS. Essa orientação fora combatida no interior do grupo socialista, com a proposta de serem desviados quatro votos para a lista do PCP, pois eram os suficientes para retirar um representante ao PSD e eleger mais um da oposição.

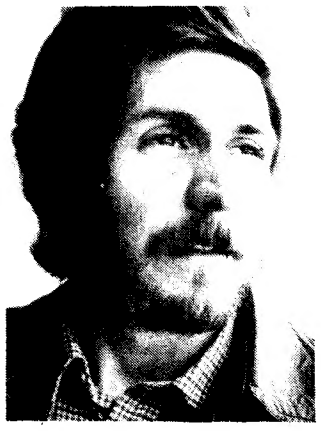
A Direcção do Partido não o quis assim e impôs ou julgou impor a sua orientação com o argumento «definitivo» avançado, textualmente segundo uma fonte do DL, por Jaime Gama:

«Estamos aqui para enterrar o PC e não para o levantar».

A lista do PSD reuniu 135 sufrágios; a do PCP 47 e a do PS 45.

Votaram 56 deputados socialistas: mais onze que os votos em Constâncio; do PCP, dos Verdes, da ID e do PRD votaram no total 36 deputados. Logo, menos onze que os votos recolhidos por Cunhal.

Jaime Gama ao grupo parlamentar do PS:
«Estamos aqui para enterrar o PC e não para o levantar».



Jorge Lemos e o exército de propagandistas

Nem a Assembleia «pode tornar-se num local marcado pelo silêncio dos cemitérios», nem a Comunicação Social pode «transformar-se em caixa de ressonância governamental», disse ontem em S. Bento o deputado comunista Jorge Lemos, numa declaração política com que assinalou o seu regresso às lides parlamentares.

Jorge Lemos, um dos especialistas de Comunicação Social do PCP, não tinha sido eleito para esta legislatura; mas reocupou, ontem mesmo, o lugar que tem sido seu em anteriores sessões legislativas, substituindo Anselmo Aníbal entre os eleitos na lista comunista pelo círculo de Lisboa. Acrescente-se já que foi, ontem também, comunicada a substituição de outro membro da bancada do PCP, Luisa Amorim, por José Manuel Magalhães.

E Jorge Lemos reocupou o lugar abordando, no período antes da Ordem do Dia, duas questões candentes que têm estado a ser abordadas nos últimos dias por outros parlamentares: o projecto de Regimento da Assembleia da República apresentado pelo PSD e as intencões governamentais de privatizar os jornais do sector público.

«São inaceitáveis—disse—a limitação que o PSD quer impor à actividade dos partidos da oposição, tentando restringir o número de marcações de Ordem do Dia, limitar a valores ridículos a duração do uso da palavra e cercear a capacidade de fiscalização da acção governativa, nomeadamente quanto a interpelações e perguntas ao Governo».

Para o jovem deputado do PCP, as restricções aos partidos de oposição visam «dificultar-lhes a actividade e retirar-lhes condições de funcionamento, impondo o seu progressivo silenciamento».

Conjugados com esta estratégia e não menos relevantes, como afirmou, estariam os processos de privatização em preparação no campo da Comunicação Social.

O sector público da Imprensa constitui, para o deputado Jorge Lemos «uma garantia institucional da liberdade de expressão e informação» e o seu silenciamento pelo Governo, mediante a entrega a grupos privados com meios para os adquirir, «viria facilitar o estreitamento dos espaços de diálogo, a uniformização e o monólogo, o silenciamento da oposição».

Ele mostrou-se, igualmente, contrário ao exclusivo governamental na abordagem e na definição dos critérios a que deve obedecer o regime de licenciamento do espaço radiofónico, por existir «uma Lei sobre a matéria e regras democráticas não discriminatórias definidas».

Jorge Lemos apontou, finalmente, como «peça não menos importante deste plano governamental de controlar a Comunicaão Social», a tentativa de «governamentalizar as carteiras profissionais dos jornalistas».

«Começou-se por propor que os cartões para a Imprensa Regional fossem emitidos por uma Direcção-Geral», afirmou, para concluir:

«Ora aí está o último elo da cadeia de comando neste exército de propagandistas que o PSD pretende instituir».

Raúl Junqueiro contra a desmontagem das parabólicas municipais

O ex-Secretário de Estado das Comunicações, Raúl Junqueiro, do Partido Socialista protestou contra o desmantelamento e apreensão, por mandato judicial, do equipamento de recepcão de emissões de TV via satélite, feitos na véspera. Anunciou também que o Partido Socialista irá apresentar de imediato no Parlamento um novo projecto de lei (o anterior, o projecto de Lei das Antenas, pifou com a dissolução da Assembleia da República) sobre a instalação de antenas.

Visará esse projecto, segundo disse, não só contemplar os problemas levantados com a livre possibilidade de captação dos sinais de satélite por antenas parabólicas, mas também abranger «as múltiplas formas de emitir, receber e distribuir todos os serviços de radiocomunicação».

Junqueiro protestou, particularmente, contra a apreensão em diversas localidades do País de equipamento comunitário de captação de TV por parabólicas instalado pelas Câmaras Municipais. Esses equipamentos prestavam serviços gratuitos aos munícipes, garantiu, e face à legislação oboleta na matéria (de um tempo em que as telecomunicações por satélite eram apenas uma abstração teórica) pode considerar-se que eles foram instalados de boa fé e no interesse geral dos respectivos munícipes.

Em função disso responsabilizou o Governo pelos prejuizos materiais sofridos pelas Câmaras atingidas e que tinham agido de boa fé.

Para o ex-Secretário de Estado das Comunicações, «a recepção de televisão, nomedamente a oriunda de satélites, deve ser completamente livre, não carecendo sequer de qualquer autorização».

Julga-se aue irá neste sentido o projecto de Lei do PS ontem anunciado na Assembleia pelo deputado Raúl Junqueiro.

Alegre assumiu o voto

Continua na pág. 1

«Isto é muito grave», eis como uma fonte socialista descreveu ao «DL» o clima que se vive dentro do grupo parlamentar do maior partido da Oposição, que está reunido à hora do fecho desta edição.

Segundo a mesma fonte, a opinião de grande número de deputados é de que aqueles que votaram em Álvaro Cunhal «se devem assumir», tal como já ontem desafiou Vitor Constâncio numa primeira reacção aos resultados da votação.

Quanto a eventuais medidas disciplinares sobre os deputados que o secretário-geral do PS já acusou de traição, nada está previsto... pelo menos por enquanto.

Entretanto, o mesmo informador garantiu ao «DL» que na reunião de terça-feira do grupo parlamentar, João Soares levantou a questão da transferência de votos para Cunhal, sublinhando que a eleição do líder comunista retiraria peso institucional ao PSD uma vez que, assim, os social-democratas teriam menos um representante no Conselho de Estado. «O debate concluiu que o grupo e a direcção não estavam de acordo com a transferência de votos, pelo que os deputados do PS deveriam votar na lista do partido».

Cavaco rectifica Eurico de Melo?

GOVERNO "ESTUDARA" HIPÓTESE DOS "F-16" EM PORTUGAL

— acordo Washington-Madrid cessa dia 14

O vice–Primeiro–Ministro e Ministro da Defesa, Eurico de Melo, indicou em Monterrey (Estados Unidos) que o Governo de Lisboa «estudará» a hipótese de transferência para o nosso país dos caças–bombardeiros F-16, caso fracassem as negociações entre Washington e Madrid sobre a retirada desses aparelhos, estacionados na base norte–americana de Torrejon, próximo da capital espanhola.

A revelação foi feita ao correspondente da RTP nos EUA, que abordou Eurico de Melo durante a sua presença na 45ª reunião do Grupo de Planos Nucleares(GPN) da NATO.

Um primeiro telex da Lusa sobre as declarações do Ministro indicava ter Eurico de Melo dito que Portugal «poderia receber os F-16 instalados em Espanha, se Madrid e Washington não chegassem a um acordo quanto ao assunto».

O telex, chegado às Redacções dos orgãos de Informação cerca das 23 h e 40 m de ontem, seria rectificado duas horas depois por um outro despacho da mesma agência que indicava ter Eurico de Melo referido apenas a hipótese de o Governo português «estudar o assunto».

Esta rectificação poderá estar ligada a declarações, horas antes, de Cavaco Silva em Beja sobre o mesmo tema. Interrogado pelos jornalistas, considerou o Primeiro–Ministro que o titular da Defesa deveria dizer nos EUA apenas aquilo que entre ambos fora «combinado».

O jornalista da RTP ouviu mal? Ou será que Eurico de Melo ultrapassou o «combinado»?

As missões nucleares dos caças F-16

Equipados para missões de alcance nuclear da NATO contra centros nevrálgicos do sul da URSS e dos países socialistas dos Balcãs, os 72 caças F-16 são o ponto principal das divergências entre os Executivos de Reagan e Gonzalez relativamente à assinatura de um novo acordo de cooperação militar entre os respectivos países para os próximos cinco anos.

O Governo espanhol soube indirectamente, em 1984, das missões de alcance nuclear dos F-16 quando o seu representante na missão da NATO em Bruxelas, o embaixador Fernando de la Serna, 34 anos, leu um documento reservado que dava conta da importância nuclear dos 72 caças estacionados na base de Torrejon. Washington não tinha dado aos governantes do PSOE a mínima indicação sobre o assunto ao assinar, pouco tempo antes, um novo acordo de cooperação entre os dois países e que, precisamente, autorizava a permanência dos F-16 em Espanha.

Segundo revela a Cambio-16 na sua penúltima edição, Gonzalez que até então tranquilizara Reagan sobre os sentimentos pro–ocidentais do seu Executivo, não gostou de ter sabido ocasionalmente das missões atómicas da ala táctica de Torrejon no contexto da segurança europeia.

Quatro anos depois as divergências estalaram, Madrid não se mostra sensível às exigências dos EUA e insiste que as missões nucleares previstas para Torrejon podem realizar–se melhor a partir de qualquer país mais próximo da fronteira com o Pacto de Varsóvia e com a URSS.

Em caso de alerta simples, os três esquadrões de F-16 estacionados naquela base deslocar–se–iam para as bases de Aviano (Itália) e Incirlik (Turquia) para carregar bombas nucleares B-43 (cada uma com um milhão de toneladas de TNT) e partir para os seus objectivos no flanco sul da URSS e dos países socialistas dos Balcãs.

A resistência de Washington em deixar Torrejon prende–se ainda, segundo a Cambio, com a dificuldade dos norte–americanos em abandonar o equipamento altamente sofisticado da base, com um sistema de comunicações ligado à rede de alta frequência do Comando Aéreo Estratégico dos EUA de que depende a condução da guerra nuclear.

«Os ultramodernos ordenadores de Torrejon foram peça fundamental no ataque que os bombardeiros norte–americanos FB-111 realizaram contra a Líbia em abril de 1986», revela também a Cambio-16.

Denúncia já preparada

Entretanto, outra revista espanhola, a «Tiempo», divulgou já a nota que o Governo de Madrid tem preparada para entregar ao embaixador norte–americano no próximo dia 14, caso não haja(como é mutio provável) acordo entre os dois países para a assinatura de novo acordo de cooperação militar. A breve nota, de 15 linhas, refere designadamente, a vontade do Governo espanhol de que o convénio em causa «não se prorrogue automaticamente quando chegar ao seu termo, em 14 de Maio de1988».

Esta fórmula permite, por outro lado, que no espaço de seis meses que se segue à denúncia do acordo, Madrid e Washington possam encontrar uma fórmula para «salvar a face» nas negociações sobre as bases, conforme referia ontem o jornal «El País». Segundo este jornal espanhol, os EUA propõem agora uma redução de 72 para cerca de 30 caças F-16 em Torrejon.

Adriano convidou Freitas a estudar revisão constitucional

Freitas do Amaral foi ontem convidado por Adriano Moreira a fazer a análise comparada dos diversos projectos de revisão constitucional que devem dar entrada no Parlamento até 16 do corrente. O ex–líder centrista deverá apresentar as suas conclusões numa conferência que o CDS está a organizar para dia 19.

À saída do encontro que juntou aqueles dois políticos durante cerca de duas horas, Freitas do Amaral mostrou–se satisfeito tendo mesmo afirmado que «as coisas se encaminham positivamente» para o seu regresso à liderança do CDS.

De acordo com o fundador deste partido foram «dados passos construtivos para uma solução de unidade no próximo congresso», tendo Freitas revelado a propósito da sua participação no conclave que a «melhor solução é apresentar–me como candidato a delegado».

«Tenho muito gosto e muita honra em me submeter a esta eleição», acrescentou.

Por seu lado, Adriano Moreira, numa declaração à Imprensa, considerou «importante» o encontro com Freitas do Amaral por ser «a primeira vez que ele volta à sede passados vários anos».

Para o actual presidente dos democratas–cristãos isto «é sinal da vontade com que Freitas do Amaral está a construir uma solução de unidade para o próximo congresso» que, conforme deixou entender, deverá realizar–se em final de Janeiro.

Século XXI

Fundação tem destino adiado

O conselho de administração da Fundação Portugal Século XXI decidiu ontem convocar nova reunião, ainda em Novembro, para decidir da eventual continuidade da instituição.

O adiamento da decisão, inicialmente prevista para ontem tanto mais que o único ponto da agenda de trabalhos era a «análise da situação actual e perspectivas futuras da Fundação», deve–se ao «reconhecimento da conveniência em ouvir também a opinião dos membros que não puderam comparecer».

À reunião do conselho de administração e do conselho fiscal, realizada ontem, em Lisboa, faltaram quatro membros que estão ausentes do país e outro que se encontra doente.

Segundo disse um dos participantes, «deseja–se que a Fundação continue, mas é preciso saber se ela tem possibilidades, após a saída de Freitas do Amaral».

O conselho de administração é composto por 22 personalidades, a que se juntam os 5 membros do conselho fiscal.

Entre os presentes na reunião de ontem contavam–se, nomeadamente, Proença de Carvalho, vice–presidente da Fundação, Marcelo Rebelo de Sousa, Álvaro Barreto, Manuela Aguiar e Miguel Júdice.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 1.º JUÍZO

ANÚNCIO

A DOUTORA MARIA VALENTINA PAIVA DE SOUSA LEITE, JUIZ DE DIREITO.

FAZ SABER que ficam por este meio devidamente citados os réus ELMIRA DA CONCEIÇÃO FERREIRA DIAS, residente em parte incerta, casada que foi com Raul Dias, falecido em 4 de Março de 1986, então residente na Rua de S. José, n.º 6-2.º Esq.º Charneca – LISBOA, filho de Dias Martins e de Maria Graça Santos Cabeças, no estado de casado com a ré ELMIRA DA CONCEIÇÃO FERREIRA DIAS, e ainda contra os incertos herdeiros, do dito Raul Dias, para comparecerem pessoalmente neste 1.º Juizo Cível de Lisboa, no próximo dia 18 de DEZEMBRO, pelas 10 horas, ou fazerem-se representar pelo procurador com poderes especiais para transigir, a fim de se proceder à tentativa de conciliação a que se refere o Art.º 972.º do Código de Processo Civil, nos autos de Acção Especial n.º 3115 da 3.ª secção do 1.º Juízo Cível de Lisboa, que o autor Luís António lhes move, pelos fundamentados que constam do duplicado da petição inicial, que fica na secretária à sua disposição, bem como documentos apresentados com a petição.

São ainda os mesmos réus citados para, no caso de a tentativa de conciliação se frustrar, contestarem, querendo, a acção no prazo de DEZ DIAS, finda a dilação de TRINTA DIAS, a contar daquele dia e que termina em 26/02/88. Poderão deduzir em reconvenção o seu direito a benfeitorias ou a indemnização. A falta de alguma das partes não é motivo de adiamento.

O processo corre seus termos pela 3.ª secção do 1.º Juízo Cível de Lisboa sob o n.º 3115.

Lisboa, 27 de Outubro de 1987

A Juiz de Direito;
a) Maria Valentina Paiva de Sousa Leite

O Escriturário Judicial,
a) Carlos António Luís Manso

«DL» 6/11/87 — 2.ª Pub.

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

DIRECÇÃO OPERACIONAL DISTRIBUIÇÃO SUL

CENTRO DISTRIBUIÇÃO ALMADA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Avisam-se os consumidores de energia eléctrica em baixa tensão que, devido a trabalho a efectuar das instalações desta empresa, se procederá à interrupção do fornecimento de energia eléctrica, nos locais e períodos abaixo mencionados, no próximo dia 08/11/87 (domingo).

CONCELHO DE ALMADA: «Lusitano» das 07h 00m às 10h 00m.

CONCELHO DO SEIXAL: Cruz de Pau (Maio) das 07h 30m às 14h 00m (Vito) das 07h 00m às 14h 00m.

CONCELHO DO BARREIRO: Penalva das 06h 00m às 14h 00m, F. Feto Sul das 06h 00m às 14h 00m, Palhais das 07h 00m às 13h 00m, Coina das 07h 00m às 15h 00m e St. António Charneca das 07h 00m às 13h 00m.

Por motivo de segurança, durante o período de interrupção de fornecimento de energia, as instalacões deverão ser consideradas permanentemente em tensão.

Almada, 06 de Novembro de 1987

Direcção Operacional Distribuição Sul
Centro Distribuição Almada
O responsável
José Resende Nascimento

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAL DE SANTA MARIA

FORNECIMENTO DE 3 VENTILADORES PULMONARES

-Serviço de Urgência ..... Conc. Pub. 13/87-IE (a)

FORNECIMENTO E MONTAGEM DE ASCENSOR 43 ..... Conc. Pub. 12/87-IE (b)

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12.30 horas e das 14 às 17.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisição (IE).

A abertura das propostas terá lugar no dia (a) 30 de Novembro às 10 horas; (b) 30 de Novembro às 11 horas no referido Serviço.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 2 de Novembro de 1987

O Director do Serviço de Aprovisionamento
a) Dr. António Moço

CML

"não deite papeis no chão"

Torres Novas - Fátima em questão

LIGA PARA A PROTECÇÃO DA NATUREZA PROPÕE SOLUÇÕES PARA LANÇO DE AUTO-ESTRADA

A Liga para a Protecção da Natureza, classificada como instituição de utilidade pública, denuncia em comunicado distribuído pela Imprensa que o traçado adoptado pela Brisa para o sublanço Torres Novas-Fátima da auto-estrada do Norte atravessa o Parque Natural das serras de Aire e Candeeiros. Sobre a questão, o Centro de Estudos e Actividades Especiais, agregado àquela organização ecológica, elaborou uma avaliação preliminar de impacto ambiental do sublanço, propondo dois traçados alternativos e manifestando a sua preferência por um deles, considerando-o «mais favorável».

Já se encontram em fase adiantada os trabalhos preparatórios com vista à construção do sublanço Torres Novas-Fátima, tendo-se optado pelo traçado que atravessa o Parque Natural das serras de Aire e Candeeiros pelos idos de 1977, numa altura em que os estudos prévios não contemplavam as questões ambientais. No caso concreto, existiu de facto um estudo paisagístico, que levou mesmo a algumas alterações de pormenor no traçado, mas consideram os dirigentes da Liga para a Protecção da Natureza que esse estudo «ignorava por completo diversas questões fundamentais, como a qualidade do ar e água e o impacto sobre os ecossistemas naturais».

A constituição do parque natural nas serras de Aire e Candeeiros foi posterior, e a Liga lamenta que a decisão não tenha entretanto sido repensada, impedindo que o sublanço da auto-estrada do Norte por ali passasse. É sua convicção que a nova situação criada deveria ter obrigado à elaboração de um levantamento global e integrado entre os vários departamentos de Estado envolvidos.

Um alerta às autoridades

Esse levantamento não foi feito, de modo que o Centro de Estudos e Actividades Especiais propôs-se realizá-lo no lugar das entidades oficiais, procurando identificar os principais impactos ambientais e formas de os minimizar. «Mais do que um fim em si, este trabalho pretende ser um alerta às autoridades com poder de decisão nesta matéria, e justificar a necessidade de repensar uma decisão que de outro modo seria irreversível», lemos na introdução do estudo.

E propôs-se fazê-lo, saliente-se, sem os elementos da equipa que constitui o centro de estudos, apesar de «detentora de razoáveis conhecimentos técnicos», serem especializados em estudos de impacto ambiental, para além de não beneficiarem dos meios materiais mais desejáveis.

As duas hipóteses propostas pela Liga para a Protecção da Natureza tomaram a designação de alternativa Oeste e Leste. Ambas seguiriam paralelamente nos dois primeiros quilómetros, e a partir daí a Oeste inflectiria para a esquerda, atravessando a EN 243 a oeste de Videla, com a orientação Sueste-Noroeste, cortando o Arrife quase perpendicularmente e passando pelo bordo Sudoeste da serra de Aire, a leste de Minde, onde tomaria a direção Norte. De seguida, atravessaria a EN 360 a leste do Covão do Coelho, seguindo até ao nó de Fátima, sensivelmente paralela a esta estrada.

A alternativa Leste atravessaria a EN 243 a leste de Videla e continuaria para Norte, cruzando o Arrife sobre a nascente do rio Almonda, seguindo pelo Vale da Serra, entre Arrife e a serra de Aire, e contornando-a, em seguida, pelo bordo nordeste. Depois, atravessaria a EN 360 a norte de Boleiros e continuaria pelo mesmo percurso da alternativa oeste.

Alternativas não estão isentas de problemas

Duas variantes são indicadas no estudo-proposta, relativas à alternativa Leste: uma para evitar a passagem da auto-estrada sobre a gruta do Almonda, a outra permitindo que o traçado atravessasse uma zona menos castrificada do que a encosta nordeste da serra de Aire. O Centro de Estudos e Actividades Especiais da Liga para a Protecção da Natureza reconhece, não obstante, que «tanto uma alternativa como outra não estão isentas de problemas», pois ainda interferem com o parque natural, que se estende pelos distritos de Santarém e Leiria e tem uma área de 350 km2, ocupando cerca de dois terços do maciço calcário estremenho.

A alternativa Oeste do traçado da auto-estrada cortaria o parque natural em duas unidades, isolando a serra de Aire do restante espaço, e a alternativa leste percorreria a zona limítrofe do parque, o que determinaria a preferência por esta hipótese, apesar de se passar por uma zona de natureza agrícola.

Outros factores contribuem para a preferência da Liga para a Protecção da Natureza. A alternativa Oeste apresenta indicadores de inadequada estabilidade do substrato rochoso e comportaria a probabilidade de concentração de poluentes na depressão fechada do polje de Mira-Minde.

Mas também na alternativa Leste subsistem problemas ecológicos. As subidas do Arrife e os flancos da serra de Aire também trariam possibilidades de poluição, e isso implicaria cuidados como os limites de velocidade para o trafego e o uso de equipamentos redutores das emissões. Por outro lado, como o terreno é ali calcário, a escorrência superficial da água é reduzida e a infiltração muito rápida, o que poderia trazer o risco de contaminação dos aquíferos pelas águas de escorrência do pavimento, já que teria uma considerável carga poluente. A solução seria desviar as escorrências para fora do maciço, na perspectiva do centro de estudos.

DL NACIONAL

Portugal perdeu em 25 anos um milhão de empregos só no sector da agricultura

Portugal perdeu em 25 anos um milhão de empregos na agricultura e a Comunidade Europeia perdeu 15 milhões, passando de 25 milhões em 1960 para 10 milhões em 1985 — revela um inquérito do Instituto de Estatística da CEE (INSEE).

Foi na Itália que a baixa foi mais acentuada (menos 4,3 milhões de empregos), seguindo-se, com uma diminuição da ordem dos 2,6 a 2,3 milhões de empregos, a França, a Espanha e a Alemanha Federal — referiu o INSEE.

A baixa do emprego agrícola foi menor na Grã-Bretanha (0,5 milhões) devido ao facto de, nos anos 60, os activos agrícolas naquele país serem menos numerosos do que nos outros grandes Estados membros da CEE.

Na Grécia, esta baixa foi de 0,9 milhões e em Portugal, que entrou em Janeiro de 1986 para a Comunidade, foi de 1 milhão — indicou o INSEE.

Embora a agricultura representasse em 1960 um emprego em cinco nos 12 países da Comunidade, em 1985 só representava um em 12.

O INSEE salientou que o emprego na agricultura terá uma importância mínima na CEE no ano 2005.

Assim, nesse ano, a agricultura só representará 1,5 a 2 por cento do conjunto dos empregos na Bélgica e na Grã-Bretanha, 2,5 a 3,5 no Luxemburgo, RFA e Dinamarca, 4 por cento na Holanda, um pouco menos de 5 por cento na França e cerca de 7 por cento na Itália. O INSEE não formeceu dados para Portugal.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Direcção de Crédito à Habitação

EMPRÉSTIMOS À HABITAÇÃO

REALIZADOS AO ABRIGO DO DECRETO-LEI N.º 459/83, DE 30 DE DEZEMBRO

AVISO

O artigo 17.º do Decreto-Lei n.º 459/83, de 30 de Dezembro, e o n.º 7.º da Portaria n.º 217/86, de 15 de Maio, fazem impender sobre a instituição de crédito mutuante a verificação anual dos rendimentos auferidos pelos agregados familiares dos mutuários de empréstimos **classificados na classe A, com subsídio familiar**.

Assim, todos os mutuários nestas condições terão de entregar **até 15 de Novembro próximo**, nas dependências da Caixa Geral de Depósitos, onde possuem conta de depósito na qual se processa o débito das prestações, os documentos necessários àquelas verificações (Aviso — Nota de liquidação do Imposto Complementar relativo a 1986 ou, na falta deste por isenção comprovada, outro documento oficial justificativo).

A não entrega de tais documentos no prazo indicado implica a perda do subsídio familiar que vem sendo atribuído, ao abrigo das disposições legais.

Câmara do Porto legalizou torres de Dallas

A Câmara Municipal do Porto decidiu ontem legalizar uma obra clandestina propriedade do Banco Totta e Açores, o bloco E do Centro Comercial Dallas, na zona da Boavista. A decisão foi tomada na reunião de câmara e comunicada aos jornalistas por Fernando Cabral.

Este problema começou com a construção dos blocos D e E do Centro Comercial Dallas (que, aliás, já fez correr rios de tinta) em contravenção a tudo quanto a Câmara do Porto determinara em termos de altura, quota e ocupação do solo, segundo disse ao Diário de Lisboa Jorge Vilas, do Gabinete de Imprensa do município. Por outro lado, a Câmara dera autorização para blocos de habitação e haviam sido construidos escritórios. O problema passou para o Banco Totta e Açores no dia em aue a empresa de construção civil faliu.

Entretanto, porém, houvera uma queixa da edilidade na Alta Autoridade Contra a Corrupção que levou a processos disciplinares contra cinco funcionários dos serviços municipais, processos que ainda correm. Foram também detectadas incorrecções na escritura de transferência dos blocos da empresa falida para a propriedade do BTA e o município, na sequência disto, pediu ao Ministério da Administração Interna um inquérito aos serviços notariais.

Os dois edifícios vão agora ser transformados, segundo Jorge Vilas. A torre E tem já aprovada a sua adaptação para apartamentos de habitação e, para isso, o banco deverá apresentar novos projectos. Quanto à torre D, há ainda problemas que não estão resolvidos, nomeadamente em termos de rede de águas pluviais.

Nas suas declarações aos jornalistas, Fernando cabral disse que os serviços camarários estão a estudar a estrutura do edifício a fim de determinarem se dispõe ou não de condições para habitação. A demolição da torre, contudo não faz parte das intencões do município, segundo acrescentou o autarca.

"As prepotências continuam na ESE de Santarém"

— diz direcção sindical

Os professores em formação na Escola Superior de Educação de Santarém não foram ouvidos, na elaboração do acordo de formação ao contrário do que determina a lei.

Em comunicado de imprensa intitulado «As prepotências continuam na ESE de Santarém» a diecção do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa - afirma que no início do presente ano lectivo (2.º ano de formação) os professores foram informados de que iriam ser introduzidas alterações ao programa inciado no ano anterior.

Verificando que tais alterações agravariam as suas condições de trabalho e a qualidade de formação, os professores enviaram à Comissão Instaladora uma proposta alternativa e solicitaram uma reunião com a sua comissão representativa.

A Comissão Instaladora limitou-se a comunicar as alterações ao programa de formação, «tentando coagir os formandos à assinatura do mesmo, facto que foi recusado» — afirma a direcção do SPGL.

A CI marcou entretanto uma reunião com a totalidade dos formandos (cerca de 300) para o dia 31 de Outubro, «adiando-a telefonicamente no dia 30 para o próximo dia 7 (sábado)». O pior é que as actividades de formação previstas no «acordo» ainda não assinado pelos professores já se iniciaram.

«Até quando a Comissão Instaladora da ESE de Santarém continua impunemente a ignorar os legítimos direitos dos professores?» — pergunta a direcção do SPGL.

Em consequência de prováveis cortes no orçamento

CONSELHOS DIRECTIVOS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA AMEAÇAM DEMITIR-SE

Os Conselhos Directivos da Universidade de Lisboa poderão demitir-se em bloco em consequência do orçamento aprovado para o ensino superior.

A demissão só ocorrerá — foi ontem afirmado em conferência de Imprensa da Coordenadora das Associações de Estudantes de Letras — se os cortes orçamentais anunciados pela Direcção-Geral do Ensino Superior não forem revistos e alterados até à próxima segunda-feira.

Na mesma reunião com os órgãos de Comunicação nas instalações da Universidade Nova de Lisboa, os representantes dos estudantes de Letras criticaram duramente o projecto do Ministério da Educação sobre a profissionalização de professores do ensino preparatório e secundário.

O projecto prevê a efectivação até Fevereiro de cerca de 20 mil provisórios dos 30 mil que existem actualmente.

Manuel Loff, da Associação de Estudantes de Letras do Porto, afirmou que o projecto privilegia os docentes que já estão dentro do sistema e prejudica os alunos dos cursos superiores que se preparam para ser professores.

Os sindicatos dos professores também foram criticados por defenderem a efectivação dos docentes que já se encontram no sistema.

Hoje, as Associações dos Estudantes de Letras reúnem-se em Coimbra e para a próxima terça-feira está prevista uma audiência com o ministro da Educação.

Uma fonte do Ministério da Educação disse esta manhã ao «DL» que o orçamento continua a ser discutido, pelo que se lhe afigura prematuro admitir «a demissão em bloco» dos Conselhos Directivos da Universidade de Lisboa.

De acordo com o porta-voz do ME, dentro do princípio da autonomia universitária cabe a cada um dos estabelecimentos do ensino superior hierarquizar o rol das suas carências e, em última instância, a distribuição e aplicação das verbas que lhe são destinadas. Ora, no caso vertente, não cabe ao ME pronunciar-se sobre tal matéria, independentemente do próprio orçamento ainda não estar pronto.

Além disso — acrescentou a mesma fonte — cada Universidade tenta reivindicar para si o máximo, o maior quinhão que estiver ao seu alcance, pelo que o essencial das afirmações feitas pela Coordenadora de Estudantes de Letras deve ser visto à luz dessa realidade: da autonomia universitária e do relacionamento entre estudantes e conselhos directivos.

O mesmo responsável do ME frisou ao «Diário de Lisboa» que «a preferência dada aos professores que já estão no sistema» é aceite pelos próprios órgãos representativos da classe, havendo planos para melhorar o próprio sistema que — acrescentou — «não se pode alterar radicalmente, apenas para receber os estudantes licenciados».

Para prover à situação cultural da periferia de Lisboa

Câmara da Amadora adere à Amascultura

A Câmara da Amadora aderiu à Associação de Municípios para promoção socioculrural, já conhecida como Amascultura, juntando-se assim aos municípios de Loures, Sobral de Monte Agraço e Vila Franca de Xira. O móbil da decisão camarária residiu na evidência de que não existem «estruturas físicas e organizativas de produção cultural nos arredores da capital», vindo precisamente a formação da Amascultura «apontar um caminho em matéria de gestão cultural».

É ideia que a gestão pública da cultura pelas autarquias tenha o objectivo «de proporcionar a maior número de cidadãos oportunidades de fruição cultural», pelo que os estatutos da associação admitem a admisão de outros municípios interessados, desde que vizinhos dos constitutivos.

Refere um comunicado à Imprensa da Câmara Municipal da Amadora que já no mesmo sentido, em Julho passado, aquela edilidade, juntamente com as municipalidades de Vila Franca de Xira, Loures e Sobral de Monte Agraço, firmou o compromisso de criar um centro dramático intermunicipal destinado à produção e promoção teatrais e à formação e animação culturais, com cariz profissional e carácter permanente.

Surgiu assim a intenção, corroborada agora pala Câmara da Amadora, de criar no primeiro trimestre de 1988 a comissão instaladora do já baptizado Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garrett.

A Associação dos Municípios para Promoção Sociocultural irá promover estudos e gerir projectos e planos comuns no domínio sociocultural, «com vista ao desenvolvimento cultural e social das populações dos municípios associados».

Faleceu o prof. João Guerreiro

Foi esta manhã sepultado no Cemitério de Benfica o professor João Guerreiro da Faculdade de Ciências de Lisboa.

João do Santos Guerreiro, de 64 anos, professor de Matemática naquela escola, onde se doutorara há 30 anos, faleceu ontem de madrugada no Hospital Curry Cabral, tendo o corpo sido trasladado posteriormente para a Igreja do Santo Condestável, onde ficou em câmara-ardente.

O professor exercia também funções nas Universidades de Évora e Madeira e era responsável por cursos de mestrado no Instituto Superior Técnico. Deixara há três meses de leccionar devido à doença.

Figura da oposição ao regime derrubado em 25 de Abril de 74, esteve ligado a organizações antifascistas.

Foi dirigente do Sport Lisboa e Benfica, a cujo conselho de gestão presidiu no princípio dos anos 60.

Na sua bibliografia conta-se um «Curso de Matemáticas Gerais», que foi livro adoptado nas universidades portuguesas.

Ministro participa em debate sobre acção social escolar

Estudantes, gestores e o ministro da Educação vão analisar o sistema de acção social escolar para o ensino superior em Jornadas que se realizarão em Coimbra de 12 a 14 de Novembro.

Estas Jornadas, promovidas pelo pelouro pedagógico da Associação Académica de Coimbra, vão abordar temas como a alimentação do estudante, a assistência médico-universitéria, o trabalho dos estudantes nos Serviços Sociais, apoios e subsídios a estudantes do ensino superior e a habitação estudantil.

António Ribeiro, da organização, disse à Agência Lusa que o ministro da Educação, Roberto Carneiro, vai efectuar uma intervenção sobre a eventual atribuição de empréstimos bancários a estudantes do ensino superior.

«Este é um modelo muito corrente em vários países europeus, substituindo com grandes vantagens as bolsas de estudo, que são essencialmente compensações de mérito», afirmou aquele dirigente associativo.

António Ribeiro, da Associação Académica de Coimbra, defende a atribuição de empréstimos, sem juros, amortizáveis no fim do curso, aos estudantes universitários, dado que «o actual sistema de bolsas e capitações abrange uma faixa muito reduzida de estudantes».

«Em muitos casos, os estudantes ficam a poucos escudos da atribuição da bolsa, o que é profundamente injusto», referiu.

Durante estas jornadas de Acção Social Escolar, vai ser analisado também um projecto de construção de casas comunitárias regionais, pelos municípios de onde são oriundos os estudantes.

A AAC propõe concretamente aos presidentes dos municípios portugueses que invistam na construção de casas comunitárias nas cidades universitárias, para obviar aos graves problemas de habitação com que se debatem os estudantes.

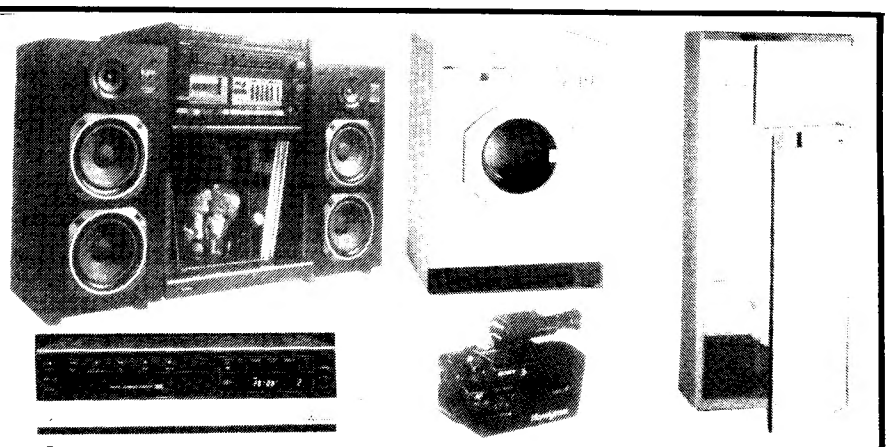
De acordo com António Ribeiro, a AAC já entrou em contato com várias dezenas de municípios, tendo recebido 40 por cento de respostas favoráveis.

«Neste momento, tudo depende da eventual colaboração que a Câmara de Coimbra venha a atribuir a este projecto, cedendo terrenos para a construção dessas casas ou facilitando a sua obtenção», frisou António Ribeiro.

Salientou que, em vários casos, a disponibilidade dos autarcas é total, dependendo apenas a concretezição do projecto da atribuição de terrenos.

«É um projecto ambicioso que tem de ser essencialmente coordenado pelos próprios municípios e pela sua Associação», sublinhou o dirigente da AAC contactado pela Lusa, justificando a presença de Torres Pereira, no Congresso.

O tema da alimentação vai ser abordado por um especialista em endocrinologia dos hospitais da Universidade de Coimbra, Almeida Ruas, e o vice-presidente dos serviços sociais desta escola vai fazer o ponto da situação sobre o actual estado dos serviços e do nível da sua prestação.

ADÃO móveis
electrodomésticos, Lda.
ENTREGA E ASSISTÊNCIA AO DOMICÍLIO GRÁTIS
Rua Gil Vicente, 7-B (perto da Estação da CP) — Est. Falagueira, 14/B-C
Telef. 493 93 50 e 494 20 22 — AMADORA
TV – VIDEO – HI-FI — DIVERSAS MARCAS
● CONSULTE PREÇOS E CONDIÇÕES ●

AGENTE SILVER E GENERAL

Para alimentos e água potável

Governo fixa limites máximos de radioactividade

Os limites máximos de radioactividade nos alimentos e na água potável foram ontem legalmente fixados pelo Governo, sendo iguais aos que foram adoptados pela Comunidade Europeia por ocasião do acidente nuclear de Chernobyl. O diploma que o Conselho de Ministros ontem aprovou entrará oportunamente em vigor.

O ministro da Presidência do Conselho adiantou que a Comunidade Europeia ainda não chegou a acordo para a regulamentação permanente sobre a matéria, mas tal facto — observou Fernando Nogueira — «não impede que o governo português preencha, como se verifica, o vazio legal existente. Aderirá às normas comunitárias que forem adoptadas no futuro» — acrescentou o ministro da Presidência do Conselho de Ministros.

O Governo aprovou também uma proposta de resolução com vista à ratificação da convenção contra a tortura e outros tratamentos ou penas cruéis, desumanas ou degradantes, decidindo remeter tal matéria à Assembleia da República. Recorde-se que a Convenção das Nações Unidas sobre a questão foi aprovada em finais de 1984 e que ao proceder assim «o Governo pretende manifestar a vontade imperiosa de Portugal para participar activamente no esforço que a comunidade internacional vem desenvolvendo no sentido de assegurar a promoção e o respeito universais dos direitos do homem e das liberdades fundamentais».

Na sessão de ontem do Conselho de Ministros foi ainda aprovado um diploma que cria a capitania da ilha de Porto Santo,

Hospitalizados 40 alunos e funcionários

Intoxicação alimentar na Escola de Hotelaria de Faro

Vítimas de intoxicação alimentar continuavam esta manhã internados no Hospital de Faro, quarenta dos cinquenta alunos e funcionários da Escola de Hotelaria daquela cidade que ali ontem tinham dado entrada.

A intoxicação terá sido provocada pelo creme de um bolo composto por gelatina, servido como sobremesa do almoço de quarta-feira, mas as suas consequências (febres altas e vómitos) só começaram a ser sentidas na madrugada de ontem.

Segundo um porta-voz da escola, o produto com o qual foi confeccionado o bolo estava dentro do prazo de validade de consumo, estando neste momento a ser sujeito a análises laboratoriais.

Comboios de dois andares poderão aumentar em 50% o número de passageiros

Os comboios de dois andares, cuja utilização em Portugal — segundo revelou ontem a CP — está a ser estudada, poderão aumentar 40 a 50 por cento o número de passageiros de cada unidade ferroviária e não implicam alterações das respectivas estações.

«Estou em crer que temos a solução para o problema ferroviário português, que segundo julgo é aumentar as velocidades nos trajectos, utilizando as infra-estruturas existentes» — disse em Paris, o director comercial da empresa francesa A.N.F. Industrie, Jean Aronica.

Jean Aronica desloca-se a Lisboa dia 17 para apresentar aos responsáveis da CP o material ferroviário produzido pela sua empresa, nomeadamente o «turbotrain» e as carruagens de dois andares.

No que se refere às carruagens com dois pisos, disse que tal solução poderia fazer aumentar de 40 a 50 por cento da capacidade duma formação ferroviária, com vantagem de poder utilizar estações em que os cais não poderão ser prolongados.

Referiu que o turbotrem é uma composição fixa composta de cinco unidades, rebocado por uma locomotiva movida por uma turbina que utiliza o diesel como combustível.

Sublinhou que como a turbina é muito mais ligeira do que o motor diesel tradicional, tal vantagem de peso permite maiores velocidades e travagens mais curtas e mais seguras, utilizando sempre as vias férreas que já existem.

As suas velocidades de ponta podem ser superiores a 240 quilómetros hora.

O turbotrem, que é utilizado em França desde há cerca de 15 anos, efectua principalmente a ligação entre Paris e as regiões ocidentais.

Essa ligação leva normalmente três horas e dez minutos para cobrir os 360 quilómetros que separam Paris de Cherburgo.

O rápido tradicional, com as mesmas três ou quatro paragens, leva uma hora a mais para efectuar o mesmo percurso.

A A.N.F. Industrie (Ateliers de Construction du Nord de la France) é uma empresa especializada na mecânica pesada, que emprega perto de 2300 trabalhadores, e cuja principal unidade fabril se encontra na região de Valenciennes, no Norte da França.

Concretiza-se alternativa do Plano Energético

GOVERNO AVANÇA 100 MILHÕES PARA O GASODUTO PORTUGUÊS

O Governo vai avançar com a concretização do projecto de um gasoduto português, através de um investimento estimado em 100 milhões de contos, disse uma fonte da Secretaria de Estado do sector.

Trata-se da primeira posição oficial quanto ao projecto de construção de um gasoduto para distribuição de gás natural no continente, sendo uma das alternativas energéticas consagradas no Plano Energético Nacional, para consumo doméstico e industrial.

«Do montante, 30 milhões de contos destinam-se à construção de um terminal metaneiro em Setúbal, destinado à recepção, transformação e distribuição de gás natural por uma rede que irá passar por Lisboa, Coimbra, Porto até Braga, prevendo-se que esteja concluído em 1992.

Os outros 70 milhões de contos previstos destinam-se à ligação a Portugal do gasoduto europeu, incluindo uma comparticipação do Governo português na construção da rede que irá passar por Espanha, já que representa a única forma de acesso do País ao túnel que atravessa a Europa», acrescentou.

Segundo a mesma fonte, «a ligação do gasoduto europeu a Portugal far-se-á através de Burgos (Espanha) até Coimbra e, a pardir daí, será aproveitada a rede de distribuição já montada».

«Quanto à conclusão deste projecto, as autoridades portuguesas pensam não ser possível antes de 1996», acrescentou sublinhando que a concretização dos dois projectos deve-se a razões de ordem estratégica, como não depender de uma única fonte de fornecimento.

A introdução do gás natural em Portugal é uma das novidades do novo Plano Energético Nacional actualmente em elaboração, que se prevê concluído no final de 1988, sendo outra a introdução do impacto ambiental da utilização de cada uma das formas de energia.

Estes planos foram, ontem, temas abordados numa reunião entre o secretário de Estado da Energia, Nuno Ribeiro da Silva e associações empresariais, profissionais e empresas operadoras ligadas ao sector.

A reunião tinha como objectivo analisar o futuro contributo de cada uma das entidades para a campanha de sensibilização sobre as questões energéticas, uso nacional de energia e melhoria da sua eficiência.

Um dos balanços considerados positivos neste encontro foi o acordo para a constituição de um grupo de trabalho com seis a sete das empresas mais representativas do sector, a funcionar junto da Direcção-Geral de Energia que irão participar na campanha.

Embora os representantes das associações e empresas tenham manifestado a sua disponibilidade para participar na iniciativa, foi defendida a necessidade de uma maior definição da política energética do Governo e do que irá ser o próximo Plano Energético Nacional, sublinhou a mesma fonte.

Outro tema discutido foi a aplicação de uma «política de verdade dos preços», que visa orientar os consumidores para as melhores opções, repercutindo no consumo os custos de disponibilização da energia e esclarecer as condições concorrenciais para empresas que operam no mercado em liberalização progressiva.

Sobre esta matéria, a mesma fonte frisou que se trata de uma aproximação gradual da verdade dos preços, ou seja, estes vão passar a ser determinados em função dos seus custos, ao mesmo tempo que se procura colocar no mercado nacional a existência de mais alternativas energéticas, como o gás natural e o carvão.

O projecto de gasoduto português foi elaborado pela Petroquímica e Gás de Portugal, tendo sido, no entanto, alterado o seu custo global de 65 para 100 milhões de contos.

Confirma-se que regiões como o Algarve ficam de fora, não porque o consumo possível na província não justifique a existência do gasoduto, mas porque de Setúbal até lá existe um deserto de consumidores.

Segundo indicam os estudos, cabe à PGP a importação e transporte do gás natural, bem como o abastecimento aos grandes consumidores, sendo estes entendidos quer como industriais quer como domésticos.

Para a concretização do projecto deverão contribuir os fundos estruturais comunitários, fundamentalmente o FEDER, em valores que deverão ultrapassar os 50 por cento.

Causas e formas são tema de congresso em Coimbra

"Stress' afecta tudo e todos

As causas do «stress» e as formas como o organismo humano lhe responde estão a ser analisadas desde ontem em Coimbra, num primeiro congresso nacional sobre o tema, que congrega 450 profissionais de saúde de todo o País. O presidente da reunião científica, professor Vaz Serra, definiu o «stress», ao abrir os trabalhos, como «um denominador comum da medicina».

Ele interfere, acrescentou, com as mais diversas áreas, desde a psicopatologia do trabalho à endocrinologia, à imunologia, à psicologia e aos casos gerais da clínica médica.

Na medida em que o «stress» arrasta um preço biológico «com consequências que podem ser bastante graves», é um fenómeno muito abrangente, a solicitar as atenções dos estudiosos, afirmou ainda.

Vaz Serra disse que, no plano psicológico, a forma como a pessoa lida com o «stress» «é determinante da sua qualidade de vida e de saúde».

Considerou, ainda, tratar-se de «marco limítrofe que existe entre o normal e o patológico, tanto sob o ponto de vista físico como mental».

«Fala-se hoje de «stress», dos ecosistemas, da socioeconomia, das tensões sociais. Trata-se, de facto, de um termo de importância tão grande que faz parte da linguagem comum e constitui uma moeda corrente utilizada para a compreensão e discussão dos fenómenos que todos conhecemos».

Os factos históricos devem encorajar o estudo do fenómeno, pois, segundo Vaz Serra, a ciência não pode avançar sem tal estudo, nem a medicina progredir.

O catedrático de psiquiatria da Universidade de Coimbra referiu, a propósito, que, em 1966, a probabilidade de se morrer de doenças infecciosas diminuiu para um sexto do que sucedia em 1900, e que, no mesmo período, a frequência da morte por doença cardíaca aumentara 168 por cento.

«Se perguntarmos por que é que isto acontece, há circunstâncias que têm sido apontadas como importantes, nomeadamente os padrões de comida e de bebida, o uso do tabaco e de drogas ou os tóxicos do meio ambiente».

Mas a estes factores, e talvez «como relevo maior, há que juntar o 'stress'», conforme afirmou, para adiantar que «o curioso é também pensarmos que a comida, a bebida, o tabaco e as drogas que tão largamente se consomem são eles próprios muitas vezes utilizadas para reduzir as emoções despertadas pelo 'stress'».

O primeiro dia do congresso nacional sobre o «stress» foi em gramnde parte preenchido com uma mesa-redonda sobre o «stress» e os problemas escolares.

Os trabalhos, organizados pela Cadeia de Coimbra, prosseguem até amanhã no Auditório do hospital da Universidade.

Revelado em congresso luso-brasileiro

Há um milhão de doentes alérgicos em Portugal

Estimativas sobre a incidência das doenças alérgicas na população portuguesa revelam a existência de um milhão de doentes alérgicos, com manifestações ou potenciais — disse hoje Antero da Palma Carlos, especialista em Imunoalergologia.

Palma Carlos, que preside ao V Congresso Luso-Brasileiro de Alergia e Imunologia, a decorrer num hotel de Lisboa, referiu que as alergias são geralmente reacções anormais a substâncias com que há contactos na vida comum.

A doença mais frequente e que tem aumentado nos últimos anos é a asma brônquica, seguida de perto pelas reacções cutâneas.

Para além destas, outro grupo de alergias se torna comum: a polinose, a urticária, infecções medicamentosas, alguns casos de edemas cutâneos e alergias alimentares.

Segundo aquele especialista, presidente da Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica, algumas alergias, como a asma brônquica, têm a ver com a poluição industrial. E outras, nomeadamente as reacções cutâneas, são causadas pela poluição de aditivos da vida corrente.

Todos estes aspectos, bem como a apreciação dos medicamentos mais credíveis no seu tratamento, serão debatidos neste Congresso Luso-Brasileiro, que se prolonga até terça-feira.

Os congressos luso-brasileiros de alergologia e imunologia realizam-se de três em três anos, alternadamente em Portugal e no Brasil.

Participam no congresso conhecidas personalidades da medicina no Brasil, bem como um grupo de especialistas europeus de diversos países, com destaque para Szczklit, da Universidade de Cracóvia, Polónia, que numa ocasião anterior fora impedido de se deslocar a Portugal.

Também George Akoun, professor de Pneumologia em Paris, e Wybran, professor imunologista da Universidade Livre de Bruxelas, estarão igualmente presentes nesta reunião científica.

Em julgamento desde ontem no Tribunal de Viana do Castelo

UM FRANCÊS E QUATRO PORTUGUESES ACUSADOS DE PERTENCEREM AOS GAL

Um francês, Jean Labade, e quatro portugueses (António Macedo, Mário Correia da Cunha, Rogério Carvalho da Silva e António Cisneiros Ferreira) começaram ontem a ser julgados sob a acusação de pertencerem ao GAL (Grupos Armados de Libertação), uma «organização terrorista» considerada responsável por vários atentados contra elementos da ETA.

Após a chegada dos cinco réus (transferidos da Penitenciária de Lisboa para a cadeia de Custoias, no Porto, enquanto durar o pleito), agentes da PSP de G-3 em punho tomaram posições nos telhados dos prédios próximos do tribunal, onde as entradas passaram a ser controladas com detectores de metais por agentes da Direcção de Controlo e Combate ao Banditismo (DCCB).

De acordo com o libelo acusatório lido ontem pelo juiz-presidente do colectivo, dr. Henrique Pires da Graça, a acusação incide essencialmente sobre o crime de «adesão a organização terrorista».

No entanto, o processo tem outros apensos — um de Lisboa, por uso e porte de arma proibida e tentativas de homicídios efectuadas em França em que são réus Rogério Silva e António Cisneiros Ferreira (bem como Paulo Figueiredo Fontes, actualmente detido em Bordéus), e outro de Lagos, apenas contra Jean Labade, por falsificação de documentos de identificação.

O assassino de Perez Revilha

O processo refere a detenção em França de Jean Labade sob a acusação de pertencer aoGAL e de ter participado no assassínio do «etarra» Perez Revilha. Mais tarde foi libertado provisoriamente, e posteriormente fugiu para Portugal. Segundo a acusação, Labade teria obtido no nosso país falsa identificação e posteriormente aliciado os restantes réus para aderirem aos GAL, e a quem teria feito nomeadamente adiantamentos em moeda estrangeira.

Os autos referem ainda que os réus portugueses «sabiam perfeitamente que estavam a ser recrutados para uma organização com objectivos de raptar, torturar e matar», acrescentando também que se efectuaram em Fevereiro de 1986 dois atentados contra presumíveis membros da ETA, em Bayonne e Saint Jean de Luz, não tendo «as vítimas morrido por razões alheias à vontade dos réus». Na altura dos atentados foi preso, em França, Paulo Figueiredo Fontes, que - segundo a acusação - seria um dos elementos recrutados por Labade em Portugal.

Durante a sessão de ontem, apenas foi ouvido Jean Labade que negou ter cometido qualquer atentado em França contra Perez Revilha e acusou os órgãos de Comunicação Social franceses de o terem transformado indevidamente em membro dos GAL. Segundo declarou, fugiu para Portugal por ter recebido ameaças de morte no seu País, e «foi apenas por acaso» que encontrou os seus co-réus em Vila Praia de Âncora, no distrito de Viana do Castelo. Sobre os contactos que manteve com eles, disse que a sua intenção era apenas a de encontrar condições para emigrar para o Zaire.

O julgamento prossegue hoje, devendo prolongar-se até ao fim da próxima semana.

Os crimes da Praia do Osso da Baleia

Jurados para Vítor Jorge vão ser conhecidos no dia 16

O sorteio dos jurados que vão participar a partir do próximo 23 no julgamento do funcionário bancário Vítor Jorge, acusado da autoria de sete crimes de homicídio na praia do Osso da Beleia, Marinha Grande, realiza-se no dia 16, revelou ontem um porta-voz do Tribunal de Leiria, para onde o pleito está marcado.

Segundo a mesma fonte, as pessoas sorteadas só poderão recusar mediante a apresentação de «motivos atendíveis, expressamente consagrados na lei». O Decreto-Lei n.º 679/75, que regulamenta a formação deste tipo de júris, refere como incompatibilidade para o exercício do papel de jurado várias profissões e cargos públicos. Não podem, deste modo, ser jurados o Presidente da República, o Primeiro-Ministro, os ministros, para além de magistrados, advogados, solicitadores, autoridades policiais, sacerdotes de qualquer religião e familiares de intervenientes no processo. Saber ler e escrever também são requisitos necessários para se poder exercer a função de jurado.

"Sequestro" de avião comercial encenado pela ANA na Portela

O sequestro de um avião comercial, em pleno voo, por quatro homens armados na posse de granadas de mão foi o tema de um exercício anteontem realizado no aeroporto da Portela, em Lisboa.

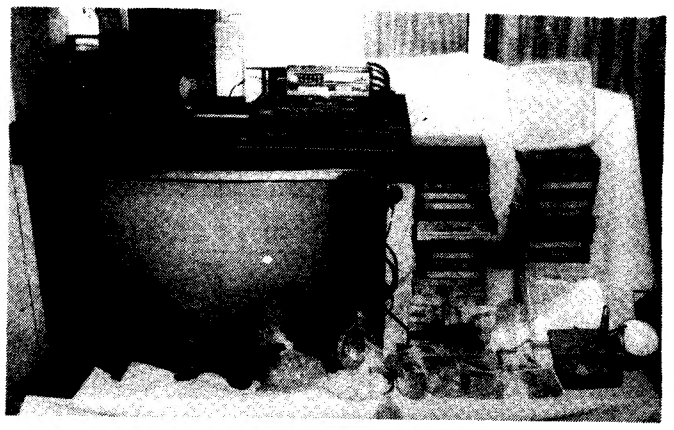
Segundo uma nota da ANA, empresa pública responsável pela gestão dos sete aeroportos portugueses, tratou-se de um exercício de rotina destinado a testar os planos de segurança e emergência dos aeroportos.

Participaram no exercício o Centro de Operações Policiais contra Acções Violentas, o Comando Autónomo dos Bombeiros de Lisboa, o Serviço Nacional de Protecção Civil, o Instituto Nacional de Emergência Médica e a Cruz Vermelha Portuguesa. De acordo com a ANA, o exercício permitiu «uma vez mais, comprovar a boa capacidade de resposta face a uma emergência real e permitir um ainda um maior aperfeiçoamento futuro de todos os sistemas».

Presos três traficantes de heroína

Elementos do Departamento de Combate à Droga da Polícia Judiciária detiveram em Lisboa na última quarta-feira três indivíduos, com idades entre os 25 e os 35 anos, na posse de quilo e meio de heroína destina à venda.

Foi-lhes também apreendido entre outros artigos, quatro automóveis de elevada potência, uma moto «Kawasaki», dois mil e 500 contos em dinheiro nacional e estrangeiro, pedras preciosas, bem como uma pistola de calibre 7,65 milímetros.



A heroína embalada em sacos de plástico e outros artigos apreendidos aos três traficantes

Curiosamente os traficantes jogavam na Bolsa, tendo em seu poder 50 acções adquiridas naquela instituição financeira.

Presentes ontem ao juiz de Instrução Criminal viram as prisões confirmadas e mantidas sem admissão de caução.

Relativamente ao número de "clientes" existentes na empresa

Antigo gerente da DOPA contradiz-se no julgamento de Sousa Tavares

Um ex-gerente da DOPA admitiu ontem, na Boa Hora, que a empresa possuía fichas de cerca de 200 pessoas que utilizavam a empresa para fazer transferências ou trocas de moedas estrangeiras. Armando Simões, que era ouvido pela segunda vez em audiência no 9.º Juízo Correccional de Lisboa, que está a julgar o advogado, e antigo ministro da Qualidade de Vida, Francisco Sousa Tavares, sob a acusação de tráfico de divisas, disse não poder precisar, no entanto, com exactidão esse número de fichas, uma vez que as deixou de ver depois de uma busca da PJ, em 1983, ao escritório da DOPA no edifício «Franjinhas».

Acontece que nas declarações que prestou na fase de instrução do processo, ontem lidas pela juiz-presidente, dr.ª Ana Paula da Silva, Armando Simões referira que, para além das chamadas contas-correntes, existiriam na empresa «operações com clientes esporádicos», que constavam nas «contas próprias» referenciadas «por letras».

A magistrada considerou este facto contraditório com as afirmações agora produzidas pela testemunha, de desconhecimento das operações de tráfico de moeda realizadas na DOPA (Dragagens e Obras Públicas), presidida por Joaquim Queiroz de Andrade, fugido à Justiça em circunstâncias ainda obscuras do Hospital de Santa Maria, onde se deslocara para tratamento.

Ainda no decorrer da sessão de ontem, Armando Simões afirmou ter apenas conhecimento da existência de um crédito na DOPA, no valor de 10 mil dólares, em nome de Francisco Sousa Tavares, «não tendo conhecimento de qualque levantamento» desse dinheiro pelo réu, «ou de que o mesmo tenha levantado quaisquer juros» daquele depósito monetário.

O julgamento vai prosseguir no próximo dia 14 de Dezembro, com audição da última testemunha de acusação, Henrique Duarte, que desempenhava as funções de contabilista da DOPA.

FUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

A pressão do quotidiano impede-me de cumprir meus deveres dominicais de estar presente à ceia do Senhor. Por isso não perco a missa pela televisão.
Naquele domingo veio um sacerdote que, na homilia disse muitas e desvairadas cousas.
Disse que, se ajudarmos o próximo, estamos a servir Deus, mesmo que não acreditemos nele.
E que, no fundo, Cristo se identifica com os mais carecidos da Humanidade.
E que, quem ama o Deus que não vê e não ama o próximo que vê, é mentiroso.
E que somos todos responsáveis por não termos ainda uma sociedade à imagem do cristianismo
E que ao lado da miséria, há casos de luxo.
E que conhece pessoas que gastam dez mil escudos num jantar.
E que somos o fermento da nova sociedade e não coniventes com esta sociedade.
Como se há-de conseguir uma sociedade melhor? «Pelo amor» responde ele, «porque o Evangelho não prega a revolta nem a violência».
Usando o Evangelho, o padre incita aqueles que emprestam dinheiro, a não levarem juros.
Eu agora espero que os Bancos, os penhoristas e os endinheirados obedeçam a este preceito. Cá por mim, acho que o amigo padre anda na Lua. Ou em Marte. Seja onde for, mas não aqui. Eu só queria era saber o que pensam os usurários quando ouvem isto. Eu cá por mim, se fosse capitalista não punha os pés na missa. E talvez pusesse. Os padres dizem estas coisas mas não é por mal.
Aliás, o sacerdote até se mostra razoavelmente informado sobre a nossa actualidade.
Conta-nos ele que há três ou quatro anos, quando andava pela cidade, via muitos pobres remexendo nos caixotes do lixo à procura de comida. E agora? Agora ele verifica que não, que não vê mais pobres a vasculhar nos caixotes e que portanto as coisas melhoraram.
O que é que se conclui daqui? Que o padre está a fazer determinada política? Não creio. Creio, isso sim, que ele ande menos pela rua, ao entardecer.
Padre, aceita um passeiozinho?

Num morro junto à igreja matriz

ARQUEOLOGIA "RESSUSCITA" VILA VELHA DE ALVOR

O sítio onde foi implantada a histórica povoação de Alvor, e que hoje se denomina «Vila Velha», poderá em parte ser trazido à luz o dia para exibir os vestígios de povos que, desde épocas muito recuadas, o elegeram para viver.
«Vila Velha» é hoje uma propriedade particular, num morro contíguo à igreja matriz de Alvor, onde estão construídas a casa de Verão da sua proprietária e outras pequenas habitações para alugar a turistas.

No interior do serro, porém, sepultados a diferentes profundidades, estão certamente armazenados despojos de outras eras, que remontam a milhares de anos antes de Cristo; a avaliar pelos vestígios já trazidos à superfície em diferentes escavações, a última das quais em Outubro.

Depois de um pequeno ensaio de 15 dias no Outono de 1986, um grupo constituído por jovens universitários sob a orientação da professora Teresa Júdice Gamito, directora do gabinete de arqueologia da Universidade do Algarve, concluiu agora mais um período de 30 dias de trabalhos e os resultados apresentam-se deveras promissores.

Com o apoio financeiro da Câmara Municipal de Portimão, Junta de Freguesia de Alvor, Torralta, Mundial Confiança e Hotel de Penina e a compreensão da proprietária do terreno, o grupo explorou uma pequena área de 28 metros quadrados apenas até à profundidade de pouco mais de 1 metro.

Não obstante, recuperou restos cerâmicos que poderão remontar a 2500 antes de Cristo e dos tempos dos cartagineses, romanos e árabes no Algarve. Foram ainda encontradas diversas moedas de chumbo com inscrição ibérica (sec. III aC) e outras de bronze que poderão recuar algumas épocas.

Além disso, na base do morro corre uma muralha de que se avista uma nesga, deixando adivinhar a sua continuidade soterrada a alguns metros de profundidade.

Teresa Gamito está convicta de que restos de uma povoação ibérica se escondem no interior do monte, o que a confirmar-se constituiria uma das mais importantes descobertas arqueológicas registadas no Algarve.

A curiosidade, no entanto, terá que ser contida e as expectativas adiadas, porque a equipa de arqueólogos, esgotada a verba que amealhara junto dos órgãos autárquicos e algumas empresas turísticas da área, arrumou as pás e picaretas, cobriu tudo com um plástico e terra e despediu-se até ao próximo Verão.

Ficou a promessa dos autarcas de Portimão e de Alvor de a futura expedição ser subsidiada de forma a prolongar-se por mais tempo e com mais gente.

Por ora, no local apenas vai permanecer por algum tempo, a expensas da Câmara Municipal e da Junta de Freguesia, um elemento do grupo, com a missão específica de limpar, envernizar e etiquetar os fragmentos de louça guardados em sacos de plástico.

Embora os trabalhos estejam numa fase inicial e ainda por cima sujeitos a prolongados intervalos, desenham-se já perspectivas para num tempo oportuno, e caso isso se justifique, o sítio da «Vila Velha» entrar no roteiro das visitas culturais no Algarve, implantando-se ali as estruturas necessárias, sem excluir a hipótese de um museu.

As escavações agora levadas a efeito surgem, ao fim e ao cabo, como mais uma entre as várias tentativas que desde há séculos foram empreendidas com o objectivo de desvendar os segredos arqueológicos de «Vila Velha».

No «Dicionário Geográfico» do padre Luís Cardoso, publicado em 1748, lê-se sobre Alvor que «esta vila foi edificada junto ao rio, no sítio a que hoje chamam Vila Velha. Nela houve uma fortaleza muito forte, de que ainda no tempo presente se acham alicerces velhos e se tiram algumas vezes debaixo da terra, caldeiras, potes e outras coisas, de que se infere com evidência estar ali povoação, e muitas pedras lavradas de que se valem para portais e outras obras».

Também o erudito Estácio da Veiga escreveu no último quartel do Século XIX sobre o lugar de Vila Velha: «fiz ali um corte, achando pouco abaixo da camada superficial muitos pedaços de louça árabe vidrados. A uns 80 centímetros de profundidade já não havia se não louças, vidros e materiais de construção de barro cosido, de fabricação romana, e a pouco mais de um metro apareceram instrumentos de pedra».

As pesquisas de Estácio da Veiga conduziram-no à descoberta de «um desengrossador de forma irregular, um percutor de forma elíptica e um pilão de moagem» do período neolítico, conforme refere na sua obra «Carta Arqueológica do Algarve», citada por Ataíde Oliveira (1842-1915) na «Monografia de Alvor».

A fundação de Alvor atribui-se ao chefe cartaginês Aníbal, em 436 a.C., e designou-se na época Porto de Aníbal. No ano 716 da era cristã os árabes apossaram-se da povoação e passaram a chamar-lhe Albur (campo inculto), que daria origem a Alvor.

Aquando da conquista do Algarve aos mouros, Alvor por varias vezes mudou de senhor, desde a primeira tomada em 1189, no reinado de D. Sancho I, até à última e definitiva por D. Afonso III, em 1250.

D. Dinis mostrou-se atencioso com esta povoação sulina mandando restaurar-lhe o castelo e concedendo-lhe o primeiro foral.

No Paço do Alcaide-Mor de Alvor faleceu em Outubro de 1495 o rei D. João II e o seu sucessor, D. Manuel I, concedeu-lhe o foral de vila, que seria retirado pelo marquês de Pombal supõe-se que pelo facto de os seus perseguidos, os Távoras, serem donatários da povoação.

Recentemente um deputado pelo Algarve apresentou na Assembleia da República uma proposta de elevação de Alvor à categoria que possuiu até ao século XVIII.

Até à explosão turística iniciada há cerca de três décadas, a população de Alvor continuava a viver da pesca e, em menor escala, da agricultura, mas depois a situação alterou-se e hoje constitui fonte de mão-de-obra para as empresas turísticas da área.

Apesar das inovações, acompanhadas por vezes de uma certa indisciplina na construção civil (caso das fachadas em ladrilho), Alvor detém ainda o tipicismo muito próprio do traçado das ruas, do casario branco e dos usos e costumes da sua gente, aliado ao seu valioso património histórico.

Essa riqueza, em que se incluem os restos do velho castelo demolido em meados do século XIX, conforme rememora Ataíde Oliveira na sua «Monografia de Alvor», em boa medida está à espera que a generosidade de mecenas e o entusiasmo de arqueólogos a ressuscitem para os olhos de hoje.

Resta ainda a curiosidade de permancer o mistério sobre quando a Aldeia Velha se transferiu para a nova, a actual, podendo acontecer que as escavações ora iniciadas façam luz sobre essa questão.

MINISTÉRIO DO EMPREGO E SEGURANÇA SOCIAL
Secretaria de Estado da Segurança Social

AUMENTO DE PENSÕES

Tendo em vista a efectiva melhoria das condições de vida e dos níveis de protecção social da população beneficiária, o Governo decidiu aumentar os quantitativos das pensões de invalidez, velhice e sobrevivência, beneficiando cerca de 2 milhões de pensionistas, através de aumentos de 10% a 14,7%.

Isto significa que, prevendo-se para 1988 uma taxa de inflação de cerca de 6%, os pensionistas beneficiarão de um crescimento real das suas pensões que variará de 4% a 8,7%.
Procurando uma inequívoca justiça social, esta medida fez crescer as pensões de valor mais baixo. Assim, ascendem a 13% os aumentos das pensões mínimas de invalidez e velhice do regime geral e das pensões do regime especial dos trabalhadores agrícolas. Por outro lado, as pensões nos regimes não contributivos e equiparados regista um crescimento de 14,7%.

REGIMES DE SEGURANÇA SOCIAL E TIPOS DE PENSÕES	VALORES ANTERIORES DEZEMBRO 1984	VALORES ANTERIORES DEZEMBRO 1985	VALORES ANTERIORES DEZEMBRO 1986	NOVOS VALORES DEZEMBRO 1987	NOVOS VALORES CRESCIMENTO 87/86
1. REGIME GERAL					
• INVALIDEZ E VELHICE					
- Pensões Mínimas	5 500$00	6 900$00	11 500$00	13 000$00	+ 13%
- Pensões Acima das Mínimas (Exemplos)	10 000$00 20 000$00 30 000$00	12 200$00 24 400$00 36 600$00	13 790$00 27 570$00 41 360$00	15 170$00 30 330$00 45 490$00	+ 10%
2. REGIME ESPECIAL DOS TRABALHADORES AGRÍCOLAS					
• INVALIDEZ E VELHICE	4 700$00	5 900$00	8 500$00	9 600$00	+ 13%
3. REGIMES NÃO CONTRIBUTIVOS E EQUIPARADOS					
• INVALIDEZ E VELHICE	4 500$00	5 700$00	7 500$00	8 600$00	+ 14,7%
TAXA DE INFLAÇÃO PREVISTA PARA 1988					6%

O Governo decidiu igualmente actualizar os quantitativos de:

• Suplemento de Grande Invalidez	Dez. 86	Dez. 87	Taxa de Crescimento
1 — Invalidez e Velhice do: Regime Geral	4 270$00	4 830$00	13%
Regime Especial Agrícolas e Pensão Social	3 660$00	4 140$00	13%
2 — Sobrevivência (todos os regimes)	2 560$00	2 900$00	13,3%
• Complemento de Cônjuge a cargo	1 900$00	2 150$00	13%

- Estes valores de pensões entrarão em vigor em 1 de Dezembro
- O **Subsídio de Natal**, devidamente actualizado, será pago em simultâneo com a pensão de Dezembro

EM VIGOR A PARTIR DE 1 DE DEZEMBRO

SEGURANÇA SOCIAL

24 HORAS

Irão não acredita no plano de paz da ONU

O Primeiro–Ministro iraniano disse que o Governo de Teerão não acredita que a Organização das Nações Unidas seja capaz de pôr fim aos sete anos de guerra entre o seu país e o Iraque. Mir–Hossein Moussavi fez estas declarações à rádio de Teerão num comentário aos bombardeamentos que a aviação iraniana efectuou ontem, pelo segundo dia consecutivo, contra posições iraquianas ma zona central da linha da Frente e escassas horas depois do anúncio, por Bagdade, de um novo ataque aéreo contra alvod navais iranianos. «Não esperamos que a solução da guerra venha do Conselho de Segurança (das Nações Unidas)», disse Moussavi. «Mas, para evitar qualquer desculpa não nos negamos a estabelecer contactos e a expor a nossa posição, em defesa dos nossos princípios».

Whitehead prepara cimeira

A secretaria norte–americana de Estado anunciou que o subsecretário do departamento, John Whitehead, visitará Moscovo e outras cidades europeias no âmbito dos preparativos da próxima cimeira Reagan–Gorbachev, que se realiza a 7 de Dezembro. O porta–voz do departamento de Estado, Charles Redman, anunciou que Whitehead segue hoje para a Jugoslávia, RFA, RDA, Hungria e URSS. «Durante a sua visita a Moscovo -disse Redman - o subsecretário discutirá a situação do cumprimento dos direitos humanos e os preparativos para a cimeira». Nessa cimeira será debatido um acordo de eliminação de mísseis de curto e médio alcance que as duas superpotências têm colocados na Ásia e na Europa.

França e os mísseis da Europa

A França apelou para os Estados Unidos manterem mísseis na Europa e declarou–se empenhada em continuar a manter armas atómicas, como resposta à «ambiguidade» de Washington sobre o futuro da dissuasão nuclear. O ministro francês da Defesa, Jean–Bernard Raimond, disse em Paris perante a assembleia nacional que a Europa não se pode apoiar apenas em armas convencionais para enfrentar as forças soviéticas. Acrescentou que a Europa Ocidental deve representar um papel mais importante na sua própria defesa, principalmente num período conturbado pelos esforços de Moscovo e Washington em controlar as armas nucleares.

Polícia liberta refém

A Polícia assaltou uma casa nos subúrbios de Dublin e libertou um membro de uma das mais ricas famílias da Irlanda, após luta com os raptores. Os sequestradores mantiveram em seu poder durante 22 dias John O´grady, agora junto da sua família e a recuperar numa clínica de ferimentos nas mãos, tendo pedido um resgate de 1,5 milhões de libras esterlinas. Dois polícias ficaram feridos no tiroteio. Quatro dos cinco membros do grupo raptor escaparam num carro roubado, mantendo como reféns durante a fuga a sua proprietária e outra mulher, que mais tarde foram libertas.

Inundações matam 14

Catorze pessoas morreram em consequência das chuvas torrenciais e das inundações que afectam as regiões autónomas de Valência e Murcia nos últimos três dias, informaram fontes oficiais espanholas. Por outro lado, continuam dadas como desaparecidas 210 pessoas, depois de terem abandonado as suas residências para fugir às cheias, enquanto mais de duas mil foram desalojadas das suas localidades, que ficaram totalmente inundadas. Entretanto o nível das águas do rio Jucar começou a descer, mas a violência das ondas e a agitação do Mar Mediterrâneo dificulta o rápido escoamento deste rio.

Primeiro-ministro do Japão

Noburu Takeshita tornou–se hoje o novo Primeiro–Ministro do Japão, em substituição de Yasuhiro Nakasone que concluiu um mandato alargado de cindo anos. Takeshita, de 63 anos, foi eleito pelos membros das duas câmaras do Parlamento japonês. Nakeshita lidera a maior facção dentro do partido no poder. Antes da sua eleição pelo Parlamento, o Governo de Nakasone apresentou a demissão, para abrir caminho à formação do novo Governo.

Diplomata raptado e liberto

Um diplomata sul–coreano raptado em Beirute e libertado a semana passada, disse ter visto outros reféns durante o seu cativeiro de 21 meses - informou o vice–ministro dos Negócios Estrangeiros, Park Soo–Gil. Do Chae–Sung não conseguiu identificar formalmente alguns dos outros cativos, mas reconheceu «um jornalista famoso». Tratar–se–ia provavelmente de Terry Anderson, chefe do escritório da agência norte–americana Associated Press em Beirute até ter sido raptado em 1985. Seul desenvolveu esforços com vista à libertação do diplomata, através de cvontactos intensivos com o Governo libanês e outros intermediários, mas nunca negociou com extremistas nem satisfez exigências - acrescentou o vice–ministro.

Após 23 anos de cadeia

DIRIGENTE VETERANO DO ANC LIBERTO NA ÁFRICA DO SUL

Um dos dirigentes vetereanos do Congresso Nacional Africano (ANC), liberto ontem da ilha penal de Robben pelas autoridades sul–africanas, afirmou que continua fiel «à filosofia marxista». Govan Mbeki, de 77 anos, declarou em conferência de Imprensa organizada pelas autoridades num hotel de Port Elizabeth, depois de ter sido aerotransportado da ilha de Robben, que também se mantém fiel à política do ANC.

«As ideias pelas quais fui para a cadeia, continuo a professá–las. Continuo a professar ideias marxistas», respondeu, quando os jornalistas lhe perguntaram se continuava comunista.

De cabelos brancos, direito, digno e parecendo em boa forma física, Mbeki salientou que embora satisfeito por ter sido solto, sentia «reservas, especialmente sobre os meus co–acusados», mas manifestou a confiança em que eles também serão postos em liberdade.

Mbeki nasceu numa família profundamente religiosa do Transkei, então uma das principais regiões agrícolas da África do Sul, hoje transformado em bantustão «independente» para a etnia xhosa.

Aderiu ao ANC na década de 30, quando ainda estudante. Como bolseiro, licenciou–se em política e psicologia na Universidade de Fort Hare, onde estudaram muitos dos futuros dirigentes negros da África Austral.

Mbeki afirmou que continuava empenhado numa solução negociada dos problemas da África do Sul, mas exortou a juventude negra do país a «continuar a luta».

O Governo, que enfrentou um aumento considerável de oposição violenta desde o encarceramento de Mbeki, Nelson Mandela e dos outros dirigentes do ANC condenados em 1964 a prisão perpétua, anunciou imediatamente a seguir à libertação, que o dirigente veterano será colocado na «lista» por ser membro do Partido Comunista sul–africano.

Esta medida significa que nunca poderá ser citado pela comunicação social do país, o que eauivqle ao seu silenciamento após esta conferência de Imprensa organizada pelas autoridades e estringida q um punhado das dezenas de jornalistas que se deslocaram a Port Elizabeth.

A notícia da libertação foi saudada com euforia pelo arcebisdo anglicano do Cabo e prémio Nobel da Paz, Desmond Tutu, que afirmou que «para os negros Mbeki é um herói», «estamos muito orgulhosos dele», e pelos militantes do ANC na sua sede no exílio de Lusaca, que dançaram e cantaram.

Mac Maharaj, que cumpriu uma pena de prisão na ilha de Robben com Mbeki e os seus companheiros e é membro do executivo do ANC, disse que Pretória foi derrotada porque o ex–preso político saiu incondicionalmente da cadeia, «imbatido e rponto a lutar com o seu povo contra o apartheid».

O Governo sul–africano libertou mais quatro activistas negros - Walter Tshikila e Thomas Masuku, membros do ANC encarcerados há dez anos pela morte de um polícia, Mike Matsobane e Jabu Nkosi, do Congresso Pani–Africanista (PAC) - bem como dois brancos, Jacob Viljoen e Hendrik Jacobz, do grupo neonazi Movimento da Resistência Afrikander.

Os dois últimos tinham sido condenados a 15 anos em 1983 por terrorismo e conspiração para matar dirigentes negros.

O líder do Partido Conservador (extrema direitaº, Andries Treurnicht, declarou que a libertação de Mbeki legitimava a violência política e era motivo de grave preocupação.

Chirac desdramatiza Irangate francês

O Primeiro–Ministro francês, Jacques Chirac, deitou «água na fervura» do escândalo provocado por supostas vendas ilegais de armas ao Irão realizadas sob o mandato do anterior Governo socialista.

O PS francês acusa os conservadores, actualmente no poder, de pretenderem denegrir a imagem do Presidente François Miterrand, a seis meses das próximas eleições presidenciais francesas.

Em declarações prestadas no porto bretão de Brest, Jacques Chirac disse ser «inveitável, em democracia, que determinados assuntos sejam empolados pelos meios de comunicação. Mas é preciso usar de moderação, porque estes casos não contribuem para dar uma boa imagem (do país) e o exagero na apresentação dos factos pode provocar o efeito contrário ao pretendido».

As declarações de Chirac, formuladas em termos gerais, são interpretadas como uma tentativa de desdramatizar a polémica surgida com a publicação de um relatório do inspector geral das Forças Armadas francesas, Jean–François Barba, que envolve o nome do Presidente Miterrand no escândalo das vendas de armas francesas ao Irão.

Entretanto o Presidente Miterrand está ser pressionado para explicar por que aparentemente não interveio para impedir a venda ilegal de munições ao Irão em violação do embargo imposto pela França.

Itália: cinco referendos no fim-de-semana

Os italianos votam no próximo fim-de-semana em cinco referendos que muitos não querem, outros não compreendem e em que, na maioria dos casos, o sim significa não e o não significa sim.

Quase 46 milhões de pessoas serão chamadas a decidir se querem mais energia nuclear e alterações no sistema legal que passarão a responsabilizar mais os juízes pelos seus erros.

Mas muitos italianos interrogados em sondagens têm afirmado que não têm a mais pequena ideia acerca do que são os referendos e mostram-se reticentes em voltar a ir às urnas passado tão pouco tempo sobre as eleições gerais de Junho.

Uma sondagem publicada esta semana na revista «L'Espresso» mostrava que 40 por cento dos interrogados não sabia sobre o que é que teria de votar. Uma percentagem semelhante dizia que os referendos eram um erro e que poderiam ter sido evitados.

Em três dos referendos, os italianos serão interrogados sobre se querem energia nuclear. Outro encara a perspectiva de os juízes poderem ser responsabilizados financeiramente pelos erros que cometerem nos tribunais civis.

O quinto poderá tornar os membros do governo responsáveis perante o Parlamento por ofensas criminais em vez de os fazer comparecer perante uma comissão especial que, no passado, tem sido acusada de os proteger contra incriminações.

As sondagens de opinião indicam que todos os referendos deverão decorrer de forma satisfatória.

Mas muitas pessoas têm-se queixado de que muitas das formas de votar estão envolvidas numa teia burocrática que é difícil de entender.

«Qualquer pessoa do campo que não tenha lido os jornais não saberá que diabo é que eles (os referendos) significam» — comentou um motorista de táxi de Roma.

Além disso, os referendos só podem anular legislação já existente em vez de assegurar que a vontade popular seja consagrada na lei.

Como consequência, aqueles que são a favor da energia nuclear têm de votar «não», enquanto que aqueles que a ela se opõem têm de votar «sim». Um voto «sim», que exige uma maioria de 50 por cento, terá como consequência a anulação de várias leis favoráveis à energia nuclear.

Os industriais preocupados com os sentimentos antinucleares afirmam que a rejeição da energia nuclear será prejudicial para um país que importa mais de 80 por cento da sua energia e é vulnerável a uma interrupção do fornecimento de petróleo do golfo Pérsico.

A Itália tem apenas um reactor em funcionamento, o qual satisfaz 4 por cento das suas necessidades energéticas, e mais dois em construção.

O secretário da Defesa filipina Rafael Ileto conversa com o comandante-chefe das Forças Armadas, Fidel Ramos, durante as cerimónias comemorativas do 48º aniversário do Departamento de Defesa.

Cientistas da Fundação Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro, conseguiram pela primeira vez no Brasil, separar o vírus da Sida, passo indispensável para a produção de sistemas de diagnóstico da doença e vacinas. Com este avanço o Brasil alcança a sua «independência biotecnológica» nas investigações sobre os retrovírus, a família causadora da Sida (síndroma de imunodeficiência adquirida), disse Carlos Alberto Morais de Sá, médico que participa no programa de investigação de um hospital universitário local. O director do departamento, Bernardo Galvão, revelou que se conseguiu isolar o que denominou o 3º tipo de vírus da Sida conhecido como «o vírus brasileiro», a partir de amostras de sangue de um homem que morreu vítima da doença. Anteriormente a fundação trabalhava com base em culturas de células com o vírus doadas pelos EUA.

Foto de arquivo de Douglas Ginsburg, nomeado para o Supremo Tribunal norte-americano. Foi anunciado pelo seu porta-voz que Ginsburg terá fumado marijuana quando era estudante e em algumas ocasiões da década de 70.

Carlucci: uma "arma burocrática" para todo o terreno

O presidente Ronald Reagan despediu-se ontem calorosamente do demissionário secretário norte-americano da Defesa, Caspar Weinberger e nomeou, conforme ontem noticiámos o conselheiro da Segurança Nacional, Franck Carlucci, para o substituir. Reagan designou o general Colin Powell para substituir Carlucci afirmando que a restante equipa do Conselho de Segurança Nacional permanecerá intacta. Powell, 50 anos, um veterano da guerra do Vietname, é o primeiro negro a assumir um cargo de destaque na Casa Branca. Frank Carlucci granjeou a reputação de pragmático e hábil negociador. Nomeado pelo antigo presidente Gerald Ford para embaixador dos Estados Unidos em Portugal, Carlucci ocupou este cargo de 17 de Janeiro de 1975 a 30 de Dezembro de 1977, regresssando a Washington para se tornar vice-director da CIA, já durante o mandato de Jimmy Carter.

Em Lisboa, Carlucci conseguiu manter a influência do seu país numa época em que os Estados Unidos receavam que a viragem política provocada pelo 25 de Abril colocasse os comunistas no poder.

Robert Hunter, que acompanhou o senador Edward Kennedy numa visita a Lisboa em 1974 e é actualmente director em Washington dos Estudos Europeus para o Centro Internacional e Estratégico, afirmou que «a administração Ford estava bastante céptica em relação ao Governo surgido em Portugal após a revolução e receava que, a todo o momento, os comunistas o subvertessem. A atitude normal seria retirar-lhe o nosso apoio».

Contudo, Carlucci opôs-se a esta teoria, então defendida pelo secretário de Estado Henry Kissinger, e conseguiu convencer a Casa Branca a solidarizar-se com o Governo socialista. Foi o primeiro político norte-americano a defender, desde 1975, que Mário Soares deveria ser o primeiro Presidente da República civil.

Considerado como um «negociador exímio» por um funcionário da Casa Branca, Carlucci já «socorreu» cinco chefes da Casa Branca durante os últimos 20 anos. «Tragam-me o Carlucci» disseram, em momentos particularmente delicados dos seus mandatos, os presidentes Kennedy, Nixon, Ford, Carter e Reagan.

Neto de um canteiro italiano que emigrou para os Estados Unidos, este político de 57 anos, foi definido por um observador como uma «arma burocrática» para todo-o-terreno, especialmente indicado para situações comprometedoras e difíceis, em que é necessário agir com dureza mas de forma discreta.

Nascido em Scraton, na Pensilvânia, Frank Carlucci iniciou a sua carreira política em 1956, como diplomata depois de uma experiência de dois anos na Marinha, como tenente, dois anos após se ter formado na famosa Universidade de Princeton.

Graças à sua experiência diplomática no Congo e África do Sul, Carlucci tornou-se especialista em questões africanas.

Foi igualmente nomeado embaixador no Rio de Janeiro.

Mais tarde, o seu conhecimento em questões da América Latina manifestou-se fundamental para a acção da CIA nesta região.

Posteriormente este político assumiu responsabilidades na administração central norte-americana em departamentos tão diversos como o Orçamento, Saúde, Educação e Previdência Social e, após a sua estada em Portugal, como vice-director dos serviços secretos dos Estados Unidos.

Em Janeiro de 1986, após o escândalo Irangate, Carlucci substitui John Pointdeexter como conselheiro para a Segurança Nacional.

DANIEL ORTEGA DISPOSTO A NEGOCIAR UM CESSAR-FOGO COM OS "CONTRAS"

O presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, anunciou ontem que estava disposto a negociar um cessar–fogo com os «contras», mas salientou que o governo sandinista jamais aceitará «um diálogo político» com a guerrilha. O volte–face na posição de Manágua registou–se no mesmo dia em que a Câmara dos Representantes dos Estados Unidos decidiu aprovar a concessão de 3,2 mulhões de dólares em «ajuda humanitária» aos rebeldes antisandinistas.

Num discurso pronunciado em Manágua, Daniel Ortega anunciou uma amnistia para mil prisioneiros, o levantamento do estado de emergência e a disposição do seu governo negociar um cessar–fogo com os «contras».

Reunida em São José da Costa Rica, a direcção dos «contras» qualificou como «uma vitória» a decisão sandinista de negociar com as forças rebeldes.

Ortega frisou na altura que a Nicarágua está a «cumprir integralmente os compromissos assumidos» na Guatemala, quando da assinatura, en Agosto, do plano de paz regional da autoria do presidente da Costa Roca, Óscar Arias.

A Nicarágua pediu ainda aos governos da América Central e de outras zonas do mundo para porem fim à ajuda militar, económica e logistica aos guerrilheiros antisandinistas, a fim de se conseguir uma «paz estável e duradoura» na região.

Cessar–fogo unilateral

Entretanto, em El salvador, o presidente José Napoleon Duarte anunciava que as Forças Armadas vão aplicar um cessar–fogo unilateral nos combates que travam com as forças rebeldes.

O cessar–fogo entrou em vigor ao meio–dia de ontem e serão mantidas apenas as posições militares defensivas para responder em caso de ataque, disse o presidente em mensagem dirigida pela rádio.

Napoleon Duarte salientou que fará o possível por cumprir o plano de paz para a América Central, que propõe tréguas nos conflitos em El Salvador, Nicarágua e Guatemala e que deveria ter sido implementado ontem.

Nas duas rondas de conversações que o governo manteve recentemente com o principal grupo de guerrilha de El Salvador, a Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional (FMLN), não se chegou a acordo quanto a um cessar–fogo.

A FMLN abandou as conversacões após o assssínio, em Outubro, de um proeminente defensor dos direitos cívicos.

No entanto, tanto a FMLN, como a Frente Democrática Nacional, acederam em manter conversacões com o arcebispo de Sal Salvador, Arturo Rivero Y Damas.

Em declarações à televisão mexicana, Rivero y Damas qualificou estas conversações de «muito interessantes» e referiu que nelas foram abordados quatro temas: a razão pela qual os rebeldes interromperam o diálogo, a amnistia, os mutilados de guerra e o regresso a El Salvador de alguns representantes dos dois movimentos.

Rivero Y Damas acrecsebtou que na sua qualidade de mediador informará o governo salvadorenho sobre as conversações para o executivo avaliar «estes aspectos e se decida pelo reinício do diálogo».

Não são previsíveis resultados nas conversaçõe sobre a presença militar dos EUA em Espanha

A sétima ronda de conversações sobre a redução da presença militar norte–americana em Espanha começou sem que se esperem resultados concretos surpreendentes.

A delegação espanhola é presidida pelo secretário de Estado para a Política Externa, Máximo Cajal e a norte–americana é chefiada pelo embaixador dos EUA em Madrid, Reginald Bartholomew.

Esta é a sétima ronda de conversações a decorrer nos últimos 16 meses entre os EUA e a Espanha e a última a realizar–se antes que o Governo de Madrid comunique à administração Reagan que não tem a intenção de prorrogar o pacto de defesa bilateral nas actuais condições.

As duas delegações anunciaram previamente que não apresentariam novas propostas.

A Espanha mantém a exigência de retirada de 72 aviões norte–americanos F-16 do seu território, enquanto os EUA alegam que a sua permanência é de importância vital para o sistema defensivo da NATO, nomeadamente para evitar o enfraquecimento do flanco Sul da Aliança Atlântica após a assinatura pelas duas superpotências de um acordo sobre eliminação de forças nucleares de alcance intermédio.

Na próxima semana, o Governo espanhol comunicará oficialmente ao norte–americano que não tem intenção de prorrogar o pacto de defesa bilateral nas actuais condições, independentemente dos resultados desta sessão negociadora.

As duas partes dispõe apenas de seis meses para prosseguir as negociações antes das forças norte–americanas se verem obrigadas a desmantelar as suas bases em Espanha quando o pacto cessar em Maio próximo.

Terrorismo

Os partidos políticos parlamentares espanhós, à excepção do Eusko Alkartasuna, chegaram a um acordo contra o terrorismo, após nove horas de negociações à porta fechada, informou o secretário de organização do PSOE, Txixi Benegas. O acordo, que contém cinco pontos, será ratificado e assinado na próxima terça–feira.

Voluntários na Praça Vermelha, em 1919... a história do PCUS é fértil em buracos negros

Nos 70 anos da revolução bolchevique

A HISTÓRIA DA URSS TRANSFORMA-SE NUM TESTE PARA A "GLASNOST"

Nada é eterno sob o sol, mesmo os regimes que se julgam imutáveis e muito menos as verdades que eles produzem. Nos 70 anos da revolução bolchevique, os soviéticos vêem-se confrontados com o aparente paradoxo da história como um acto contra a memória.

A antiga reivindicação dos intelectuais passou agora para a imprensa oficial. Preencher as folhas que ficaram em branco na história da URSS, dar aos acontecimentos o lugar que lhes foi tirado pelas versões produzidas pelos «inquilinos» do Kremlin, são hoje entendidos como uma «necessidade moral» da qual depende a própria credibilidade do poder.

Mikhail Gorbachev sabe que a sua política de reformas tem de passar por ali. No discurso inaugural das comemorações do 70º aniversário da revolução russa, que pronunciou no dia 2 de Novembro perante uma assistência de 5.000 pessoas, o tema central foi, precisamente, a história da URSS e do seu Partido Comunista (PCUS).

O terreno havia sido já preparado, com a imprensa e a televissão soviéticas a promoverem uma campanha de denúncias sobre a repressão no tempo de Staline e a estagnação sob Brejnev; com o lançamento, no dia 1 de Novembro, do livro de Gorbachev, cujos direitos de autor foram vendido a peso de ouro no estrangeiro- «Perestroika», a política de reforma implementada pelo líder soviético e que, no seu entender, é a segunda «revolução» vivida no país dos Sovietes.

E, no entanto, no final da passada segunda-feira, o sentimento vivido em Moscovo e principalmente no Ocidente era o de desapontamento. A grande prudência manifestada por Gorbachev no seu discurso demonstrou que a leitura da história soviética é ainda fruto de um compromisso entre as «forças conservadoras», denunciadas pelo próprio líder enquanto foco de resistência à perestroika, e os adeptos da reforma.

Gorbachev condenou severamente Leon Trotski e o trotskismo, que considera ser um «ataque contra o leninismo». Indicou que a reabilitação de Boukharine, pai da política económica soviética dos anos 20, será apenas parcial e não mencionou a sua execução, em 1938, após um julgamento sumário. Boukharine continua a ser para o Kremlin um «teórico de grande valor», mas também um «homem que se enganou na apreciação da situação concreta dos anos 30». Denunciou o culto da personalidade e a repressão que acompanhou o tempo de Staline, mas frisou o seu «papel positivo» na construção do socialismo e na condução da Segunda Guerra Mundial. «Os erros políticos cometidos por Staline e a sua equipa são enormes e imperdoáveis», afirmou, para acrescentar que o «culto da personalidade não é inevitável». Gorbachev confirmou ainda a existência de uma comissão especial encarregada de estudar a reabilitação das vítimas de Staline e também de uma outra que deverá reescrever a história deste período. Considerou, contudo, que a colectivização forçada da agricultura dos anos 20 e 30 foi «uma acção histórica e grandiosa» apesar de não estar «isenta de excessos».

Elogiou também Nikita Kruschev pela coragem demonstrada há 30 anos quando, no 20º congresso do PCUS, cujo relatório final está ainda por publicar, denunciou os crimes de Staline, mas considerou correctas as críticas de «subjectivismo e voluntarismo» que levaram ao seu afastamento.

No entanto, a URSS de hoje já não é mais o país onde a palavra do líder tem o valor da verdade absoluta. Historiadores e analistas soviéticos consideram que o discurso e o livro de Gorbachev estão longe de esgotar o que se pode e deve dizer sobre o passado e afirmam mesmo que no dia 2 de Novembro o «número 1» do Kremlin recuou em relação a algumas posições anteriormente assumidas sobre os temas em foco.

Reforço da oposição

Um recuo que traduz, afinal, um compomisso. O discurso de Gorbachev foi aprovado na reunião do Comité Central de 21 de Outubro e em Moscovo afirma-se que da versão inicial apenas ficaram a introdução e as primeiras conclusões. Segundo observadores em Mosocvo, o líder soviético terá preferido ceder em questões simbólicas, mas que são já pertença do passado, em troca de uma maior liberdade no que respeita ao presente e à política externa actualmente conduzida pela URSS.

E, na verdade, Gorbachev foi mais igual a si próprio quando chegou o momento de falar da «perestroika» e da «glasnost» (transparência).

Segundo ele, os próximos três anos serão decisivos para o futuro da URSS, para as transformações da economia em curso que, segundo ele, «são as mais importantes, as mais radicais, depois da introdução da nova política ecnómica em 1921», com Boukharine...

O líder do Kremlin alertou ainda para o perigo que representam as «forças conservadoras apostadas em desacreditar as reformas, por considerarem que a modernização constitui uma ameaça aos seus interesses egoístas» e afirmou, por fim, que «é necessário alargar e consolidar os direitos humanos e aprender a democracia».

O episódio Yeltsin

Quando, em Março de 1985, foi eleito secretário-geral, Mikhail Gorbachev tinha pouco por onde escolher: o sistema caminhava para o colapso e só uma «nova revolução» poderia inverter o seu destino. Desde então, o líder soviético tem enfrentado um aparelho com décadas de poder, que se concebeu a si próprio com o fim de ser indestrutível. A surpresa inicial causada pelas sua política transformou-se já em resistência e o próprio líder reconheceu que se assite hoje a um incremento da oposição movida pela «nomenklatura».

Palco de confronto parece ter sido, aliás, a reunião do Comité Central de 21 de Outubro, no final da qual o responsável pelo partido em Moscovo e hcmem da «glasnost» por execelência, Boris Yeltsin, apresentou a sua demissão.

Na base da sua decisão, que deverá ser analisada pelo Politburo após as comemorações do 7 de Novembro, esteve, segundo tudo indica, uma acesa discussão que manteve durante a reunião com o «número dois» do Kremlin, Ligachev, responsável pelos assuntos ideológicos do partido e que se tem vindo a distanciar da política conduzida por Gorbachev.

Para Yeltsin, o ritmo da «perestroika» é demasiado lento e o poder excessivamete permissivo para aqueles que tudo fazem para a sabotar. Num encontro recente com diplomatas estrangeiros em Moscovo, Yelstin referiu-se assim ao seu trabalho: « Escavamos, escavamos e contudo não vemos o fundo dos poços de sujidade. É preciso estripar esta sujidade. Estamos a tentar romper os laços criminais, isolar os dirigentes corruptos e instalar no seu lugar gente honesta e devotada.»...

Em quase 70 anos

Só 83 pessoas foram membros efectivos do Politburo soviético

O poder dos sovietes tornou-se com Staline no poder do Politburo, mais exactamente no da Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética. Desde então tem sido este o verdadeiro centro do poder na União Soviética.

Sabe-se que nas suas reuniões são debatidas tanto questões gerais, como técnicas, que as nomeações que têm de recolher o seu aval abrangem os postos mais importantes do partido e do país. E, no entanto, em quase 70 anos, apenas 83 pessoas foram membros efectivos do Politburo. Ao longo de todo este tempo só uma mulher teve assento no orgão máximo do partido: Katerina Fourtseva, que ali permaneceu entre 1957 e 1961.

A primeira comissão política do partido foi criada na véspera da revolução de 1917 por Lénine, mas viria a desaparecer pouco depois. Para o PC da altura o orgão mais importante era o Comité Central. Foi só em Março de 1919 que passou a existir, oficialmente, um Politburo com cinco membros: Lénine, Staline, Trotski, Kamenev e Krestinski. No congresso em que foi eleito estipulava-se que qualquer outro memebro do Comité Central poderia asistir às reuniões da Comissão Política. Desde então o número de efectivos do Politburo tem variado de 10 a 15 e o de suplentes de 3 a 10.

Com o reforço absoluto do seu poder, o Politburo ganhava uma característica que marcou as eras de Staline e de Brejnev: a longa permanência de alguns dos seus membros nos cargos que ocupavam. Alguns exemplos: Staline e Vorochilov tiveram assento na Comissão Política durante 34 anos; Anastase Mikoian, com 31 anos como efectivo e 9 como suplente; Molotov (31 anos); Souslov (27anos); Brejnev e Kruschev (25 anos cada). . Mas, como recorda Michel Tatu num artigo publicado no«Le Monde», a extraodinária longevidade de alguns dos efectivos do Politburo foi contrabalançada no tempo de Staline pela «alta mortalidade» de outros: 10 membros efectivos foram executados, três foram assassinados (Kirov e Jdanov durante os seu mandatos e Trotski após ter caído em desgraça) e dois suicidaram-se. Ou seja, um total de quinze mortes violentas.

Em Lisboa como no Porto

BOLSAS BLOQUEIAM NA BAIXA

Sem compradores e com uma multidão de vendedores, as cotações nas Bolsas portuguesas descem diariamente 5 por cento e o valor das transacções efectuadas faz lembrar os tempos de 1985, quando a Bolsa, para a maioria dos cidadãos e das empresas nacionais, não era mais que uma lembrança e um desejo.

O reduzido número de compradores de papel fez ontem com que a soma dos volumes de negócios das duas Bolsas nacionais fosse inferior a um milhão de contos. O total de negócios das duas praças ficou-se ontem pelos 885 540 contos, nível idêntico aos registados no período anterior ao «boom» bolsista português, ocorrido no início de 1986.

Na Bolsa de Lisboa, que em média – mesmo no actual período de quebra – negociava diariamente mais de um milhão de contos, o volume de negócios de ontem cifrou-se em 762 540 contos. Na praça nortenha, as transações não foram além dos 123 mil contos. No total, mudaram de mãos apenas 152 814 títulos, 129 814 dos quais em Lisboa.

O mercado está claramente bloqueado em baixa, ou seja, as posições de vendedor acumulam-se, sem que haja transacção por não haver compradores disponíveis. A situação é exactamente oposta à ocorrida três semanas atrás, quando o mercado estava bloqueado em alta, acumulando-se as posições de comprador sem haver quem vendesse. Nessa altura as cotações subiam diairamente o máximo legal de cinco por cento, enquanto actualmente, e sem transacções, descem quotidianamente o mesmo limite legal.

A situação começa a revestir-se de alguns aspectos dramáticos, especialmente na praça nortenha, onde já começam a ser habituais cenas de choro e desespero de investidores, à porta dos corretores, ao saberem que as suas ordens de venda não foram satisfeitas, apesar de serem diariamente dadas, sempre com preços mais baixos. A serem verdadeiros os boatos que há tempos circulavam de que a banca estava a conceder crédito para investimento bolsista, alguns investidores estarão agora em sérias dificuldades para satisfazer os seus compromissos com os bancos.

Entretanto, a Cerâmicas Estaco, SA decidiu suspender uma OPV de 135 mil títulos, em resultado da descida acelerada das cotações nas últimas semanas.

Anúncios de OPV's

• **A Soja de Portugal, SA** vai realizar, dia 23 na Bolsa do Porto, uma OPV de 63.180 acções próprias da empresa, de valor nominal de 1.000 escudos e correspondentes a 7,9 por cento do capital. O preço base é de 12 mil escudos e a operação é tomada firme pelos bancos Português de Investimentos (líder) e Português do Atlântico. As ordens de compra podem ser entregues naqueles bancos até dia 18, ou na Bolsa do Porto até às 12 horas de dia 19. As acções da Soja de Portugal cotaram–se ontem a 18.750 escudos em Lisboa e a 18.600 no Porto.

• **A Sonicel, SA** anunciou a realização de uma OPV de 125 mil acções de valor nominal de 1.000 escudos, representando 25 por cento do capital. Após a OPV a Sonicel solicitará a admissão à cotação em Lisboa e Porto e aumentará o seu capital 500 para 600 mil contos. O produto da OPV será investido um empreendimento turístico em Vilamoura A Sonicel representa em Portugal a Rolls–Royce, marca de que já vendeu três viaturas por 40 mil contos cada.

Aumentos de capital

• **A Proemba, Produtos de Embalagem, SA**, vai aumentar o seu capital de 144 para até 250 mil contos. A operação, liderada pelo Banco Pinto e Sotto Mayor, deverá ser relalizada com a emissão de 76.000 acções, das quais 55 mil para o público (subscrição de 28 a 30 de Dezembro) e o restante para os accionistas e colaboradores da empresa (subscrição de 9 a 22 de Dezembro). A empresa vai pedir, dia 23 de Novembro, a admissão das suas acções à cotação em Lisboa.

• **A Oliveira e Ferreirinhas, SA** vai aumentar o seu capital de 1.100 para 1.320 mil contos, uma vez que os 283.644 contos conseguidos na OPV de segunda–feira passada são insuficientes para financiar os investimentos previstos. O aumento será realizado por emissão de 220 mil novas acções, a serem subscritas pelos accionistas a 1.550 escudos cada. Fonte da empresa disse que a Bolsa de Lisboa já decidiu a admissão à cotação das suas acções no mercado oficial.

Resultados de Setembro

• **A SFP - Sociedade Financeira Portuguesa**, registou nos primeiros nove meses do ano um resultado provisório de 3,2 milhões de contos, enquanto no primeiro semestre registara 2,6 milhões e em 1986, 227 mil contos. O crédito concedido ascendeu a 24,9 milhões de contos (19 milhões no primeiro semestre).

• **A filial portuguesa do BNP - Banque National de Paris**, obteve nos primeiros nove meses do ano lucros de 267 mil contos, que quase dobram os do primeiro semestre (139,6) e ultrapassam os de todo o ano passado (210,5). O crédito concedido até fim de Setembro foi de 14,9 milhões de contos (13,9 no primeiro semestre), as aplicações em Bilhetes do Tesouro 4,7 milhões (5,4) e as acções, obrigações e quotas 680 mil contos (480). Os depósitos à ordem somavam 1 milhão de contos e a prazo 6,8.

Fundo de investimento

• O fundo de investimento mobiliário **Invest** sofreu uma depreciação da sua carteira de 6,3 por cento entre 16 e 30 de Outubro, altura em que totalizava 46,529 milhões de contos. A alteração mais substancial da carteira de títulos respeita à componente obrigações, que passou de 20,945 para 23,555 milhões de contos.

Outras notícias

• Os **açorianos** estão a reorientar a colocação das suas poupanças. Confrontados com a exigência da banca comercial de um valor mínimo para depósitos a prazo, os pequenos aforradores açorianos recorrem à compra de bilhetes do tesouro, procurando limitar o recurso a depósitos à ordem. Em meados do ano, o acumulado de bilhetes do tesouro vendidos em apenas uma das instituições de crédito que operam nos Açores era de 3 milhões de contos.

EUA decidiram deixar cair o dólar

A queda abrupta que o dólar ontem conheceu, com quebras recorde em relação ao iene, marco alemão e franco suíço, parece ter constituído uma resposta a declarações do secretário de Estado do Tesouro norte–americano ao «Wall Street Journal».

Na sua primeira declaração de fundo desde o início da crise nos mercados bolsistas mundiais, James Baker confirmou que os EUA decidiram deixar baixar o dólar relativamente às outras duas moedas–chave, o marco alemão e o iene japonês. «O mercado fez–lhe a vontade», comentou um operador num banco londrino.

Baker, salientou no entanto que é preciso evitar uma queda livre da divisa norte–americana, pois isso seria contrário ao objectivo de fomentar o crescimento nos EUA e no Japão. O responsável norte–americano frisou ainda que, para os EUA, não será possível qualquer acordo monetário sem que os outros países adoptem políticas económicas compatíveis com as taxas de juro pretendidas. Baker pediu novamente à Alemanha Federal e ao Japão que se comprometam com um crescimento económico mais forte.

A decisão tomada ontem pelo banco central da RFA de baixar uma das suas taxas de juro de 5 para 4,5 por cento, embora acolhida com agrado, provocou alguma decepção, pois o Bundesbank manteve inalterada a sua taxa de desconto, fixada desde 22 de Janeiro em 3%.

Entretanto, impelida pela descida da taxa de juro primária nos EUA, a Bolsa de Wall Street fechou ontem em franca toada de alta, com o índice industrial «Dow Jones» a subir 40,12 pontos, fechando a 1.985,41 - ainda abaixo do «mínimo psicológico» de 2.000 pontos.

Câmara de Comércio Lusuíça: Soares presidirá à fundação

Mário Soares vai presidir, na próxima segunda-feira, à cerimónia de fundação da Câmara de Comércio Luso-Suíça. Presente vai estar também o ministro helvético da Economia, Jean Pascal Delamuraz, que se desloca a Portugal para o efeito. O ministro da Indústria, Mira Amaral, vai ser o representante do Governo português na cerimónia. A ideia da criação desta Câmara nasceu de um grupo de empresários, nacionais e helvéticos, que se começaram a reunir espontaneamente numa associação, sem estrutura jurídica, denominada Groupe des Hommes D'Affaires.

Bagão Félix fala em Bruxelas de relançamento e desemprego

O secretário de Estado do Emprego, Bagão Félix, declarou em Bruxelas, que o relançamento económico e a criação de novas empresas são os elementos fundamentais da luta contra o desemprego de longa duração. O responsável português assistia à reunião do Comité Permanente do Emprego, durante a qual os doze Estados membros analisaram, juntamente com representantes do patronato e dos trabalhadores, o memorando da Comissão Europeia sobre a luta contra o desemprego de longa duração. Bagão Félix, depois de referir a situação em Portugal e a existência no campo do desemprego de longa duração de problemas idênticos aos da Comunidade Europeia, apresentou o desafio actual que consiste em obter um «maior equilíbrio entre as políticas económicas e o mercado». «Este desafio é tanto mais importante na medida em que ele coincide com a realização do grande mercado interno e impõe-se igualmente na perspectiva da coesão económica e social» disse o secretário de Estado português.

FEDER comparticipa em 23 projectos açorianos

Vinte e três projectos de investimento da Região Autónoma dos Açores vão ser comparticipados pelo Funco Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) com 6,1 milhões de contos. Trata-se de projectos referentes a investimentos em infra-estruturas de transporte, energia, educação e de saúde nas ilhas, no valor global de 14,4 milhões de contos. Os projectos com maior comparticipação do FEDER são os portos da Praia da Vitória (Terceira) e Vila do Porto (Santa Maria), com 1,3 milhões de contos no conjunto. Para a central térmica do Caldeirão e para as hidroeléctricas do Canário e Ribeira Quente (S. Miguel), o FEDER aprovou 1,1 milhões de contos.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51$90	57$90
ALEMANHA FED. (marco)	79$65	80$85
ÁUSTRIA (xelim)	11$30	11$50
BÉLGICA (franco)	3$615	3$865
BRASIL (cruzado)	1$303	2$003
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	102$60	104$10
(notas de 5 a 1000)	103$10	104$60
DINAMARCA (coroa)	20$60	21$00
ESPANHA (peseta)	1$155	1$275
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	134$25	137$75
(notas de 5 a 1000)	134$75	138$25
FINLÂNDIA (marka)	32$40	33$00
FRANÇA (franco)	23$50	24$20
HOLANDA (florim)	70$80	71$90
IRLANDA (libra)	212$90	216$90
ITÁLIA (lira)	$098	$113
JAPÃO (iene)	$952	1$017
NORUEGA (coroa)	21$10	21$60
REINO UNIDO (libra)	239$15	243$65
SUÉCIA (coroa)	22$15	22$65
SUÍÇA (franco)	96$85	98$35
VENEZUELA (bolívar)	4$055	5$055

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

AUMENTO DOS SALÁRIOS REAIS FIXADO NOS 2%

A descida da inflação, o dinamismo do investimento, o aumento do emprego e a redução do peso do défice do sector público, são os objectivos centrais da política económica do Governo para o próximo ano, segundo se lê no projecto de Grandes Opções do Plano (GOP's) para 1988.

Estes objectivos deverão ser alcançados «mantendo controladas as contas externas», salienta-se no documento que hoje foi entregue no Conselho Nacional do Plano para emissão de parecer.

SÃO QUATRO AS GRANDES OPÇÕES DO PLANO PARA O PRÓXIMO ANO:

1 – *Aproximar a economia portuguesa dos níveis europeus*
2 – *Valorizar o potencial humano e cultural*
3 – *Organizar o espaço e modernizar as infra-estruturas*
4 – *Favorecer a inovação institucional e reforçar a solidariedade social*

No capítulo do documento dedicado ao enquadramento macroeconómico, o Governo enumera os seus objectivos para 1988 relativos ao comportamento dos principais indicadores económicos, e faz uma previsão da variação dos mesmos até ao final deste ano.

Assim, são as seguintes as taxas de variação pretendidas pelo Executivo de Cavaco Silva para as principais variáveis macroeconómicas em 1988, comparadas com as previstas (em 23 de Outubro) para o corrente ano:

	1987	1988
Procura interna total	+ 8,1%	+ 4 %
— Consumo privado	+ 6,8%	+ 3 %
— Investimento	+ 16,0%	+ 8 %
Exportações de bens/serviços	+ 10,0%	+ 5,75%
Importações de bens/serviços	+ 20,0%	+ 6 %
Produto Interno Bruto (PIB)	+ 5,0%	+ 3,75 %
Inflação anual	+ 9,0%	+ 5,5/6,5%

O Governo salienta ainda que o andamento mais moderado da procura global, designadamente do consumo e do investimento, determinará uma acentuada desaceleração do crescimento das importações, em 1988, para cerca de 6 por cento. O consumo interno deverá crescer um por cento.

Admite, no entanto, uma evolução desfavorável das razões de troca, superior a 2 pontos, «o que acentuará a deterioração do défice da balança de bens e serviços».

O défice da balança de transacções correntes deverá situar-se, no próximo ano, entre 200 a 400 milhões de dólares, contra um saldo positivo, previsto para o corrente ano, de 1,4 milhões de dólares.

No que respeita à política cambial, o Executivo afirma que continuará um rigoroso controlo da despesa, de forma a assegurar o prosseguimento da redução do peso do Estado na economia.

Quanto à política cambial, o documento assinala que se espera que a desvalorização entre Dezembro de 1987 e o mesmo mês de 1988 possa situar-se nos 3,5 por cento.

Por seu turno, a política monetária, segundo o Governo, terá um papel determinante no nível da procura interna, via preço e volume de crédito, devendo reforçar-se o papel da taxa de juro como regulador natural do mercado.

Outras previsões:

Consumo interno ..	+ 1 %
Salários reais	+ 2 %

Para o Governo, a contenção do financiamento bancário não põe em causa a meta definida para o investimento, «pois as empresas dispõem, actualmente, de fontes alternativas de financiamento».

No capítulo destinado à política de rendimentos e concertação social, o documento indica que os salários nominais deverão conhecer uma desaceleração consistente com o objectivo para a inflação e com o reforço da capacidade de autofinanciamento das empresas. Os salários reais deverão no entanto acusar uma subida de 2 por cento.

O documento com o projecto do Governo de GOP's para 1988, intitulado «Desenvolver e modernizar o País», inclui ainda capítulos dedicados a cada uma das 4 grandes opções, ao enquadramento comunitário, à evolução e perspectivas da economia internacional e ao PIDDAC/88 (Programa de Investimento e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central).

"Valorizar o potencial humano e cultural"

Educação, formação profissional, ciência e tecnologia, cultura, Comunicação Social, juventude e desporto e comunidades portuguesas, são os factores estratégicos no contexto da «valorização do potencial humano e cultural».

Na área da educação, o Governo considera que 1988 é o ano decisivo para o lançamento da reforma do sector, ditada pela Lei de Bases do Sistema Educativo.

Além do reforço do investimento em infra-estruturas educativas, será lançado em 1988, um primeiro conjunto de acção e medidas de política basilares para a evolução ulterior do processo de reforma, garante o Governo.

Quanto à formação profissional, o documento indica que será elaborada em 1988 uma lei-quadro da formação profissional e serão revistas a lei de formação e cooperação e a lei de aprendizagem.

Sobre a ciência e tecnologia, o executivo vai dotar, no PIDDAC, a Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnologia (JNICT) de um montante superior, em termos reais, ao de 1987, em cerca de 38 por cento.

Os montantes atribuídos ao orçamento de ciência e tecnologia atingirão os 22,4 milhões de contos, o que representará cerca de 0,4 por cento do PIB.

Na Comunicação Social, segundo o documento, proceder-se-á à liberalização do sector, limitando-se o Estado a garantir um serviço público mínimo de Rádio e Televisão.

O serviço público de radiodifusão será regionalizado, ao mesmo tempo que se procederá à modernização de todo o sector e prosseguirá o esforço de apoio à Imprensa regional, indica o Governo.

Por seu turno, para o Governo, 1988 será um ano determinante para a estruturação da política de juventude, pelo que a verba atribuída ao sector no PIDDAC/88 é superior em 57 por cento, em termos reais, à do ano passado.

Aproximar a Economia dos níveis europeus

Portugal tem de continuar a conseguir, nas próximas décadas, ritmos de crescimento significativamente superiores aos da média comunitária, próximos dos 4 po cento ao ano.

Esta é a ideia central da primeira Grande Opção do Plano para 1988, designada «Aproximar a economia portuguesa dos níveis europeus».

O Governo considera, todavia, que seria «um erro grave supor que aproximar a economia portuguesa dos níveis europeus significa forçar ao máximo, no curto prazo, o crescimento económico, não cuidando das tensões que os actuais desequilíbrios estruturais brevemente transformariam em rupturas».

Defende, assim, um processo controlado e sustentado, de forma a que não surja a necessidade de recorrer de novo a políticas de estabilização financeira, que interrompam o processo de desenvolvimento.

Para o Executivo, o crescimento económico será um resultado da transformação estrutural que o sector privado efectuar, no sentido de se atingirem mais elevados níveis de eficiência em sectores como «a agricultura, as pescas, a indústria (energia e construção) e o comércio e turismo».

Prevê-se que, em 1988, o total de apoios a conceder, no âmbito do **PIDDAC,** à actividade produtiva daqueles 4 sectores, atinja 33 milhões de contos, os quais, acrescidos dos cofinanciamentos comunitários, ascendem acerca de 20 por cento do total do investimento desses sectores.

Este montante representará 20,2 por cento das verbas do Orçamento do Estado (OE) consagradas a investimentos e despesas de desenvolvimento, quando em 1987 não foi além dos 10,3 por cento, acrescenta o documento.

Por outro lado, os apoios ao investimento privado na agricultura e pescas envolvem o volume de meios financeiros mais significativos: cerca de 21 milhões de contos.

O Governo revela ainda que será lançado, em 1988, um programa nacional de interesse comunitário de incentivo à actividade produtiva, com uma dotação de 10 milhões de contos, além do **PEDIP** (indústria) e do **PEDAP** (agricultura).

7.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
ANÚNCIO
CITAÇAO

FAZ SABER QUE PELA 1.ª Secção deste 7.º Juizo Cível de Lisboa correm termos uns Autos de EXECUÇÃO DE SENTENÇA registados sob o n.º 4755/B/84, por apenso à Acção Sumária com o n.º 4755/84, em que são EXEQUENTE – A COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP e EXECUTADO – LUÍS MANUEL FERREIRA LIMA, com última residência conhecida em PINHAO – ALIJÓ, e actualmente em parte incerta. E este executado citado para no prazo de CINCO DIAS, finda que seja a dilação de mais TRINTA DIAS, contada da segunda e última publicação deste anúncio pagar à Exequente a quantia de 306 194$00, e juros vincendos à taxa de 30,5% sobre a quantia de ESC. 132 945$00, desde 30/5/87, até integral pagamento, ou para no mesmo prazo nomear bens à penhora, suficientes para garantia e pagamento não só da quantia exequenda mas também das custas prováveis da presente execução de Sentença, sob pena de, não o fazendo, se devolver esse direito à exequente (conforme tudo melhor consta na petição inicial, cujo duplicado se encontra patente neste Juizo e secção – 5.º Piso – Palácio da Justiça).

Lisboa, 26 de Outubro de 1987.

O JUIZ DE DIREITO
a) António Alberto C. Saraiva Coelho

A ESCRIVA ADJUNTA
a) Maria Luisa Pereira Barão Dias

«DL» 6/11/87 – 2.ª PUB.

5.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO

Proc 9572 Acção Ordinária 3.ª Secção

(Reivindicação de propriedade)

Autor — Leonel Candeias Robalo

Réus — Adérito Paixão Leitão e Outra, ausente em parte incerta e c/última residência conhecida sita na Rua de Cabo Verde, Lote 36 – 1.º Dt.º Olival de Basto-Odivelas.

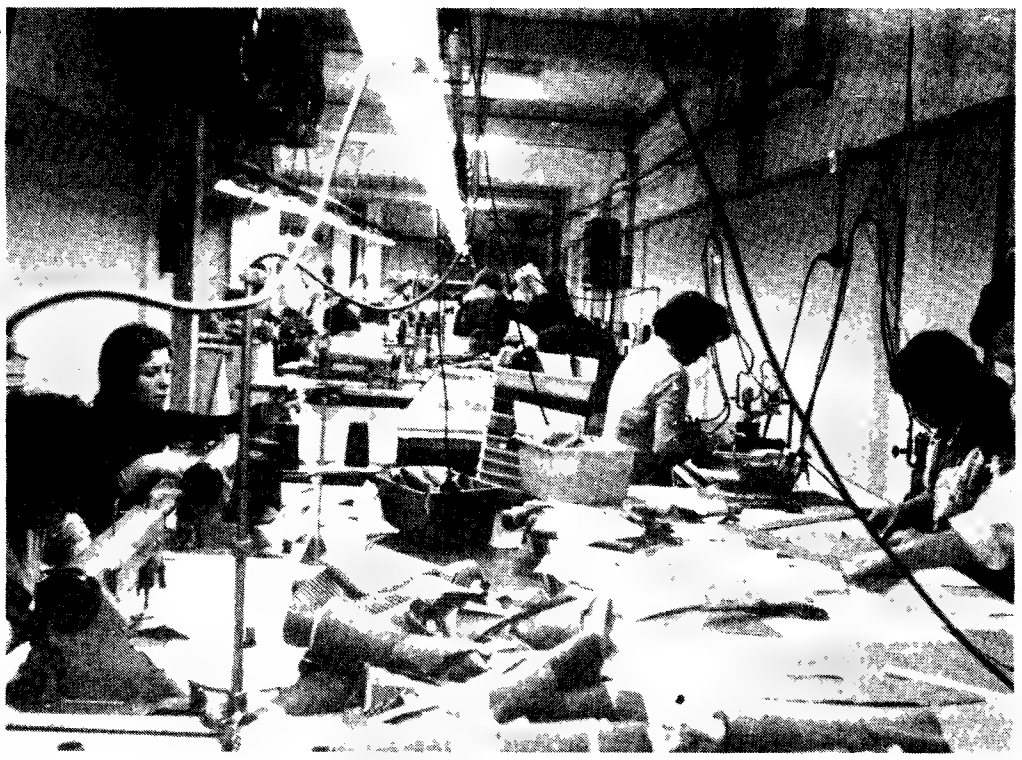
Por este Tribunal correm éditos de Trinta dias contados da segunda e ultima publicação do presente anúncio, citando o Réu Adérito Paixão Leitão, para no prazo de VINTE DIAS findo o prazo dos éditos, desocupar a casa constante dos Autos e a indemnizar o condomínio em importância nunca inferior a Esc - 426 120$00 tudo como melhor consta do duplicado da petição inicial que nesta Secretaria se encontra à disposição do mesmo

Lisboa, 87/11/3

O Juiz de Direito,
(Assin. ilegível)

O Escrivão Adjunto,
(Assin. ilegível)

«DL» 6/11/87 — 1.ª Pub.



O aumento do investimento e da produtividade são defendidos nas GOP's

Verbas do PIDDAC/88 aumentam 9%

Os investimentos e as despesas do Estado em 1988 ascenderão a cerca de 174,9 milhões de contos, o que corresponde a um acréscimo, em termos reais, de 9 por cento, relativamente a 1987.

Do montante total envolvido no Programa de Investimentos e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central (PIDDAC) para 1988, cerca de 163,4 milhões de contos serão financiados pelo Orçamento do Estado do próximo ano, mais adiantamentos do tesouro a regularizar em 1989.

No documento com as GOP's/88, o Governo sublinha que a inclusão dos diversos programas de investimento no PIDDAC - 88 foram objecto de uma análise selectiva, atendendo às prioridades governamentais.

Segundo o documento, são as seguintes as prioridades:

1 — *Aumento dos apoios ao sector produtivo. Dotações inscritas no PIDDAC para este efeito ascendem a 35 milhões de contos, mais 136 por cento relativamente a 1987.*

2 — *Reforço dos investimentos nos sectores da Educação (como um aumento de 12 por cento em termos reais), da cultura (mais 22 por cento) e da investigação científica (mais 12 por cento).*

3 — *Aumento dos investimentos relativos a estradas que ultrapassam em 1988 os 29 milhões de contos, um crescimento de cerca de 18 por cento em termos reais, relativamente ao corrente ano.*

Em conjunto, segundo o documento, as verbas atribuídas a estas prioridades representam cerca de 62 por cento do *PIDDAC* financiado pelo Orçamento do Estado e adiantamentos do tesouro.

As principais fontes de financiamento do *PIDDAC* são constituídas pela verba do *OE* e os adiantamentos do tesouro (que financiam, em conjunto, 93 por cento do total), pelo autofinanciamento de certos serviços e fundos autónomos (5,4 por cento) e por outras fontes, que incluem crédito interno.

Dentro do *OE*, são de registar as receitas gerais (que incluem cerca de 17 milhões de contos de co financiamentos comunitários *FEDER* relativos a projectos de infra-estruturas de administração central) e o crédito externo.

O crédito externo atingirá, em 1988, segundo o Governo, cerca de 11,2 milhões de contos, ou seja, 6,8 por cento do total do Orçamento do Estado, mais adiantamentos do tesouro e 6,4 por cento do total do *PIDDAC/88*.

O BEI e o *BIRD* são as instituições que concentram a quase totalidade do crédito externo (95 por cento).

O Governo esclarece ainda que, na elaboração do *PIDDAC/88*, foram autonomizadas duas categorias de investimento:

1 — *«PIDDAC tradicional», em que os projectos a financiar pelo Estado, e mesmo aqueles que são co-financiados pelo FDDER, são inscritos pela sua globalidade e representam quase 80 por cento do total.*

2 — *«PIDDAC I»* apoios ao sector produtivo», em que apenas se inscreveu a componente interna da despesa destinada ao sector produtivo, nos sistemas com co-financiamento comunitário, atingindo cerca de 20 por cento do total.

Por ministérios, verifica-se que o da Defesa Nacional foi o que viu a sua dotação mais aumentada relativamente a 1987 (181,3 por cento), seguindo-se o das Finanças (172,7 por cento), o da Administração Interna (114,7 por cento), o dos Negócios Estrangeiros (44 por cento), a Presidência do Conselho de Ministros (27,2 por cento) e o da Educação (17,2 por cento).

Os mais penalizados, em relação às dotações de que beneficiaram no *PIDDAC/87*, foram os Ministérios da Indústria e Energia (menos 59,7 por cento) do Emprego (menos 36,7 por cento), o da Saúde (menos 11,2 por cento) e o da Agricultura (menos 10 por cento).

Os Ministérios mais beneficiados

Defesa	+181.3%
Finanças	+172.7%
Administração Interna	+114.7%
Negócios Estrangeiros	+ 44.0%
Pres. Cons. Ministros	+ 27.2%
Educação	+ 17.2%

Os Ministérios mais penalizados

Indústria	—59.7%
Emprego	-36.7%
Saúde	—11.2%
Agricultura	—10.0%

"Organizar o espaço, modernizar as infra-estruturas"

No ano de 1988 dar-se-á início ao alargamento da ponte sobre o Tejo, no âmbito da modernização do sistema rodoviário, cuja dotação é uma das mais expressivas do PIDDAC, cerca de 29 milhões de contos.

A afirmação está contida no capítulo das Grandes Opções do Plano, «organizar o espaço e modernizar as infra-estruturas», onde se considera que o primeiro vector deve ser realizado numa perspectiva temporal alargada, não tanto através da «fixação pontual de objectivos mas, preferencialmente, por uma actuação persistente e continuada, com finalidades de médio e longo prazos».

«Trata-se de uma tarefa que ultrapassa a conjuntura actual, mas cujo enquadramento terá de começar a ser delineado já em 1988, num quadro de articulação entre política de desenvolvimento regional e política de ordenamento do território, por um lado e, por outro, de aprofundamento do relacionamento institucional e financeiro entre a administração central e a administração local».

São cinco as linhas de actuação consideradas fundamentais pelo Governo neste ponto: melhoria do suporte de informação estatística e cartográfica para o ordenamento do território, melhoria dos processos administrativos de planeamento territorial e gestão urbana, reestruturação e modernização do sistema urbano e melhoria de qualidade e eficiência do meio urbano, estudo e enquadramento de acções de ordenamento e recuperação do litoral e de promoção e apetrechamento de zonas fronteiriças e melhoria geral das acessibilidades inter e infra regionais.

O documento considera que 1988 será um ano importante para os programas integrados de desenvolvimento regional, designadamente com o lançamento das operações integradas de desenvolvimento do norte alentejano e da península de Setúbal.

Para além destas medidas a médio ou longo prazo, prosseguirá e será reforçada em 1988 a execução de um conjunto de intervenções directamente orientadas para a modernização do parque de infra-estruturas.

Considerando as telecomunicações um dos pilares da «sabedoria» moderna e do processo de desenvolvimento económico, o Governo considera a primeira grande resposta a este desafio o lançamento, em 1988, do programa comunitário STAR, que conta com o apoio do FEDER, num montante de cerca de 3,5 milhões de contos (para o próximo ano).

Prosseguirá «em ritmo acelerado» a expansão e modernização dos serviços tradicionais e será implementado o Instituto das Comunicações de Portugal.

Na área dos transportes, está em fase de conclusão a elaboração de estudos do plano de transportes internacionais, com base no qual serão tomadas decisões consideradas vitais para a salvaguarda das posições portuguesas no ordenamento do conjunto do sistema de transportes, de interesse europeu, de Portugal e Espanha.

Em 1988 prosseguirão as acções com vista à desregulamentação e liberalização graduais do mercado e serão revistos e simplificados os regulamentos dos transportes rodoviários a partir da Lei de Bases dos Transportes Terrestres, que será o suporte para a reconversão da exploração ferroviária e o redimensionamento da rede.

Na mesma área, o Governo refere ir continuar a adoptar medidas para garantir a igualdade do tratamento entre empresas públicas e privadas, ao mesmo tempo que prevê uma maior intervenção dos poderes locais no planeamento e gestão dos transportes nas regiões urbanas.

Quanto ao transporte aéreo será aberto o serviço regular no interior do continente a novos operadores sob o regime de licenciamento ou concessão, ao passo que na Marinha de comércio prosseguirá o apoio à renovação da frota nacional.

Sobre o sistema rodoviário, e no âmbito da implementação dos anéis urbanos na Grande Lisboa e Grande Porto, é anunciado o início das obras num lanço da circular Miraflores-Buraca e da auto-estrada da costa do Estoril, bem como o começo do alargamento da ponte sobre o Tejo.

No programa de modernização da rede fundamental de estradas, dotado em 1988 com 12 milhões de contos, as maiores vendas vão para as ligações Porto-Vila-Real Bragança, com 3,4 milhões de contos, e Aveiro-Vilar Formoso, com 3,3. Para a modernização da rede complementar são destinados 13 milhões de contos. Estes dois investimentos rondarão 65 por cento do total a investir pela Junta Autónoma das Estradas.

Na rede ferroviária destaca-se o melhoramento das linhas do Norte e Beira Alta, os trabalhos no nó ferroviário do Porto e a preparação das obras de remodelação do de Lisboa. No sector das pescas vai procurar-se melhorar os portos, com obras de 1,5 milhões de contos, enquanto nos domínios do ambiente, água e saneamento básico prosseguirá o equipamento dos parques e reservas naturais e dar-se-á início à instalação da rede nacional de laboratórios de qualidade do ambiente.

Para a educação, a verba consignada no PIDDAC é superior, em termos reais, em 10,6 por cento, relativamente a 1987. Parte importante — 16 milhões de contos — vai para a instalação e apetrechamento do ensino básico e secundário.

Na área da saúde, a meta é eliminar a desarticulação entre os diversos níveis de unidades de prestação de cuidados de saúde e a insuficiência de resposta nas grandes áreas metropolitanas. Está prevista uma verba de 1,4 milhões de contos para a rede de centros de saúde, a fim de desanuviar as urgências dos hospitais principais, os quais receberão para remodelação, ampliação e reapetrechamento cerca de 6 milhões de contos.

No sector da justiça, trata-se de procurar recuperar e alargar infraestruturas, estando ainda programada a construção de novas prisões. Vai ainda avançar-se, diz o Governo, no sentido da informatização da Justiça e dos serviços de registos e do notariado.

- Ponte sobre o Tejo — início do alargamento em 88 (29 milhões de contos)
- Lançamento das operações integradas de desenvolvimento do Norte alentejano e da Península de Setúbal
- Lançamento do programa comunitário «Star» (3,5 milhões de contos)
- Transporte aéreo: abertura do serviço regular, no interior do Continente, a novos operadores
- Marinha Mercante: apoio à renovação da frota nacional
- Implementação dos anéis rodoviários urbanos da Grande Lisboa e lançamento da auto-estrada da Costa do Estoril
- Prioridade, nas estradas, à ligação Porto/Vila Real/Bragança

Fotógrafos espanhóis queixam-se à UEFA

A Associação Nacional de Informadores Gráficos de Espanha (ANIGP) enviou uma carta de protesto à UEFA, pela agressão ao fotógrafo Javier Galvez no Porto e solicitou a abertura de um processo disciplinar ao delegado das Antas, Teles Roxo.

Um comunicado da ANIGP pede uma sanção de acordo com a falta de educação cívica e desportiva do dirigente portista, durante o encontro da segunda mão da Taça dos Campeões Europeus de futebol entre o FC Porto e o Real Madrid, disputado quarta-feira no Estádio das Antas.

Os jornais espanhóis informaram também que o repórter-fotográfico do jornal desportivo «As» Javier Galvez foi agredido pelo delegado de campo do FC Porto, Teles Roxo, no final do encontro e quando se encontrava no exercício das suas funções profissionais.

A ANIGP argumenta ainda que «se são castigados os clubes pelos actos de violência dos espectadores por lançarem objectos para o terreno de jogo muito mais devem realizar-se contra indivíduos como o português Teles Roxo».

●

O «DL» está habilitado a informar que o dirigente Teles Roxo nada teve a ver com as alegadas agressões de que se queixam os nossos companheiros espanhóis e, naturalmente, que o delegado uefeiro presente ao jogo não deixará de isentar aquele dirigente da acusação que lhe é feita.

Bombas de gás no Hadjuk-Marselha

Quinze pessoas ficaram feridas quando bombas artesanais de gás foram lançadas para o meio do público e para o relvado durante o jogo entre o Hadjuk Split e o Olympique de Marselha, para a Taça das Taças, em futebol.

O vento espalhou o gás pelas bancadas e pelo relvado obrigando [illegible] mil espectadores a procurar refúgio no exterior do estádio [illegible]ndo no pânico que se gerou ficado feridos 15 adeptos.

Os feridos foram transportados para o hospital local, tendo dois deles necessitado de internamento.

Por decisão do árbitro, o encontro esteve interrompido durante 33 minutos, tendo o jogo recomeçado com apenas 15 mil espectadores, pois muitos dos apoiantes do Hadjuk não regressaram aos seus lugares temendo novos incidentes.

Um relatório completo sobre o incidente, verificado aos nove minutos de jogo, será enviado à UEFA, sendo de prever que este organismo desportivo tome medidas disciplinares ou aplique multas ao Hadjuk Split.

Espanhol-Milão teve pancadaria

Confrontos entre adeptos do Espanhol e do AC Milão registados em Barcelona antes do início do encontro causaram 11 feridos.

Num dos incidentes a Polícia disparou para o ar para terminar com o combate entre claques rivais e, segundo a Polícia espanhola, a responsabilidade pelos confrontos foi dos italianos, um dos quais foi preso.

Quatro dos feridos foram transportados ao hospital.

Stein ingressa no Eintracht

Ulli Stein, ex-guarda-redes internacional da RFA, caído em desgraça no Hamburgo depois de ter esmurrado um adversário, foi transferido para o Eintracht Frankfurt.

Stein foi transferido por 500 000 marcos (cerca de 41 000 contos) e vai já estrear-se sábado no seu novo clube, em jogo do campeonato contra o Schalke.

O ex-internacional, de 33 anos, fora suspenso em Julho passado pela direcção do Hamburgo, depois de ter socado um adversário, Juergen Wegmann, na Supertaça da RFA, contra o Bayern de Munique, jogo televisionado em directo para o país.

Mansell com problemas respiratórios

O piloto britânico da Williams, Nigel Mansell vai sujeitar-se a novo exame de raio-X antes de se decidir pela sua comparência no último Grande Prémio de Formula Um, que se disputa na Austrália, a 15 do corrente.

Mansell perdeu as esperanças de conquistar o título mundial quando foi vítima de um acidente nos treinos do último Grande Prémio no Japão, o qual antecipou por outro lado a conquista do 3º título mundial pelo seu colega de equipa, o brasileiro Nelson Piquet.

Um médico especialista confirmou que Mansell possui alguns problemas com a respiração.

JORDÃO: LUZ VERDE PARA O REGRESSO

O treinador do Vitória de Setúbal, Malcolm Allison, bem como o preparador físico Roger Spry, deram «luz verde» para que a direcção do Vitória de Setúbal possa proceder à contratação de Jordão e a direcção do clube sadino irá a partir de agora estabelecer as conversações com o atleta de forma a que este possa defrontar o Sporting.

Significa, portanto, que a breve prazo, Jordão poderá ser jogador do Vitória de Setúbal.

O ex-avançado do Sporting, que desde há cerca de três semanas faz a sua preparação física no Estádio do Bonfim, manifestou aos dirigentes sadinos a vontade de continuar a carreira de futebolista e tudo indica que a contratação de Jordão deverá ser efectuada hoje após a reunião de direcção.

Se se concretizar o contrato com Jordão, o Vitória de Setúbal ficará com quatro ex-jogadores do Sporting, pois já tem nas suas fileiras Manuel Fernandes, Zezinho e Eurico.

Allison, Jordão e Manuel Fernandes: em Alvalade se conheceram no Bonfim se juntaram

Selecção: programa

A selecção portuguesa de futebol concentra-se hoje (15:30 horas) num hotel do Porto para iniciar o estágio que antecede o seu antepenúltimo jogo (último em casa) do grupo 2 de apuramento para o «europeu» de futebol.

As selecção «AA» e de «Esperanças» defrontam as congéneres suíças terça e quarta-feira, respectivamente, em jogos de apuramento para o campeonato da Europa.

O primeiro treino será ainda efectuado hoje (Bessa), enquanto amanhã as equipas «AA» e «Esperanças» voltam a treinar, de manhã, no Estádio da Maia, e à tarde, no Estádio do Aves; domingo à tarde as duas selecções fazem um treino de conjunto no Estádio das Antas e, na segunda-feira, as «Esperanças» treinam, de manhã, na Maia, e os «AA», à tarde, nas Antas.

No dia seguinte, as Esperanças jogam às 21 horas (Maia), enquanto os «AA» treinam de manhã e à tarde (Antas e Bessa).

A selecção «AA» joga quarta-feira nas Antas, as 21 horas.

Recorde-se, a próxima semana poderá decidir o apuramento do grupo 2, já que, três dias após o Portugal-Suíça, se realizará o Itália-Suécia, em que uma vitória dos nórdicos lhes garantirá a qualificação, assim se arrumando definitivamente a questão.

Em 5 de Dezembro, Portugal vai à Itália e em 29 a Malta, onde disputará não só o último jogo do grupo dois como o derradeiro de toda a fase de qualificação para o campeonato.

A importância destes dois últimos encontros está dependente dos resultados do jogo de quarta-feira no Porto e de sábado seguinte em Roma.

Federação castiga

O Conselho de Disciplina da FPF aplicou os seguintes castigos. Com 4 jogos de suspensão o brasileiro do Espinho, Marco António, o academista Pedro Xavier. Marinho (Rio Ave), Vasco (Penafiel), Diamantino (Chaves), Nivaldo (Portimonense) e Nunes (Marítimo) foram castigados com um jogo cada. Quanto a multas, a mais pesada incide sobre o Boavista: 20 contos, sendo ainda «contemplados», Farense (7 contos), Braga (2) e o técnico Raul Águas com 15 dias de repouso e o pagamento de 27 500$00.

Taça: acertos

O Murça afastou o Mogadourense, por 6-0, e deslocase ao campo do Vitória de Guimarães em encontro da 3.ª eliminatória da Taça de Portugal, marcada para dia 22.

Nos jogos de desempate ontem disputados verificaram-se os seguintes resultados: Maia-Sanguedo 5-0, Murça-Mogadourense 6-0, Pessegueirense-Os Nazarenos 3-0, Torres Novas-Luso 0-1 e Oliveirinha-Mealhada 4-1.

Após estes resultados, as equipas qualificadas disputarão os seguintes encontros na 3.ª eliminatória: V. Guimarães-Murça, Luso-Oliveira do Hospital, Caldas-Pessegueirense, Oliveirinha-Portalegrense e Maia-Quimigal.

Holmberg: do Kalmar para o Boavista

O médio sueco Martin Holmberg, do Kalmar, equipa eliminada pelo Sporting da Taça dos Vencedores de Taças, assinou um contrato com o Boavista, informou a agência UPI, citando a Imprensa sueca.

A agência refere que o contrato terá a duração de 18 meses.

Penafiel: triunfo em Marrocos

O Penafiel derrotou o clube marroquino KAC por 2-1 em encontro de carácter particular realizado em Marraquexe.

Trata-se do primeiro de dois encontros particulares que a turma penafidelense efectua em Marrocos depois de o encontro previsto com o Raja de Casablanca, treinado por Fernando Cabrita, ter sido adiado para sexta-feira.

Segundo uma fonte desportiva de Marrocos, o futebolista Mustapha Byaz, que pertencia ao KAC de Marraquexe, deverá alinhar pelo Penafiel no encontro de Casablanca.

Taças: Marselha apurado

Hajduk Split (Jugoslávia) -Olympique Marselha (França), 3-0, segunda «mão» da segunda eliminatória da Taça das Taças em futebol.

Apurado: Olympique Marselha, com 4-2 no conjunto das duas «mãos».

Futebolistas ingleses duramente castigados por distúrbios em Lagos

Dois futebolistas do West Bromwich Albion, da segunda divisão inglesa, foram multados e postos na lista de transferências do clube depois de terem causados distúrbios num hotel em Lagos, Algarve, na semana passada.

O West Bromwich deslocou-se a Portugal e disputou um jogo particular com o Esperança de Lagos, tendo o encontro terminado com a igualdade de 1-1.

Os jogadores em causa são o médio Tony Kelly e o avançado Don Goodman, tendo o clube inglês decidido ainda multar o internacional inglês Tony Morley, que permanece, contudo, ao serviço da equipa.

Segundo o inquérito levado a cabo pelos dirigentes do West Bromwich, os distúrbios, dos quais não foram revelados pormenores, ocorreram quando alguns dos jogadores regressaram embriagados ao hotel em Lagos.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
16.º JUÍZO
3.ª SECÇÃO
ANÚNCIO

PELO PRESENTE SE FAZ SABER QUE, por este Juízo e Secção, nos Autos de Acção Sumária n.º 5265, que o Autor COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P., com sede em Lisboa, move contra a Ré SERVIPRESTE – Prestação de Serviços de Construção Civil, Ld.ª, com a última sede conhecida na Avenida Almirante Reis, 97, cave, Lisboa e actualmente em parte incerta, correm éditos de 30 dias, citando aquela Ré para [illegible] de dez dias, findos os do édito[illegible] presente Acção sob pena de [illegible] vir a ser [illegible] dada [illegible] da [illegible] Secção [illegible] oposição da [illegible].

Para constar se passou [illegible] anúncio que vai ser devidamente publicado.

Lisboa, 27 de Outubro de 1987

O Juiz de Direito
Assinatura ilegível
O Escrivão Adjunto
Assinatura ilegível

D.L. 6/11/87 – 2.ª Pub

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da segunda e última publicação do anúncio. Execução Sumária n.º 2978 1.ª Secção Exequentes — Banco Português do Atlântico, EP. Executado — Estabelecimentos Grandella, SARL., com sede na Rua Áurea, 205, em LISBOA.

Lisboa, 6 de Outubro de 1987.

O Juiz de Direito,
Joaquim Manuel Cabral e Pereira da Silva

Pel' O Escrivão de Direito,
Ilda Maria Paiva Inácio Augusto Fernandes

«DL» 6/11/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
12.º JUÍZO

ANÚNCIO

PROC.: 10.279-B
2.ª Secção

FAZ SABER que por este Juízo e 2.ª Secção, e autos de Execução de Sentença n.º 10.279-B, que a Companhia de Seguros Império E.P. move contra CONSTRUÇÕES METALO MECÂNICAS BERTÃO, LD.ª com sede na Rua Afonso de Albuquerque, n.º 60-68 na Figueira da Foz correm éditos de trinta dias contados da 2.ª e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos daquela executada, para no prazo de dez dias reclamarem, querendo, o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados (bens móveis), desde que sobre os mesmos gozem de garantia real.

Para constar se lavrou o presente que vai ser devidamente afixado.

Lisboa, 22 de Outubro de 1987

O Juiz de Direito
a) António Manuel Martins Lopes

O Escrivão Adjunto
António Dias

«DL» 6/11/87 – 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

11.º JUÍZO

ANÚNCIO

Proc. 5005-B 2.ª Secção
EXECUÇÃO DE SENTENÇA
Exequente
Companhia de Seguros Império, E.P. com sede na Rua Garrett, 56, em Lisboa.
Executado
Fernando Martins de Bettencourt Viana, ausente em parte incerta, mas que teve a sua última residência conhecida na Rua Gomes Freire, 9-5.º, Esq. em Lisboa.

Correm éditos de 30 dias, contados da 2.ª e última publicação do anúncio, citando o executado acima indicado, para no prazo de 5 dias, findo o dos éditos, deduzir oposição àquela execução de Sentença, cujo fundamento consiste no pagamento à exequente da importância 80.634$00, juros e demais despesas, e nomear bens à penhora suficientes para tal pagamento.

Lisboa, 19 de Outubro de 198
O JUÍZ DE DIREITO
Rogério da Silva e Sousa
A ESCRIVÁ ADJUNTA
Cecília Pereira Ferreira

«DL» 6/11/87 – 2.ª Pub.

LEIXÕES: ONDA DE EUFORIA E MARÉ CHEIA

O Leixões segue de vento em popa no campeonato nacional da II Divisão (Zona Norte) facto que tem vindo a suscitar grande entusiasmo entre as gentes matosinhenses, ao ponto de se pensar já num regresso à I Divisão, da qual o clube do «Mar» guarda um vasto e bonito leque de recordações.

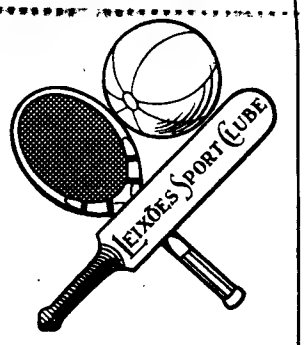
Esta «maré alta» que se vive em Matosinhos esteve na origem de um convívio entre as «forças vivas» do concelho e da cidade e ao qual se associaram, ainda, algumas figuras de proa do futebol distrital (Adriano Pinto, presidente da AF Porto e o director Fernando Oliveira, da mesma Associação), bem como a equipa técnica (João Alves, Acácio Casimiro e Vaqueiro) e o plantel leixonense. Convívio que teve por cenário um restaurante de Matosinhos e foi realizado ontem, à noite.

Pela palavra acalorada de Narciso Miranda, presidente da Câmara Municipal de Matosinhos, os responsáveis e profissionais leixonenses ficaram a saber que podiam contar com a autarquia porque esta «quer ver o clube na I Divisão» e «está disposta a ajudar no que for preciso para que tal venha a acontecer já esta época».

Passando das palavras aos actos, Narciso Miranda, respondendo ao desafio que lhe foi lançado pelo presidente do clube, Mário Santos, logo entregou um cheque de 10 mil contos para as obras de conclusão da bancada do Estádio do Mar — obras que se iniciaram em 1979 e depois caíram num impasse —, comprometendo-se a entregar outro cheque de igual montante no fim do corrente mês, a fim de que o acordo firmado com a construtora seja cumprido, isto é, que a obra fique concluída no prazo de 200 dias.

Por outro lado, o presidente da Câmara matosinhense — um homem que não costuma prometer o que não pode dar, mas que exige contrapartidas — deixou bem claro que «a câmara está na disposição de se responsabilizar pelo cumprimento de todas as condições contratuais assumidas pela direcção do Leixões com a equipa técnica e o plantel, desde que o clube consiga regressar à I divisão na presente temporada». Mais: «jogadores e técnicos terão um prémio significativo da autarquia no caso de tal desejo se concretizar». Narciso Miranda não revelou o montante, mas consta que andará à volta dos 20 mil contos.

Na sequência, ainda, da sua intervenção, o presidente da Câmara de Matosinhos anunciou, também, a construção de quatro pavilhões gimnodesportivos no concelho, um deles na área envolvente do Estádio do Mar, de um campo de jogos para amadores, de um «court» de ténis em cada uma das 10 freguesias do concelho, de uma pista de tartan no Estádio do Mar, de uma pista de motocrosse na Boa-Nova e de um complexo desportivo para a prática do hóquei em campo.



O jogador Penteado, na sua qualidade de «capitão» agradeceu os apoios expressos, dizendo que a motivação, se já era grande, agora passou a ser maior.

Manuel Neto

Pelouro de Desporto da CML: conferência de Imprensa

Para apresentação dos II Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa, realiza-se, esta tarde, uma conferência de Imprensa (seguida de almoço na Adega Mesquita, onde Eduarda Maria dá digna continuidade ao requinte a que a Tia Adelina e o «velho» Mesquita habituaram os seus clientes) promovida pelo dr. Vítor Gonçalves, vereador do Pelouro de Desporto e Turismo da Câmara Municipal de Lisboa. Durante a sessão, serão abordados temas ligados ao papel das autarquias no domínio do desporto e educação física e será entregue aos jornalistas presentes e aos representantes das Juntas de Freguesia da capital uma brochura onde se documentam os I Jogos.

Árbitros do Porto sem consenso

Realiza-se hoje na Associação de Futebol do Porto uma sessão destinada a eleger os três membros (a escolher pelos árbitros) que faltam para preencher os quadros de dirigentes daquele organismo. Curiosamente os árbitros não se entendem quanto à viabilidade de se conseguir consenso e daí que Fernando Alberto lidera uma lista e Xavier Oliveira a outra.

António Cunha comanda as "esperanças"

António Cunha, que desde há alguns anos tem vindo a desempenhar as funções de treinador de andebol do ABC de Braga, acaba de ser nomeado treinador da selecção nacional de esperanças. Aí está uma decisão que cumpre saudar: tal como Manuel Xavier Manita e Fátima Monge da Silva, António Cunha é um técnico imprescindível na orientação do andebol português a nível de selecções.

Flaviense Diamantino: operação

Diamantino excelente «capitão» da turma futebolística do Desportivo de Chaves, que, no encontro de Budapeste, fracturou a tíbia e o peróneo da perna direita, será hoje operado no Hospital da cidade flaviense, tarefa que será orientada pelo dr. Mário Montes.

O «DL» formula os votos muito sinceros para o êxito da operação, desejando ver o magnífico atleta brevemente nos campos de futebol.

João Moreno candidato à presidência da AF Coimbra

O actual presidente da Académica (João Moreno) é tido como eventual candidato à presidência da Associação de Futebol de Coimbra, cujas eleições terão lugar em data a marcar na próxima terça-feira. Recorde-se que aquele organismo é actualmente líderado por Pinto Gomes (um dos opositores a Silva Resende como presidente da FPF) o qual terá manifestado intenção de não se recandidatar.

Xadrez: mais um "nulo"

Os soviéticos Gary Kasparov, e Anatoly Karpov asseguraram a igualdade pontual no Mundial de Xadrez que decorre em Sevilha, Espanha, ao empatarem a nona partida após 70 lances.

Com este resultado os dois xadrezistas soviéticos somam 4,5 pontos.

EM PORTUGAL

	1.6 h	Min	Prec.	As 13 h.
Bragança	11	11	0.0	M. nub.
V. Castelo	19	16	0.0	M. nub.
Vila Real	13	13	0.0	M. nub.
Porto	16	16	0.0	Aguac.
Coimbra	18	18	0.0	Encob.
C. Carvoeiro	17	16	0.0	Encob.
C. Branco	12	12	0.0	Aguac.
Portalegre	13	13	0.0	M. nub.
Lisboa	15	15	0.0	M. nub.
Evora	14	14	0.0	M. nub.
Beja	14	14	0.0	M. nub.
Faro	18	18	0.0	M. nub.
Sagres	19	19	0.0	Encob.
P. Delgada	12	12	0.0	Limpo
Funchal	19	18	0.0	M. nub.

Temp. max. prevista para hoje: Lisboa 20, Porto 20, Faro 21, Ponta Delgada 19, Funchal 24.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	1.7 h	Min	As 13 h.
Madrid	8	8	P. nub.
Londres	4	3	Nevoeiro
Paris	2	1	Nevoeiro
Bruxelas	4	4	Nevoeiro
Amesterdão	8	8	Neblina
Genebra	5	2	Neblina
Roma	6	6	Pouco nub.
Oslo	-2	-2	Nevoeiro
Copenhaga	7	6	Muito nub.
Estocolmo	5	5	Muito nub.
Berlim	8	7	Chuvisco
Viena	6	3	Encoberto
Varsovia	6	5	Encoberto
Atenas	8	7	Muito nub.
Moscovo	-1	-1	Pouco nub.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Max.	As 13 h.
Caracas	21	28	Nublado
Joanesburgo	15	29	Nublado
Los Angeles	14	19	Limpo
Montreal	10	18	Nublado
Nova Deli	13	30	Limpo
Nova Iorque	13	25	Limpo
R. de Janeiro	17	33	Limpo
S. Francisco	11	23	Nublado
Sao Paulo	15	31	Nublado
Toquio	13	22	Chuva

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

TEMPO

HOJE

No Continente:

Nas regiões do Norte Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco de sueste.
Nas regiões do Centro e Sul – Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de leste e aguaceiros.

Estado do mar:

Costa Ocidental — Mar encrespado a de pequena vaga e ondulação noroeste de 1 a 2 metros.

Costa Sul — Mar encrespado a de pequena vaga e ondulação sueste de 1 a 2 metros.

Nos Açores:

Grupo Ocidental: Céu geralmente muito nublado. Vento bonançoso ou moderado de sudoeste. Períodos de chuva fraca.
Grupos Oriental e Central: Períodos de céu muito nublado. Vento bonançoso de nordeste. Aguaceiros fracos.

Estado do Mar: Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação noroeste de dois a três metros.

Na Madeira:

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de leste. Aguaceiros.

Estado do mar: Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação noroeste de dois metros, sendo sueste com cerca de um metro na costa Sul.

AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco do quadrante leste. Chuva fraca para o fim do dia nas regiões do Noroeste.

DEPOIS

Céu geralmento muito nublado. Vento fraco tornando-se moderado de noroeste. Períodos de chuva passando a aguaceiros.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-M	
3.03	4.2 m	8.43	
15.23	4.1 m	20.57	

Amanhã

3.41	4.1 m	9.19	1.0 m
16.02	4.0 m	21.30	1.1 m

• Informacao do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofisica.

S. MAMEDE, SUFICIENTE PARA SER BOM

José Vilas Monteiro

O almoço de ontem, apresentado pela Região de Turismo de S. Mamede foi uma amostra da culinária do leste alto–alentejano. Ou melhor, foi apenas uma introdução. José Henriques e o presidente da RTSM apresentaram, sem dúvida, um bom almoço. Não um almoço histórico, como o hoteleiro de Portalegre normalmente faz.

Das entradas pode dizer–se que a cacholeira e o bucho não ficavam abaixo do esperado. Feitos com os restos do porco, bocados de gordura, sangue e interiores, os enchidos não desiludiram, exceptuando a morcela encarnada que não era, de facto, brilhante.

Com o queijo de Tolosa, nos primeiros contrafortes da Serra de S. Mamede que dá o nome à região de Turismo, não houve desilusão.

Claro que aquilo que hoje são entradas eram, talvez sejam ainda em certos casos e em algumas casas, condutos que acompanhavam o pão alentejano, grande, de trigo e branco. Pão que também se comia com manteiga ou com banha que, pelo menos mais ao sul, podia ser feita da gordura do toucinho frito a que se misturava colorau ou pimentão.

Passadas as entradas, serviu–se sopa de batata com toucinho frito. Caldo com rodelas de batata e fatias de pão — uma coisa de fazer dar urros ao dietologista mais liberal — o toucinho bem frito marcava–lhe o paladar, as ervas não faltavam q.b. Só lhe faltava um ovinho escalfado lá dentro para lhe subir a classe social, fazendo-a ascender a sopa à lavrador.

O pão, durante tantos anos uma forma suprema de tratar o trigo, ocupa na cozinha tradicional um papel chave. A batata é coisa nova, trazida do Novo Mundo e divulgada apenas há poucos séculos, que não teve tempo para ser submetida ao tratamento da sabedoria. O pão não. É suficientemente velho para ter sido trabalhado ao longo dos séculos, sobretudo de quando os séculos eram de falta ou mesmo de miséria, chegando assim a ser utilizado como elemento culinário de estatuto tão elevado como a carne ou as verduras.

Depois veio um dos «peixes de campo» por excelência — o cação, em alhada a que a folha de coentro dava o contrapeso do bom gosto. Contava alguém que gostava muito de cação na caldeirada e pedira a um amigo pescador de Sesimbra que lho arranjasse. Ele espantara–se por o outro querer cação, quando havia tanto peixe bom...

O cação deve o seu lugar na cozinha alentejana ao tempo que se aguenta sem apodrecer — tempo que baste para chegar até duzentos quilómetros de costa, a passo de mula.

O lombete, de porco e à alentejana, era, legítimo sem dúvida, com molho que levava pimentão e lhe dava o toque da região. Só que o lombo tem o problema da demasiada secura. Enrola–se na boca. De toda a carne de porco, normalmente gorda, o lombo é a parte mais seca, mesmo mais seca que qualquer peça da maioria dos outros animais. Ao lombo faltam os veios de gordura que atravessam toda a carne de porco, misturando seco e

gordo. O lombete tem ainda o problema de ser cortado redondo, não como tira ou fatia, o que lhe aumenta a secura. O lombo, de facto, só na grelha.

Aos doces, nada a dizer. O tecolameco do Crato, o presunto doce de Ponte de Sôr e o leite Serafim de Portalegre assumiam–se, eram o que lá estava, indiscutivelmente.

O café era de Campo Maior, marca Delta. As azeitonas, se eram de Campo Maior — a verdadeira terra das azeitonas de Elvas — não pareciam, devido à acidez.

Ao tempo do café foi servido um digestivo, de Aramenha, com sabor a aguardente de figo. Ainda de Aramanha eram os vinhos, branco e tinto. Marvão não tem culpa, mas os vinhos da região não convencem. Os franceses, que têm a mania de etiquetar tudo, chamar–lhe–iam «fruité», afrutado. Nós diríamos que lhe falta o sal das águas marinhas que trepam de madrugada pelas serras acima, como em Sintra, por exemplo, ou talvez a altura, ou talvez ainda a terra exacta, quem sabe o xisto.

Foi, como se disse a princípio, um bom almoço. Não foi um almoço histórico, dos que ainda se recordam anos depois. Faltou–lhe a diversidade dos muitos pratos, das migas com entrecosto aos ovos mexidos com chouriço e toucinho à dúzia de doces da região que José Henriques, na sua Quinta da Saúde, na altos da serra de S. Mamede, ofereceu no dia da cidade de Portalegre, este ano. Esse foi, de facto, um almoço histórico.

Claro que é diferente servir cinquenta pessoas de servir duzentas e cinquenta. Mas um só gesto teria anulado a inevitável ausência da grande diversidade. Uma simples sopa de cachola, soberana no paladar, teria mudado a face não do mundo mas do almoço.

Contava alguém, homem do Norte, que andara durante um ano a fugir da sopa de cachola por todo o Alto Alentejo, até ao dia em que ela o encostara à parede em Benavila... Contava isso numa aldeola de Portalegre, em frente de uma enorme sopa de cachola quando já marchava o terceiro prato e o dono da casa falava das tempestades que apanhara no Cabo da Boa Esperança quando era jovem e marinheiro.

A RECEITA DO DIA

Patrocínio GALPgás
uma chama mais viva

Sopa de batata à alentejana

Ingredientes (para 6 a 8 pessoas): 150 gramas de pão cortado em fatias de um centímetro de espessura; uma cebola cortada às rodelas muito finas; um decilitro de azeite ou 100 gramas de banha de porco; sal; dois litros de água ou de caldo de carne; oito ovos escalfados; 100 gramas de toucinho entremeado fresco; 300 gramas de batata.

Confecção: Numa caçarola deitam-se as cebolas, o azeite ou banha, deixando fritar, em lume pouco forte, até a cebola ficar alourada. Junta-se então a água ou caldo de carne, o sal e uma pitada de pimenta moída. Deixa-se ferver mais dez minutos. À parte preparam-se os ovos escalfados e coze-se o toucinho com as batatas, que depois se moem em puré e se junta ao caldo. Quanto ao toucinho, depois de cozido corta-se em tiras de dois ou três centímetros de comprido por meio centímetro de grossura. Na terrina de serviço deitam-se as fatias de pão, os ovos, o toucinho cortado e por cima o caldo bem quente. Serve-se imediatamente.

uma chama mais viva
GALPgás

A começar no domingo

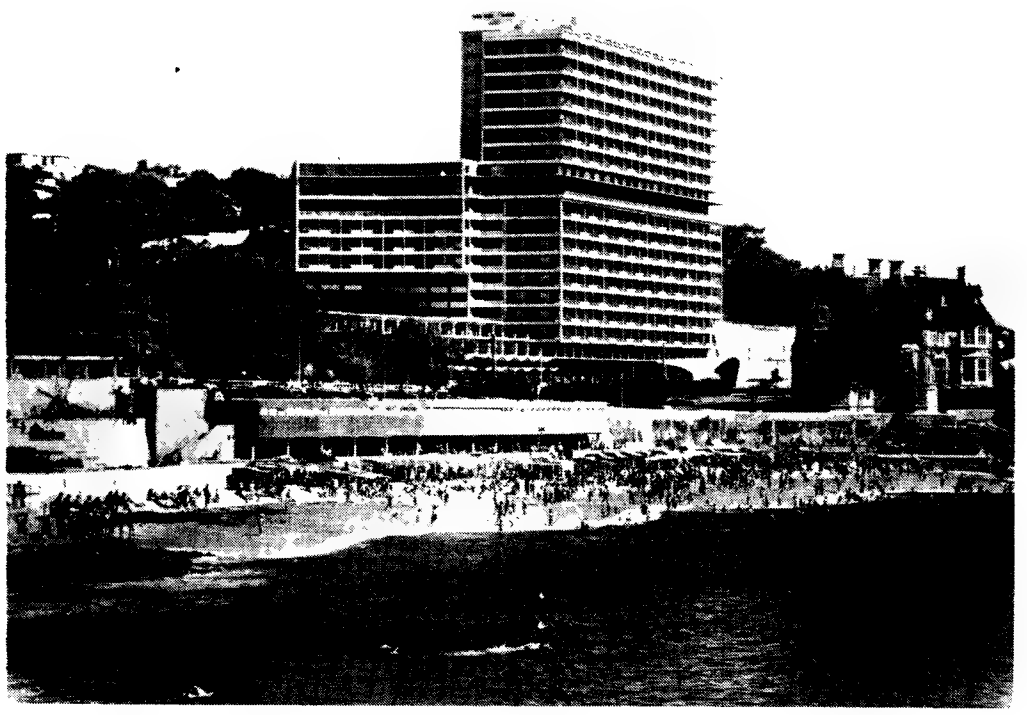
Quinzena italiana no Hotel Estoril-Sol

A cozinha italiana é tema que basta para uma quinzena de gastronomia que se inicia já no próximo domingo, no «grill» do Hotel Estoril–Sol, e se prolonga até ao dia 22.

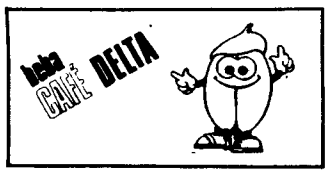
Com o objectivo de garantir a autenticidade não só dos produtos como da confecção, deslocar–se–ão expressamente de Itália a Lisboa diversos mestres de cozinha e de pastelaria. Mas, além disso, três restaurantes italianos de entre os que normalmente exercem actividade na nossa capital colaborarão com o Estoril–Sol: «Il Parco», «Gambrinus» e «Astória».

Por outro lado, igualmente de Itália virão directamente as «pastas» e as diversas matérias–primas para assegurar a genuidade das especialidades gastronómicas que figuram nas listas.

São promessas, por exemplo, os «antipasti», os «gamberonni alla bocaccio» e a «cassata alla siciliana».



Entre o muito que a gastronomia italiana tem para oferecer, claro.



Paralelamente, estará patente no Estoril–Sol uma exposição de material de propaganda sobre Itália, da responsabilidade do Turismo Italiano em Lisboa, que colabora na presente iniciativa, com a TAP–Air Portugal.

Rão Kyao no Casino Estoril

MÚSICA DE 'COCKTAIL', NADA MAIS

Rui Eduardo Paes

QUEM se deslocou na noite de ontem ao Casino Estoril com o fito de ver e ouvir Rão Kyao ao vivo, foi «obrigado» a suportar o inenarrável espectáculo que lhe preenche os serões costumeiros. Estava prometido, em cartaz, o flautista e saxofonista, mas ele foi embalado juntamente com bailarinas de seios nus, um Vítor Espadinha modelo «Cabaret», contorcionistas de circo, cantoras de cantigas alheias (assassinando-as) e, vá lá que escaparam, um grupo de músicos romenos. Quanto a Rão, só podemos confessar que não nos conseguimos entusiasmar com o que vem fazendo nos últimos anos. É assim.

Um espectáculo de Rão Kyao é como um disco de Rão Kyao: tudo muito igual e muito bem vestido. É verdade que o soprador continua a improvisar, não desdenhando por inteiro a sua formação jazzística. E improvisa bem, é um músico com uma boa técnica e um bastante razoável ecrã imaginativo. Mas desde o seu «Fdo Bailado» que preferiu a estilização da sua música. Quanto a nós, achamos que qualquer plástica introduzida na criação musical só serve para a desvirtuar, independentemente dos dotes do autor.

Rão Kyao repete-se, hoje, incessantemente. Não tem mais nada de novo a oferecer. Cansou-se e cansou-nos. Claro que foi uma boa surpresa quando nos apareceu com a sua nova via, fundindo as músicas orientais, e sobretudo a indiana, com a popular portuguesa e outros toques de ocasião — Brasil, Marrocos, etc. É um grande projecto musical, mas pisa terreno perigoso: Rão está na fronteira entre as virtualidades da fusão universalista e o hibridismo inconsequente. E arrisca-se a cair, não tarda muito, para o lado de lá: já se vai sentindo isso, e é pena.

Ele já foi um grande músico de jazz, o melhor português. Mas não vendia os seus discos, e estamos convictos de que quem o enaltece hoje ignora o seu passado musical. Rão encontrou a receita favorável que lhe desse a dignidade que merecia, mas para isso teve de conceder tanta coisa! Teve de dar de barato a inspiração, a desenvoltura, a espontaneidade.

Ouvi-lo e vê-lo ontem no Casino só nos confirmou uma vez mais esta impressão. O bonitinho pelo bonitinho não faz a verdadeiramente boa música, Rão Kyao sabe muito mais. No entanto prefere, por necessidade de índole comercial (não encontramos outras) as soluções de evidente facilidade — não propriamente para ele, que as não precisaria, mas para o ouvinte comum que consome os produtos de massas. Cinco ou seis vezes recorreu ontem à sonoridade contínua do sintetizador como base para os seus arpejos — e a coisa sucedia-se, pobremente.

Nada de mais audaz, nada que «descolasse» do que já havia sido proposto em disco. Rão tocou temas dos LP's «Estrada da Luz», «Danças de Rua» e «Oásis», sem novidades. Alguns deles eram belos temas, sem dúvida, mas tocados sem chama. Rão Kyao perdeu o seu fogo interior, precisamente aquilo que mais o caracterizava e distanciava no contexto da boa música feita em Portugal.

Acompanhado por dois percussionistas, um baixista, duas guitarras portuguesas e um tocador de sintetizadores, Rão Kyao proporcionou aos presentes não um concerto de puro prazer, como devem ser os espectáculos ao vivo, essa feição maior da música, mas apenas a ilustração figurada dos seus registos fonográficos, ou seja, a promoção e a consagração pública de que é u campeão de vendas: caso contrário também não o teriam convidado para o Casino, essa espécie de coroamento em glória. Ou, pensamos nós, de perdição nos caminhos da música.

Foi o primeiro português a receber um disco de platina, pois foi. E ontem mesmo, pela mão de um responsável da Sociedade Estoril-Sol, recebeu um disco de ouro como prémio. Mas, meus senhores e senhoras, está já amplamente provado que nem sempre a música que vende mais é a melhor música. O industrialismo musical chegou a tal ponto de degradação que começa a ser verdade que quanto pior qualidade tiver o produto musical mais ele é requerido pelos consumidores. E o mal, aqui, é a ausência de uma elevação formativa do gosto.

A maior parte das pessoas não tem nenhum gosto musical, é inútil estarmos aqui com paninhos quentes. É um facto, e evidentemente que não são as próprias pessoas quem tem culpa disso. Os gostos, meus amigos, nas nossas sociedades democráticas, são impostos: basta abrir a rádio e somos bombardeados incansavelmente pelo que convém gostar.

Rão Kyao tem com certeza consciência disso. Ele começou por contrariar as preferências dominantes, escolheu o jazz e a música indiana, o saxofone tenor e as flautas de bambu. Propôs uma música instrumental, que não é, para o ouvinte da rádio, dos «tops» e das recolhas de êxitos, uma opção fácil. Ainda no outro dia ouvíamos dizer a um dos nossos (ir)responsáveis da radiodifisão, homem precisamente que cria e determina os gostos a ter, que «a música sem uma voz e uma letra para mim só serve como separativo». Passam-se os Bee Gees e depois Miles Davis serve como fundo para a conversa fiada do locutor.

O músico habituou os ouvintes portugueses ao instrumental, foi uma vitória. Mas isso teve um custo: a música de Rão Kyao não é ouvida hoje como foi ouvida noutras alturas. Um disco seu é para colocar no prato quando estão amigos em casa e o Johnnie Walker é vertido para os copos. Música de «cocktail». Ou melhor: boa música de «cocktail», nada mais.

Rão Kyao, as flautas e o disco de ouro. E que mais?

Entre a fusão e o hibridismo

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

POR EXIGÊNCIA DO PÚBLICO
EM CENA ATÉ DIA 22

DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30
SÁBADO E DOMINGO ÀS 16

GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA

DE ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA «O JUDEU»
ENCENAÇÃO **CARLOS AVILEZ**

Com: CARLOS PIMENTA – JOÃO DE CARVALHO – MANUEL COELHO – PAULA MORA – CATARINA AVELAR – SÃO JOSÉ LAPA – FERNANDA BORSATTI – ANTÓNIO ANJOS – VÍTOR RIBEIRO – VÍTOR TELLES e AFONSO DE MELO.

ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2ª FEIRA TEL. 32 2210

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º **75 412** para: «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE VACINAS PARA BRONQUITE INFECCIOSA PARA AVES».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º-Esq.º
1000 LISBOA
Telefs. 651339/654613/692815

TEATRO LAURA ALVES
Rua da Palma, 251 (ao Martim Moniz)
Telefs.: 86 39 77 — 86 47 56
AGORA

IO APOLLONI APRESENTA
"SOCORRO... SOU UMA MULHER DE SUCESSO"
SUB. MONTAGEM S.E.C. E GULBENKIAN
COMÉDIA MUSICAL EM DOIS ACTOS
VERSÃO LIVRE DE CARLOS PAULO - IO APOLLONI
50% DESCONTO ESTUDANTES
DE 5.ª A SÁBADO ÀS 21.30 h
SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS ÀS 16 h
CENÁRIO: JORGE ROCHA | FIGURINOS: JOSÉ CARLOS | ENCENAÇÃO: IO APOLLONI | CANÇÕES: NUNO GOMES DOS SANTOS | ARRANJOS MUSICAIS: LUÍS FILIPE
ELAN
IO APOLLONI
SET'E • RÁDIO COMERCIAL • DIÁRIO DE LISBOA • DIÁRIO • ANTENA 1

«Uma actriz completa» — Carlos Porto — «Diário de Lisboa»
«Esta fúria de viver de Io Appolloni transmite-se aos espectadores» — Carlos Madeira — «O Jornal»
«Uma intérprete excepcional» — Eduardo Moura — «O Tempo»
«Actriz notável» — «Correio da Manhã»
«Plena de força e de talento» — Fernando Midões — «Revista Mulheres»

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
3.ª PRODUÇÃO
ÉPOCA 86/87
PR. ESPANHA - T 726 08 18
TERÇA A SÁBADO ÁS 21.30 H
DOMINGO 17 H
VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS
TERÇA QUARTA E QUINTA
PREÇO UNICO: 200.00

ÚLTIMAS SEMANAS
sub. S.E.C.
"OS DOIS CORCUNDAS E A LUA"
4.º MÊS
texto RICHARD DEMARCY
encenaçao JOÃO MOTA
musica DOMINGOS MORAIS e J. PEDRO CAIADO
«... um espectáculo sublime, como o próprio texto... inesquecível.» Carlos Porto «Diário de Lisboa»

CINEMAS

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

A MAIS LOUCA ODISSEIA NO ESPAÇO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

FORÇA DELTA
(maiores 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Alfa 5

O QUARTO PROTOCOLO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 1

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2

JAMES BOND 007 RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

NAS PORTAS DO INFERNO
(maiores 18 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30, e 24.00 h

Amoreiras 4

O SEGREDO DO MEU SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5

O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

FULL METAL JACKET (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

A MAIS LOUCA ODISSEIA NO ESPAÇO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila

— T. 539930

ANGEL HEART (NAS PORTAS DO INFERNO)
(maiores 18 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

ENCERRADO

Berna

— T. 776098

HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme «O Sacrifício» realizado por André Tarkovski, distinguido com o prémio especial do júri e o prémio ecuménico pela visão poética de um mundo ameaçado, no Festival de Cannes. Em exibição no cinema Quarteto.

Capitólio

— T. 372358

MISTER PORNO
(maiores 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

NOVIDADES SEXUAIS
(Int. m. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
SEXOS ESCALDANTES
(maiores 18 anos)
23.30 h

Cine Camões

T. 324194

DUELO DE PUNHOS
(Int. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
(n/acons. m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
RAIVA SILENCIOSA
(maiores 16 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 9434773

OS DIAS DA RÁDIO
(maiores 6 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Stop

A SELVA DE JADE
(maiores 18 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

JARDINS DE PEDRA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Condes

— T. 322523

ROBOCOP – O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

ESTRANHA PAIXAO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

VAMP – O CLUBE DA MEIA-NOITE
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 18.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

ROBOCOP — O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

RADIO DAYS — DIAS DA RÁDIO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

O QUARTO PROTOCOLO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

A DESCOBERTA
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.15 h

Fórum Picoas

O REGRESSO DOS HERÓIS
(Int. m. 13 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

DESAPARECIDO EM COMBATE – PARTE II
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

ROBOCOP – O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

OS DIAS DA RÁDIO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

O GRANDE ASSALTO
(maiores 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

ROBOCOP – O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

CRÓNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

CRÓNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

FULL METAL JACKET (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

FREIRAS PERVERSAS
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia

T. 325309

DOCE ALICE
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé

— 82193.3

MÁQUINA DE MATAR
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama

T. 326305

O ANJO VINGADOR
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

NAS PORTAS DO INFERNO
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 23.30 h
LOYATIES
(maiores 12 anos)
23.30 h

Sala 2

JARDINS DE PEDRA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
TOLERÂNCIA
(maiores 12 anos)
23.30 h

Sala 3

MELO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
PEÇA INCOMPLETA PARA PIANO MECÂNICO
(maiores 12 anos)
21.30 h

Sala 4

NAS PORTAS DO INFERNO
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
ROYALTIES
(maiores 12 anos)
23.30 h

Roma

T. 889192

ESTRANHA PAIXAO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

ESQUADRÃO SELVAGEM
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

A MAIS LOUCA ODISSEIA NO ESPAÇO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

FULL METAL JACKEY
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

OS INTOCÁVEIS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715

FULL METAL JACKEY (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45e 24.00 h

Star

— T. 804210

AS BRUXAS DE EASTWICK
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

FULL METAL JACKEY (NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

A DESCOBERTA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

FREIRA DE MONZA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

MELO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

LINHA DE SINTRA

AMADORA — Cineteatro — «Força Delta», às 15.00 e 21.30 h (maiores 16 anos).
AMADORA — Cinestúdio — «Jack Speed, o Vingador», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos).
AMADORA — Babilónia — «Nas Portas do Inferno», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 18 anos).
ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Que Sorte Danada», às 21.30 h (maiores 18 anos).
CACÉM — Cinestúdio Flores — «A Fronteira do Perigo», às 15.00 e 21.30 h (maiores 16 anos).
«A Máscara da Mulher Fantasma», às 24.00 h (Int. m. 18)
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «4.º Protocolo», às 21.30 h (maiores 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Força Delta», às 17 e 21.15 h (maiores 16 anos).
ALGÉS — Cinema 2000 — «James Bond 007 — Risco Imediato», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Encontro Inesquecível», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «O Segredo do Meu Sucesso», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos).
Sala 2 — «A Espada Encantada», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (maiores 6 anos)
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «007 – Risco Imediato», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Crónica de Uma Morte Anunciada», às 15.15, 18.45 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Nascido para Matar», às 16.00 e 21.30 h (maiores 16 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Quem é Aquela Garota?», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).
ALMADA — Cinestúdio Almada — «Jardins de Pedra», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos).
ALMADA — Incrível Almadense — «Alvos Águia», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «007 — Risco Imediato», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Finalmente a Primeira Vez», às 15.45 e 21.30 h (maiores 16 anos).
Sala 2 — «Quem é Aquela garoto?», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos).
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Humilhação», às 15.00 e 21.15 h (maiores 18 anos).

PINTURA NA VOZ DO OPERÁRIO

Na Galeria da Voz do Operário, anunciada uma exposição de Pintura da autoria de Eduardo Teixeira até 3 de Dezembro, que pode ser visitada nos dias úteis das 10 às 19 e aos sábados das 15 às 19. Este pintor é natural de Ponta Delgada, Açores e fez o curso complementar de Pintura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. É actualmente professor de Educação Visual do Ciclo Preparatório, tendo realizado várias exposições individuais na sua terra natal e participado em colectivas na SNBA. Também integrou alguns paineis colectivos em diversas zonas do país, integrados em comemorações. Está representadop no Museu Machado de Castro em Ponta Delgada e em colecções particulares. Esta exposição na Voz do Operário conta com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa.

Eduardo Teixeira começou a expor em 1974, designadamente no Salão de Março e, quatro meses depois, numa exposição chamada «Perspectiva» (na SNBA). Mais recentemente, trabalhos seus foram apresentados na Galeria Ana Isabel (1985), Galeria «Arco B» (Ponta Delgada), colectiva para inauguração da Galeria da Voz do Operário e ainda na Bienal da Madeira «Marca 87» (1987).

Agora (recorde–se, até dia 3 do próximo mês), é de ver com atenção a pintura de Eduardo Teixeira, na Galeria da Voz do Operário.

EXPOSIÇÕES

DITEC-ESPAÇO ARTE(Av. da Igreja, 46-A): até 23 de Novembro, aguarelas e óleos de Real Bordalo. de segunda a sexta das 14,30 às 19,30, sábados das 10 às 13 e das 15 às 19,30.

ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): até 5 de Dezembro, desenhos de Vasco Folha, de segunda a sexta das 18 às 22 e aos sábados das 15 às 19.

GALERIA DA VOZ DO OPERÁRIO: pintura de Eduardo Teixeira até 3 de Dezembro, de segunda a sexta das 10 às 19, sábados das 15 às 19.

RECREIOS DESPORTIVOS DA AMADORA (ex-Cine Plaza): até dia 22, uma exposição de Arte da República Socialista Soviética de Azerbaidjão, integrada nas comemorações do 70º aniversário da revolução Socialista de Outubro de 1917, por iniciativa da Câmara Municipal da Amadora e da Associação Portugal-URSS. Trabalhos de pintura, tapeçaria, artesanato em cobre, gravura e fotografia. Paralelamente, decorrerá ente os dias 7 e 21, um ciclo de Cinema.

GALERIA DA CERVEJARIA TRINDADE: até 27 de Novembro, Pintura de José Manuel Soares «Motivos do Alentejo», diariamente das 15 às 23.

GALERIA DE S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): até 28 de Novembro, pintura de Álvaro Perdigão, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.

MERIDIEN LISBOA (foyer): exposição de quadros «Fantasia Floral Portuguesa» de Gisela Giménez, até 15 de Novembro, das 9 às 23.

PÁTEO ALFACINHA: Pintura de Margarida Marques até 17 de Novembro, patente todos os dias das 15 às 22 horas.

GALERIA DA VOZ DO OPERÁRIO: Pintura de Eduardo Teixeira até 3 de Dezembro, dias úteis das 10 às 19, sábados das 15 às 19.

S. MARCOS (Galeria de Arte e Artesanato-Oleiros, Azeitão): exposição individual de Helena Felícia (óleos) e uma colectiva de pintura, cerâmica, tapeçaria, trapologia e escultura. Até 31 de Dezembro, diariamente das 10 às 22.

CENTRO CULTURAL DE BENAVENTE: até 15 de Novembro, por iniciativa da Câmara Municipal, a exposição «3 Mulheres no Centro Cultural», com tapeçarias, desenhos e óleos de Anabela Ferreira, Angelina Jordão e Fernanda Narciso.

GALERIA VIRAGEM (Cascais): Patente até 18 de Novembro a 1ª Exposição Viragem de Pintura e Escultura, todos os dias das 15 às 19. Artistas representados: Aida S. Dias, Álvaro Carneiro, António Santiago, António Viana, Artur Bual, Costa Martins, Duarte Saraiva, Emília Nadal, Germano Santo, Jaime Silva, João Duarte, João Paulo, Lima de Carvalho, Ló, Man, Ormond Fannon, Óscar Guimarães, Paulo Ossião, Pedro Chorão, Rocha Pinto, Rogério Amaral, Sérgio Pinhão e Virgílio Domingues.

FEIRA NACIONAL DA AGRICULTURA - Santarém (salão do Banco Português do Atlântico): por iniciativa da Câmara Municipal, uma exposição do pintor Zé Penicheiro, até 8 de Novembro, a decorrer paralelamente ao Festival de Gastronomia.

GALERIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO (Museu Nogueira da Silva-Braga): exposição de Pintura de Matilde Marçal até 19 de Novembro. Catálogo com textos de Alçada Baptista e de Matos Chaves.

CASA DE PASTO DAS FLORES-S. Bento: até 15 de Novembro, exposição de pintura de Christine Hélène.

PALÁCIO DA CIDADELA (Cascais): Pintura e Desenho de Frederico George, organizada pela Câmara Municipal de Cascais e pelo Instituto Português do Património Cultural com o patrocínio da Gulbenkian.

MUSEU NACIONAL DE SINTRA: até 12 de Novembro, Pintura de Alice Alves Diogo, de segunda a sexta das 10 às 12 e das 14 às 18, sábados, domingos e feriados das 14 às 18.

GALERIA GILDE (S. Torcato-Guimarães): Pintura de Lima de Freitas, subordinada ao título «Mitolusismos».

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA (R. Tenente Valadim-Porto): exposição de Pintura de Abreu Pessegueiro intitulada «O Porto na Luz e na Água».Até 12 de Novembro, de segunda a sábado das 14,30 às 18,30.

GALERIA CAPITEL (Leiria): até 9 de Novembro, uma exposição de Pintura de Edmundo Cruz, todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 19, domingo dia 1 das 16 às 19. Encerra no domingo dia 8.

CASA DA CULTURA DA AZAMBUJA: por iniciativa da Câmara Municipal, 2ª Exposição de Artes Plásticas até 15 de Novembro, com trabalhos de Neves Espadinha e António Canau Espadinha.

GALERIA TEMPO (R. Nova de S. Mamede, 17-A): uma exposição de obras seleccionadas dos barristas brasileiros António Poteiro e Souza Netto. Até 10 de Novembro, de segunda a sábado das 16 às 20.

GALERIA DO CASINO ESTORIL: até 8 de Novembro, todos os dias das 15 às 24, patente a «Estoril/Decor 87», 6º Salão Nacional de Artes Decorativas. Com Ourivesaria e Antiguidades, incluindo mobiliário artístico, imaginária religiosa, tapeçaria, porcelana, vidraria, pintura, etc.

MUSEU REGIONAL DE SINTRA: até 12 de Novembro, pintura de Alice Alves Diogo.

GALERIA A.S. (R. das Flores, 60-Porto): pintura de D´Assis Cordeiro até 7 de Novembro, de segunda a sábado das 15 às 19.

GALERIA NASONI E SALA ATLANTICA (R. Galeria de Paris, 68-80 e 67-81-Porto) inauguração dos novos espaços com duas exposições patentes até 18 de Novembro, de segunda a sexta das 10 às 12,30 e das 15 às 19,30, sábados e domingos das 15 às 19,30: Pintura de Armando Alves na Galeria Nasoni e de Albuquerque Mendes na Sala Atlântica.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): «Desenhos Realistas: Oito Artistas da República Federal da Alemanha»

INSTITUTO ALEMÃO (Campo dos Mártires da Pátria, 37): «Desenhos Realistas: Oito Artistas Portugueses».

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): «Desenhos Realistas: Oito Artistas da República Federal da Alemanha»
20.

GALERIA ESPIRAL (Centro Comercial das Palmeira-Oeiras): escultura de António Trindade até 25 de Novembro, de segunda a sexta das 14,30 às 22, sábados e domingos das 10 às 22.

LEO (Tv. da Queimada, 48): até 14 de Novembro, de terça a sábado das 14,30 às 19,30, uma exposição de escultura e desenho, respectivamente de Isabel Meyreles e Cruzeiro Seixas.

GULBENKIAN (exposições temporárias): exposição comemorativa do centenário do grande escultor português Delfim Maya.

ARTEFACTO 3 (Tv. Água da Flor, 37): exposição de Joalharia «Tokyo/Osaka/Lisboa», em colaboração com o AR. CO - Centro de Arte e Comunicação Visual. Patente até 27 de Novembro, nos dias úteis das 15 às 20.

TEATRO

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS: às 21,30, «Les Lettres de La Religieuse Portugaise» (texto em francês) com encenação de Jean-Marie Lejude. Até 29 de Novembro, de terça a sábado às 21,30 (excepto dias 10 e 11), sábados também às 17 horas (excepto dia 14 e domingos às 17 horas. Segunda-feira dia 9 haverá espectáculo às 21,30.

MÚSICA

GULBENKIAN (grande auditório) concerto às 18,30 com a Orquestra Gulbenkian dirigida pelo maestro Max Rabinovitsj, sendo solista o violinista italiano de ascendência polaca, Franco Maggio Ormezowski. Obras de Rossini, Enesco, Boccherini e Mozart.

CINEMA

CINEMATECA PORTUGUESA: às 18,30 «Ciclo de Cinema Chinês» com o filme «A Grande Parada»/1985, de Chan Kaige, legendado em francês; às 21,30 antestreia de «Matar Saudades» de Fernando Lopes (1987), com Eunice Munoz, Teresa Madruga e Rogério Samora.

ESPECTACULAR

Nicolau Breyner não cessa de me surpreender. O que se passa dentro daquela cabecinha é qualquer coisa de misterioso. Em entrevista à **TV Guia**, *e referindo-se às* **Palavras cruzadas**, *declarou que «as críticas foram quase todas unanimemente más, ao contrário do público foi quase unanimemente favorável».*

A velha questão da crítica boa, se diz bem (até dá prémios, que são aceites)... mas é bera quando diz mal. E quando diz mal unanimente, é um monstro.

Agora sabem os leitores qual é a diferença entre o **Roque Santeiro** *e qualquer telenovela portuguesa?*

Pessoalmente diria eu que a diferença é a de milhares de anos-luz. Breyner tam outro parecer. Ele acha que «a diferença é de milhares de contos». Entre um Daniel Filho ou, para o caso, um Ubiratan, e um Breyner a diferença é essa? E entre um grande escritor como Dias Gomes e uma pobre escrevinhadora também a diferença se mede a dinheiro? Se Breyer tivesse um milhão de contos fazia um **Roque Santeiro**?

Homem, por isso não haja falta. Segue vale do correio.

José Mirandum

MÉDICO DE URGÊNCIA

☎ 76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALTO DE SANTO AMARO: Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 637070); **ALVALADE: Brisália**, Av. Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 882368); **AVENIDAS - SALDANHA: Império**, R. António Enes, 10 (T. 548002); **AVENIDAS NOVAS: Fátima**, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 763107); **BAIRRO AZUL: Sírius**, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 544000); **BAIXA: Silva Carvalho**, R. dos Fanqueiros, 124-126 (T. 873875); **CALHARIZ - BENFICA: Rebocho**, R. Tenente Ribeiro dos Reis, 12-B (T. 743871); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Serra**, R. Luís Cristino da Silva, lote 211, loja 133, zona 2, Chelas (T. 853720); **LUMIAR: Alameda**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **MARVILA: Freitas**, R. Vale Formoso de Baixo, 23-A (T. 381136); **MERCADO DO CHILE: Corvo**, R. Ângela Pinto, 32-B-C; **RADIODIFUSÃO - EX-EMISSORA NACIONAL: S. Nunes Simões**, R. do Quelhas, 1-3 (T. 661275); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Catela Tavares**, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453). **REFORÇO — ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Palma**, Av. Duque de Ávila, 25-31 (T. 547088); **AVENIDA DE ROMA: Avis**, Av. de Roma, 56-B-C (T. 895370); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPO DE OURIQUE: Pinheiro**, R. de Campo de Ourique, 135 (T. 686640); **CAMPOLIDE - SETE RIOS: Nova**, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **LUZ - FRENTE AOS MENINOS DA LUZ: Geny**, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da E. da Luz (T. 7140342); **OLIVAIS SUL: Fernandes Borges**, R. D. Aleixo Corte Real, lote 388, cruzamento com a R. Cidade de Bolama (T. 311091); **PEDROUÇOS: Sociedade Higilux**, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); **PENHA DE FRANÇA: Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (T. 844361); **PICHELEIRA: Luzmar**, R. João Nascimento Costa, 16 (T. 880703); **RATO - MARQUÊS DE POMBAL: Vieira Borges**, R. Alexandre Herculano, 28-30 (T. 520536); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Cerqueira**, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T. 2073443). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Fonseca**, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 20400020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Marques**, R. Arronches Junqueiro, 109 (T. 22983). Permanente; **Leão Soromenho**, R. Machado dos Santos, 24 (T. 22691). Permanente; **Cunha Pinheiro**, E. da Canarinha, 32 (T. 29215). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 241015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SASSOEIROS: Amral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 212 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Clabel, R. António Sardinha, 2-D (T. 4938551). Permanente; **Carlos**, R. Sebastião da Gama, 28-B, Casal de São Brás. Permanente; **Heleno**, R. 1, lote C, Reboleira Sul (T. 964746). Até às 22 horas; **QUELUZ: Pereira Dias**, Monte Abraão (T. 4375566). Permanente; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2751626). Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 92141030). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas;

DL TEATROS

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17 e 36 17 40

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00

«**TOMA LÁ REVISTA**«, de Henrique Santana e Francisco Nicholson, com a colaboração de Mário Zambujal. Direcção e criação coreográfica de Magda Cardoso. Direcção e encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone deOliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 538586

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CRIADA PARA TODO O SERVIÇO**», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez. Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De quarta a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**A DAMA DO MAXIM'S**«, de George Feydeau. Pelo **Novo Grupo**. Tradução: Luiz Francisco Rebello, Vera San Payo Lemos e João Lourenço. Encenação: João Lourenço. Cenários: Nuno Carinhas. Figurinos: Vera Castro. Música: Eduardo Paes Mamede.

Caixa Económica Operária

R. Voz do Operário, 64. Telef. 875610. De 3ª a sáb. às 21.30. Dom. às 16

KARTOTEKA, de Tadeusz Rozewicz, pelo Contra Regra. Enc. de Antonino Solmer. Música de Carlos Zíngaro.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala principal

De terça a sábado às 21.30. Domingos às 17.00

«**OS DOIS CORCUNDAS E A LUA**», de Richard Demarcy. Enc. João Mota. Interp. Carlos Paulo, Paulo Ferreira, Jorge Loureiro, entre outros. M./6 anos.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 863977

De 5.ª a domingo, às 21.30; sábados, domingos e feriados, também às 16.00

«**SOCORRO... SOU UMA MULHER DE SUCESSO**», de Alloisio Coli-Gaber. Cen.: Jorge Rocha. Enc.: Io Appolini. Fig.: José Carlos. Versões das canções de Nuno Gomes dos Santos. Arranjos musicais de Luís Filipe.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Rossio, Telef. 372246. De 3.ª a sáb., às 21.30, sáb. e dom. às 16.

GUERRAS DE ALECRIM E MANGERONA, de António José da Silva. Enc. de Carlos Avilez, Int. de Manuel Coelho, João de Carvalho, Carlos Pimenta, S. José Lapa, Catarina Avelar, Paula Mora, Fernanda Borsatti, António Anjos e Vítor Ribeiro.

Porto — Sala Povo Portuense

R. de Camões, 578 — Tel. 28 344

De 3.ª a domingo, às 21.45

«**TIO VÂNIA**«, de Anton Tchekov. Pelo Seiva-Trupe. Encenação de Fernando Umaña. Interpretação de Júlio Cardoso, Estrela Novais, Alfredo Correia, Glória Férias, Alberto Quaresma e Laura Perry.

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 07

De 4.ª a sábado, às 21.30; domingo às 17.00

«**METRO-CABARET**«. Espectáculo musical. Texto de Fernando Gomes e música de Zé Carraza. Com Fernando Gomes, Maria Vieira e Adriano Luz.

Instituto Franco-Português

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 45 74

De 3.ª a sexta, às 21.30; sábado e domingo às 17.00

«**LES LETTRES DE LA RELIGIEUSE**«. Por IFP — La Théatrelle. Encenação de Jean Lejude. Interpretação de Solange Charlot, Maria Mendes e Alexandre Melo. Musica de Fernando Marques.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Balneário Dr. Paula Borba — Tel. 2 91 30

5.ª e 6.ª, às 21.30; sábado e domingo, às 16.00 e 21.30

» **O MÉDICO À FORÇA**«, de Molière. Pelo Teatro de Animação de Setúbal. Encenação de Carlos César e Asdrúbal Teles. Interpretação de Carlos Rodrigues, Maria Clementina, João Victor, Nuno Mello e Rui Serra.

Drogaria Ideal

R. do Conde, 57 — Tel. 66 12 77

Diariamente, às 23.30

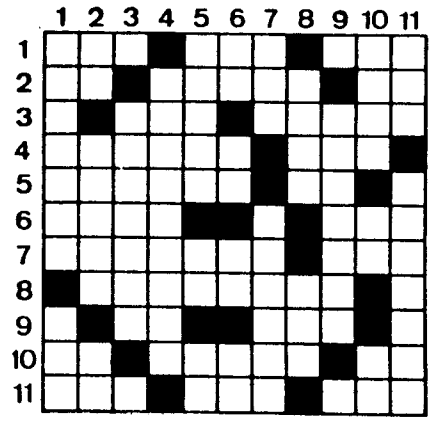
«**MULHERES DE CALÇAS**«. Números de revista. Por Zita Duarte.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17 177

HORIZONTAIS:

1 Espaço de doze meses. Gosta muito de. Possui.
2 Laço. Cidade de Portugal. Pedra de moinho.
3 Pequeno poema medieval, narrativo ou lírico. Nome de mulher.
4 Sublime (fig). Uma das Espórades.
5 Nevoento. Grande ribera da Ásia Russa.
6 Rezam. Patrão.
7 Desbastais. Oferecer.
8 Cáustico (fig).
9 Senhor. Pêlos de certos animais.
10 Zomba. Avaliam. Post scriptum.
11 365 dias. Rio da Suíça. Punhado.



VERTICAIS:

1 Príncipe troiano, que abordou à Itália, e fundou Pádua. Grande.
2 Em o. Possuirás. Prefixo de negação.
3 Guiarás.
4 Instrumento para medir a pressão atmosférica.
5 Constelação zodiacal, também chamada Carneiro. Nesse lugar. Batráquio.
6 Miriare. O sono das crianças. Caminhar. Aqui.
7 Procede. Albergar por esmola.
8 Rancor. Caminho (abrev).
9 Passagens nas roupas.
10 Nome de letra (pl). Ruim. Utensílios domésticos.
11 Maior. Perfeito.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 176

HORIZONTAIS:

1 A. PEQUENO.
2 Mel. Amorar.
3 Moras. Piada.
4 Ardor. Ato.
5 Lai. Ro.
6 Doges. Bo.
7 Acorríamos.
8 Co. Na. Re. Cu.
9 Arrancarias.
10 Mr. Idoso. Ro.
11 Ao. Sem. Sras.

VERTICAIS:

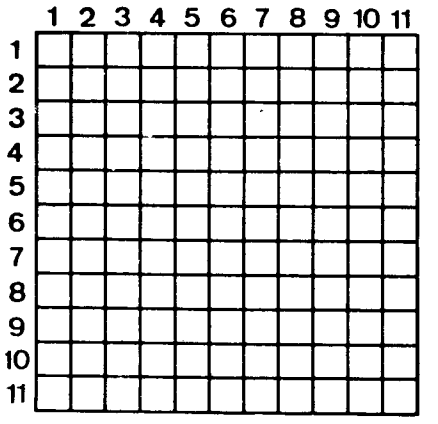
1 MAL. Acama.
2 Mora. Corro.
3 Perdido.
4 Elão. Ornais.
5 Sr. GRANDE.
6 Úa. Rei. Com.
7 Empa. Saras.
8 Noite. Meros.
9 Orão. Bo.
10 Ad. Roscara.
11 TRAPO. Usos.

PROVÉRBIO: A pequeno mal, grande trapo.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 002

HORIZONTAIS:

1 Entidade mitológica, ou espírito sobrenatural, que se supunha fazer travessuras, de noite, dentro das casas. Duzents em romano.
2 Pequena ave de rapina. Esmoncara.
3 Amigos íntimos.
4 Escavai. Viração.
5 Pegas. Interjeição da ilha das Flores, o mesmo que ah! oh!
6 Doutor que, entre os judeus, ensinava a lei aopovo.
7 Filtre. Vi.
8 Artéria. Enredos (fig).
9 Ecoo. Sapo do Amazonas.
10 Estrépido de desmoronamento. Aparece em lugar alto.
11 Rainha de Castela e Leão, filha de Afonso VI. Sufixo que designa abundância.



VERTICAIS:

1 Domestico. Nome de alguns roedores (Bras).
2 Acrescentando uma vogal é ilha de Santo Estêvão. Pátria de Abraão.
3 Filho de Zeus, rei de Egina. Dás aviso de alguma coisa em voz alta.
4 Poente. Ovário dos peixes.
5 Habitante de Damasco.
6 Espreitar. Autores.
7 Apelido. Campos gerais da Guiana (Bras).
8 Nome vulgar do peixe-lua. Concelho do distrito do Bié-Cuando Cubango.
9 Divide em ruas. Reino da Federação Indochinesa.
10 Greda branca. Aparência.
11 Cidade do estado de Minas Gerais. Transpiras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 001

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Bogalhal.	1 Brilhantes.
2 Riam. AC. Cem	2 Oiro. Arrã.
3 Irradiaram.	3 Garrote. Ás.
4 Lori. Amansa.	4 Amainaras.
5 Ona. Ami.	5 Arreata.
6 Altar. Roçar.	6 Haia. Ien.
7 Errai. ACE.	7 Acamarias.
8 Ta! Ae. Aldeã.	8 Ramo. Ga.
9 Er. Sais. Ari.	9 Caniçada.
10 Sra. Te.	10 Ems. Acerai.
11 Assanharia.	11 Im. Arreai.

Radio

Antena Um

16.00: Rocklândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: A Europa dos doze; **20.20**: Musical; **21.00**: Musical; **21.30**: Livre e directo. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

15.30: Compositores portugueses; **16.30**: Album musical; **17.00**: Falar cinema; **17.35**: Tempo para o bailado; **18.40**: Orquestras de câmara; **19.00**: Integral. da música de cena «Um Sonho de Uma Noite de Verão», de Mendelssohn; **19.23**: Pequeno concerto de câmara; **20.40**: Destaque, para o bandolim; **21.00**: Alfa e omega; **21.45**: Os ciclos das canções; **22.00**: Parte de um concerto, pelo Quinteto de Sopro da RDP; **22.25**: Música de operetas, de Offenbach e Millocker; **22.50**: A dança no Renascimento europeu; **23.10**: Ao serão, com Witold Lutoslawski e Robert Desmos; **00.50**: Ultimo andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Médía (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Graças a Deus é sexta-feira; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Música portuguesa; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **02.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Cem mais; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa-tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Da veiga à serra; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fontes termais.

Voz de Lisboa

13.30: Encontro para dois; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Sons do Sul; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.55**: Meditando.

TELEVISÃO

RTP

17.36 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando

«O Cão Vagabundo», «Ilusionismo» e «Fuco e Ambrósio»

18.25 - Os Anos Não Contam

2º Episódio

18.55 - O Império de Carson

20º Episódio: Eillen regressa a casa de Vic e Sarah acha muito difícil aceitar as condições restritivas de Collingwood.

19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Roque Santeiro

20º Episódio: Malta diz a Roberto Mathias que tenha cuidado para não ser castigado por algum marido furioso, devido à sua fama de mulherengo. Roberto já cheio de medo começa a ficar apavorado quando Porcina o vai visitar durante as filmagens. Porcina vende uma propriedade a Tito e a Linda para montarem uma fábrica. Tania diz a Frei Albano que tem um plano para abrir a creche que ele havia projectado.

21.20 - Scandinavian Connection

1º Episódio: O vôo SAS 917 parte do aeroporto de Copenhaga em direcção a Nova Iorque com 350 passageiros a bordo. Já no ar, o capitão Malmberg é informada de que há um criminoso a bordo...

22.35 - O Programa das Festas
23.05 - 24 Horas
23.40 - Remate
23.55 - Pela Noite Dentro

«Amarga Surpresa»: Em Nova Iorque, nos anos 20, George Webber é um jovem escritor empenhado em transformar-se numa grande vedeta da cena literária pela sua companheira, uma conhecida cenógrafa teatral, e por um célebre editor, Webber consegue concretizar as suas ambições. Mas espera-o uma amarga surpresa: um mundo moralmente equívoco e, por vezes, mesmo corrupto onde a singularidade de cada indivíduo nem sempre respeitada.

Interpretação: Lee Grant, Chris Sarandon., Hurd Hatfield e Tammy Grimes.

Realização: Ralph Nelson

RTP 2

15.45 - O Mundo é Um Palco

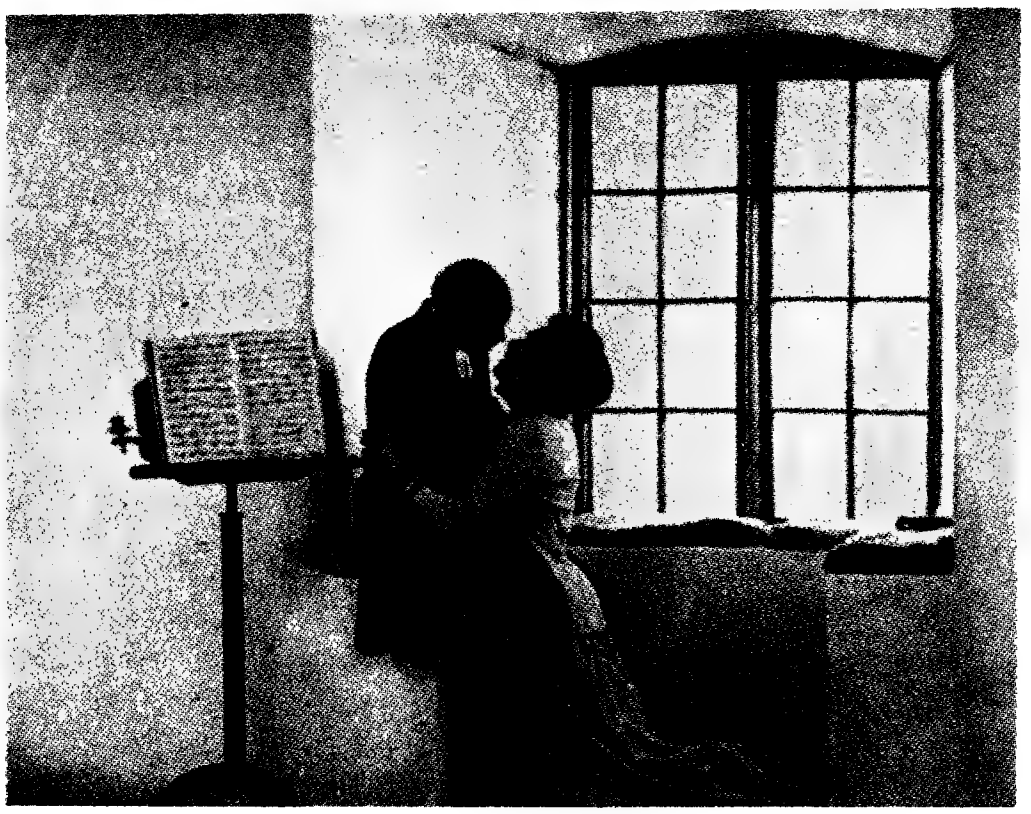
4º Episódio

16.40 - Trinta Minutos Com...

«José Miguel Trigoso»

17.15 - Os Imigrantes

120º Episódio



No 2º canal às 22.05, o 3º episódio da série «Fanny e Alexandre»

«O Cão Vagabundo», no 1º canal às 17.40

18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Tottaly Live
19.55 - Hitchcock Apresenta

112º Episódio: Davie Logan, um rapaz de dezassete anos, acorda uma noite com um terrível pesadelo, veste-se e diz à mãe que vai sair. Preocupado com o pai, Davie dirige-se para o bar mais próximo.

A sua única certeza é que alguém vai morrer nessa noite.

Realização: Robert Stevens

20.20 - Os Malucos do Circo

26º Episódio

20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Clube de Jornalistas
22.05 - Fanny e Alexandre

3º Episódio

23.10 - Troféu

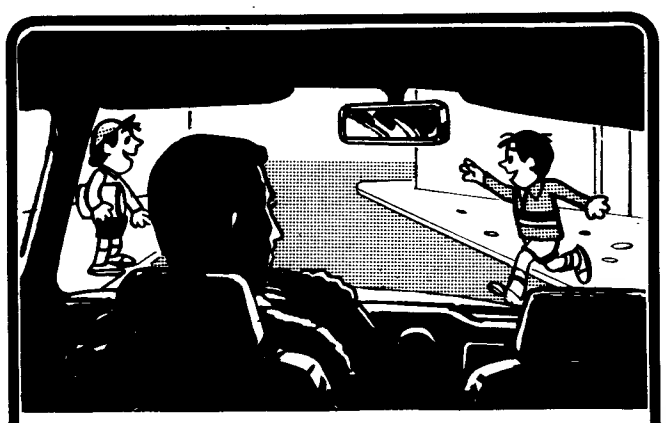
AMANHÃ

RTP-1

09.01 - Juventude e Familia
12.00 - Defesa do Ambiente
12.30 - Estrada Larga
13.00 - Jornal de Sábado
13.10 - Especial National Geographic
14.00 - Parlamento
14.30 - Lucky Luke
15.00 - Sobe e Desce
16.00 - Sessão da Tarde
17.30 - Fisga
18.15 - Vivamúsica
19.15 - Sete Folhas
19.45 - Totoloto
20.00 - Jornal de Sabado
21.00 - Boletim Meteorológico
21.05 - A Relíquia
22.25 - Deixem Passar a Música
23.20 - Cinema da Meia-Noite

RTP-2

09.01 - Compacto Countdown
13.00 - Compacto Tudo ou Nada
16.00 - Troféu
20.00 - Almanaque
20.05 - Som da Surpresa
21.05 - Strindberg
21.55 - Concordo ou Talvez Não



AOS CONDUTORES

"Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua,distraidamente,para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 Pela Noite Dentre

RTP 2 Fanny e Alexandre

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

"O Império de Carson"

PORTE PAGO

DL

Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Tecnicos. **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21) Porteiro 32 11 54 Redacção. 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira: 55$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82
Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

Dois jornalistas colombianos e dois brasileiros receberam hoje os Prémios Internacionais de Jornalismo «Rei de Espanha 1987». Yamid Amat Ruiz e a sua equipa da rede Caracol colombiana receberam o prémio de rádio, no valor de 700 contos, pela cobertura da viagem de João paulo II à Colômbia. O colombiano Andres Pastrana e a sua equipa do telejornal TV-Hoje ficaram com o prémio de televisão, no valor de 700 contos, por um trabalho sobre o tráfico de drogas. Janio de Freitas e Sebastião Salgado, brasileiros, obtiveram, respectivamente, o prémio de imprensa e de fotografia.

Gripe anula visita de Soares a Moura

A visita do Presidente da República ao concelho de Moura, prevista para hoje de manhã, foi anulada por Soares se encontrar «muito constipado e com gripe».

Mário Soares permaneceu, durante a manhã, na messe da Base Aérea de Beja, onde tem estado instalado, ficando a deslocação ao concelho de Serpa, prevista para a tarde, dependente das melhoras do seu estado de saúde.

O Presidente Soares sentira-se já indisposto quinta-feira à noite, no espectáculo de artistas alentejanos a que assistiu, no cine-teatro de Beja.

Feto humano encontrado em Alfragide

Num contentor de lixo, em Alfragide, no concelho da Amadora foi ontem à tarde encontrado um feto humano com cerca de seis meses de vida, o qual após cumpridas as formalidades exigidas, foi removido para o Instituto de Medicina Legal, a fim de ser autopsiado.

O contentor estava instalado no Bairro do Alto da Cova da Moura, na esquina da Avenida da República com a Rua 8 de Dezembro.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO — 80 000 CONTOS

19 479

2.º PRÉMIO — 12 000 CONTOS

2 673

3.º PRÉMIO — 3 000 CONTOS

31 281

Na próxima 6.ª feira, dia 13, Lotaria Especial de Novembro

60 000 CONTOS

Bilhetes a 6000$00 e décimos a 600$00

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção.
nos balcões da CASA DA SORTE
em LISBOA – BRAGA – PORTO – AVEIRO – VISEU – COIMBRA – SETÚBAL – FARO

ENTRADAS de Lotaria sai sempre. **EXPERIMENTE**
CASA VIOLA – a sorte que «toca»
Lisboa, Braga, Estoril, Viseu, Portimão, Setúbal
Correio: R. Assunção, 67 — 1100 LISBOA

DECARAS

NAT KING COLE: o duplo álbum com os seus maiores êxitos acaba de conquistar em Portugal um disco de ouro por vendas superiores a 10 mil exemplares. Editado há uma semana, «The Collection» inclui 28 temas, entre os quais «Solamente Una Vez», «Mona Lisa», «Vaya con Dios», «Cachito», «A Media Luz» e «Sweet Lorraine». Nat King Cole, que nasceu em Alabama, morreu há 22 anos.

HERMAN JOSÉ é um dos quatro portugueses que adquiriu um «Rolls Royce», último modelo. Os novos «Rolls Royce» deverão chegar a Portugal no príncipio do próximo ano ao preço de 40 mil contos. Para além de Herman José, os outros três «Silver Spirit», o novo modelo, destinam-se ao Norte do país. Existem actualmente em Portugal entre 80 a 100 «Rolls Royce», mas todos de modelos relativamente antigos.

JOSÉ CARDOSO PIRES lança no próximo dia 19 o seu novo livro, «Alexandra Alpha», em edições simultâneas do Círculo de Leitores e da Dom Quixote. Mas antes do lançamento do novo trabalho do autor de «Balada da Praia dos Cães», o Círculo de Leitores, o maior clube português do livro, edita o primeiro livro de Joaquim Letria, «Histórias para Deitar Fora».

MIGUEL TORGA será saudado por poetas, cantores e estudiosos da sua obra num espectáculo promovido pela Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro. O sarau culrural terá lugar no dia 13, pelas 21 e 30 horas, no auditório do BESCL (R. D. Luis I, nº 27, em Lisboa), no âmbito do S. Martinho. No espectáculo actuarão o Rancho Folclórico da Casa do Povo de Gondim (Régua) e grupos culturais e folclóricos das casas regionais do Minho, Galiza e Alentejo, e ainda o grupo coral do Banco de Portugal e secção de fado da Associação Académica de Coimbra.

PAULO FUTRE (Atlético de Madrid) e Emilio Butragueno (Real Madrid) recebem hoje, em Madrid, os troféus «Bravo», do semanário de Bolonha «Guérin Sportivo». Os troféus, de prata para Butragueno e de bronze para Futre, serão entregues pelo chefe de redacção internacional do semanário, antes do encontro entre as formações madrilenas, a contar para o camponato espanhol. O «Bravo» de ouro foi entregue ao holandês Marko Van Basten, actualmente no AC de Milão. Os prémios, para jogadores com menos de 24 anos, são referentes à época anterior, em que Futre alinhava pelo FC Porto e Van Basten pelo Ajax.

JOSÉ MANUEL NUNES, director de Programas da Antena UM, foi eleito para a Comissão de Reestruturação do sector Rádio da UER (União Europeia de Radiodifusão). Trata-se da primeira eleição de um representante português para tal cargo e o facto deveu-se ao apoio e iniciativa do grupo de países mediterrânicos, conhecedores dos competência e experiência daquele responsável da RDP. Facto ainda a registar: José Manuel Nunes recolheu o apoio dos representantes de todos os países.

Franceses querem investir em Setúbal

Empresários franceses querem investir em Setúbal na área da produção agro-alimentar, disse, ontem, o vice-presidente do Município de Beauvais, André Vaudrec, também presidente do comité de geminação das duas cidades.

«Temos possibilidades de ajudar os nossos amigos de Setúbal com a criação de empregos — disse o autarca francês — utilizanoo terrenos para construção de fábricas».

«Os americanos já fizeram propostas, nós vamos fazer as nossas — acrescentou —, depois a Câmara Municipal de Setúbal decidirá».

O «vice-maire» de Beauvais encontra-se em Setúbal à frente de uma delegação de 32 elementos dos diversos sectores de actividade daquela cidade francesa geminada com Setúbal.

A delegação chegou segunda-feira e tem tido reuniões de trabalho com entidades ligadas aos sectores culturais de Setúbal, vereadores e elementos dos bombeiros sapadores e voluntários.

André Vaudree, que é também membro da Comissão Europeia de Produtividade e Exploração, disse à agência Lusa que dentro de três meses a cidade de Beauvais vai fazer propostas concretas a Setúbal».

Revelou existir «um projecto de extraordinária envergadura a concretizar em Setúbal por compatriotas seus, escusando-se porém a adiantar pormenores a esse respeito.

O presidente do Comité de Geminação Setúbal-/Beauvais disse estar atento a tudo o que se passa em Setúbal.

«Sabemos da crise — acentuou — e da importância que confere à geminação».

«Pretendemos apresentar a nossa colaboração para a solução de alguns problemas» — asseverou.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.

N.º 327

Na programação do Círculo de Leitores

«Histórias» de Letria e mais coisas para ler e não deitar fora...

O negócio editorial anda concorrido e os grandes da nossa praça, em vésperas da importante jornada natalícia e de fim de ano, esmeram-se na arte das melhores «jogadas» e dos adequados resultados. Não tem o Círculo de Leitores (espécie de Benfica—ou Porto?— das nossas Letras) culpa directa destas referências futebolísticas. Mas a verdade é que reunir jornalistas em «quente» dia uefeiro para anunciar próximos e espectaculares lançamentos acabaria inevitavelmente por dar nisto...

E adiante, que o «craque» Mega Ferreira, uma genial contratação da multinacional alemã-federal da venda do livro ao domicílio, embora assumido apreciador duma boa partida de futebol, não organizou o encontro de ontem com cinco publicistas para falar do Futre ou do Madjer. O negócio é livros, o clube tem 460 mil sócios e, como todo o sagaz técnico que se preze, Mega Ferreira, bem acompanhado pela adjunta Ana Cardoso Pires, tratou de apresentar as «Histórias para ler e deitar fora», de Joaquim Letria(lançamento marcado para 19 do corrente), de relembrar a futura e ambiciosa revista «Ler» (com saída antecipada para Janeiro) e de falar das novidades do Círculo para o próximo trimestre.

A revista é bem o exemplo da capacidade e arrojo da maior editora do país. Objectivos: a passagem da «Ler» de trimestral a mensal; uma tiragem média de 200 mil; a garantia de um suporte publicitário sem complexos (os anúncios, «desde que não sejam chocantes», como adverte Mega Ferreira, podem ser de espelhos ou de cozinhas, que os livros e os leitores não se queixarão, certamente); o envio directo e gratuito de 160 mil exemplares para as casas de outros tantos sócios(um mundo de 600 mil portugueses...). Mega Ferreira a dirigir, Francisco José Viegas a chefiar a Redacção e uma nutrida e competente equipa de colaboradores permanentes, alguns dos quais «contratados» na equipa(rival?) do «Jornal de Letras», vão assegurar a qualidade e interesse do que vai ser um caso invulgar do panorama editorial. Duzentos mil! Nem a «Bola», caramba!

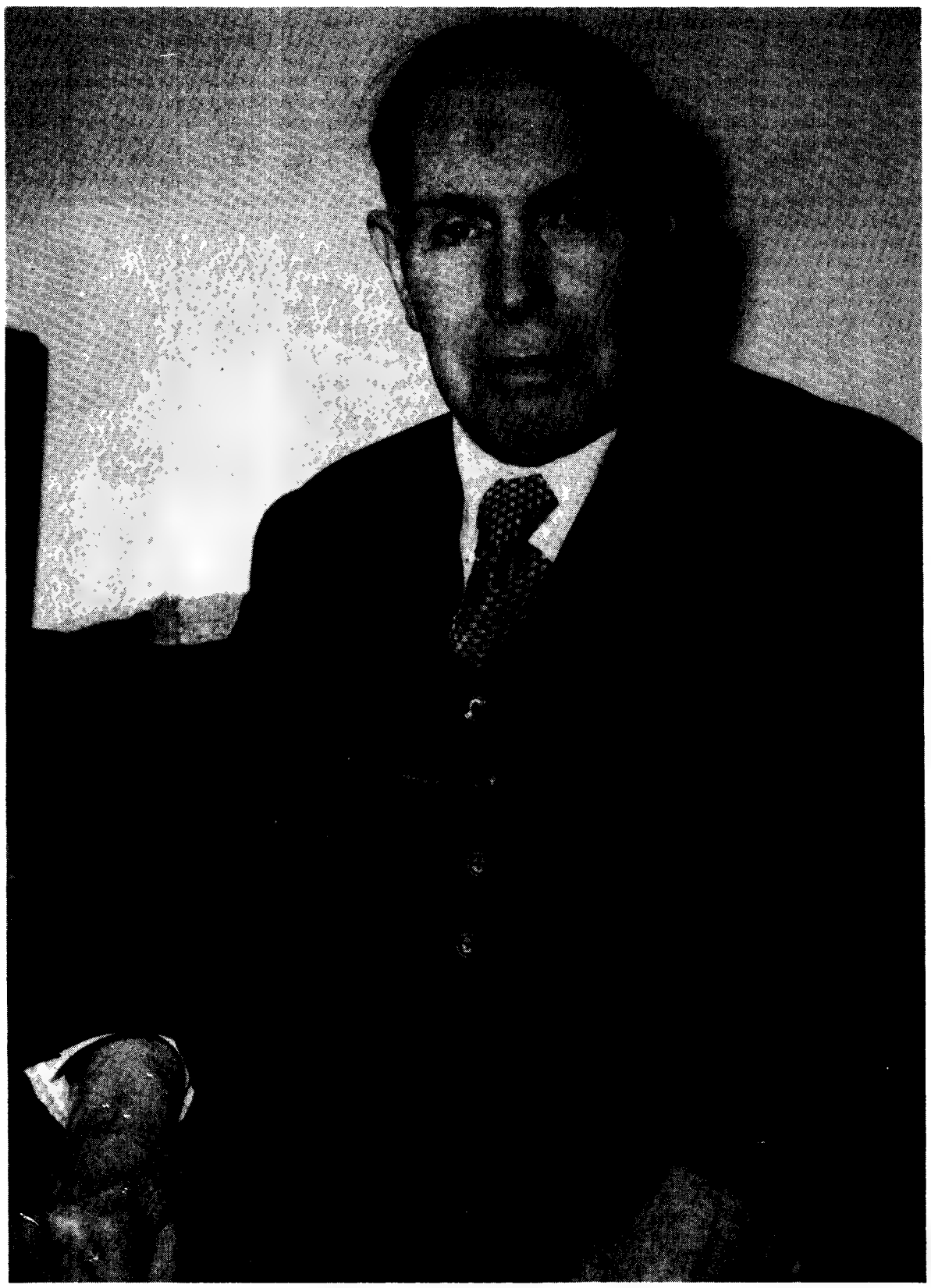
Garcia Marquez, um destacado Nobel, e Cardoso Pires, um dos «top» portugueses, são os lançamentos fortes, já conhecidos, do Círculo para o primeiro trimestre. «O Amor nos Tempos da Cólera» (obra-prima, sim senhor) do colombiano e «Alexandra Alpha» do autor da «Cartilha do Marialva», têm edição simultânea com a D. Quixote, tal como as «Histórias» (para não deitar fora) de Joaquim Letria. O negócio conjunto, lembrou Mega Ferreira, teve uma primeira boa experiência com a dupla edição do último livro de Mário Zambujal. Venderam-se, repartidamente, quase 60 mil exemplares. Ganhou o Círculo, ganhou a a concorrente, ganhou, também, um autor português.

Restantes novidades a sublinhar do CL: os dois volumes de «Os Descobridores», do norte-americano Daniel Boorstin (pode Vasco da Graça Moura ficar descansado que os nossos navegantes não foram esquecidos...) ; «A Paixão do Conde de Fróis», de Mário de Carvalho; «A Costa do Mosquito», de Paul Theroux(«bem melhor que o filme», assegura Mega); os badalados 18 volumes da Geração de 70; a colecção Clube da Gente Nova (para contrariar a mania de muitos chefes de tribo de impingirem aos filhos apenas os livros que eles próprios curtiram na infância) e novas histórias do mestre do policial, Rex Stout.

Finalmente, e esta é outra salutar novidade, o CL vai iniciar uma colecção Ensaio e prepara já a edição das «Mitologias», de Barthes. E promete mais: Eco, Sartre, Freud, Reich, Foucault, Galbraith e Heidegger, entre outros.

Negócio é negócio, mas, se tiver qualidade, quem vai protestar?

E.A.

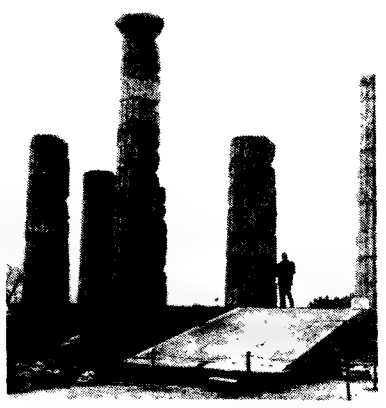


Urbano Tavares Rodrigues escreve sobre o Aquilino em Paris de Jorge Reis

Pág. 2

Na terça-feira

SETE PONTO SETE



Vernant e o pensamento grego

Pág. 3

As miniaturais de António Arnaut

Pág. 2

Aquilino em Paris visto por Jorge Reis

Por Urbano Tavares Rodrigues

ESTE *Aquilino em Paris,* de Jorge Reis, autor de um excelente romance realista e satírico, que ao seu tempo reabilitou entre nós o género policial (1), é um livro difícil de classificar, que participa do ensaio, da biografia, do texto polémico e onde o rigor da investigação se alia à mordacidade, à graça, à inventiva. Acima de tudo é o apaixonado fruto de uma devoção constante, de um daqueles raros e preciosos afectos literários que às vezes levam um escritor a entregar anos da sua vida ao paciente, mas também apaixonado, estudo da vida e da obra do seu ídolo.

Este *Aquilino em Paris,* que, como o título anuncia, pretende (nem sempre o cumpre) circunscrever-se aos períodos da permanência do mestre de *Filhas de Babilónia* na cidade de Anatole e de Proust, é também uma admirável montagem de excertos aquilinianos, escolhidos com superior acerto, de modo a bem evidenciarem a luminosa ironia, não raro voltairiana, o culto pela mulher, a paixão da liberdade, o lúcido, exigente, acrisolado amor pela França, que se projecta não só em tantas e tantas páginas da obra monumental de Aquilino, mas no seu comovente, último regresso a Paris, de que Jorge Reis foi testemunha presencial.

Encontramos em *Aquilino em Paris* o estilo por vezes truculento de Jorge Reis, português sem jaça, vivo, tumultuoso, às vezes próximo da lição do mestre magnífico, ou da fonte onde ele bebeu — a língua dos clássicos. É o ensaio de um romancista que debuxa cenários, afeiçoa e retoca personagens, reimagina o vivido. Mas que jamais falta à verdade. Basta seguir a pesquisa que empreende sobre as estadas em Paris de Aquilino, de Trotski e de Lenine. Com este último ter-se-á o romancista de *O Jardim das Tormentas* cruzado provavelmente na Biblioteca de Sainte Geneviève. Porventura se sentaram lado a lado ou de longe se cumprimentaram.

Como escreve Jorge Reis, foi descobrindo Paris, «ainda com a envide de rústico», que Aquilino a si próprio se descobriu.

Combate Jorge Reis, como não poderia deixar de ser, a estulta afirmação de que Aquilino é um escritor regionalista e não deixa de acentuar a sua ligação a Rabelais e a Anatole France. Recorda que Flaubert e Maupassant eram normandos e as suas obras estão eivadas de normandismos, sem que se possa apodar qualquer deles de escritor regionalista.

Mostra-nos como Aquilino se forma culturalmente em Paris e ali adquire a sua visão do mundo. Recorda cenas e incidentes pitorescos. Desenterra textos primitivos de Aquilino, de um Aquilino que Jorge Reis considera ainda quase fialhesco, mas já escarolado da sobrecarga adjectival.

O jovem Aquilino tem opiniões literárias irreverentes, às quais por vezes se mesclam os seus sentimentos libertários. Assinala Jorge Reis a moderada estima que lhe merece Victor Hugo, a quem Aquilino não perdoa ter atravessado a Comuna de Paris sem um brado de revolta. Chama-nos também a atenção para o seu grito de raiva aquando do fuzilamento do anarquista Francisco Ferrer. Homem de esquerda, Aquilino está — esteve sempre — nas suas aspirações mais profundas, voltado para a justiça, para a atribuição a todos os humanos da dignidade que lhes é negada. Di-lo bem, caldeando indignação e sarcasmo, esta passagem de uma antiga crónica de Aquilino:

«Por bairros caros os Rotschild subvêm a palácios caros onde as letras de oiro e um cristo de pés descalços chamam os que sofrem (...) em Paris milhares de fogões estão apagados por não terem hulha; no Sena precipita-se mensalmente uma centena de pessoas (...) Paris suicida-se, morre à fome, prostitui-se, assassina por pão, enquanto as asas do anjo da caridade passam, as damas tocam cravo em récitas para os pobres, o arcebispo agita a sua campainha pastoral (...) Não é o género do mal, não é o pecado primitivo; é a estupidez e ferocidade humanas; é a estupidez humana que encarece o pão e ministra gratuitamente injecções de cacodilato de soda ao homem que escangalhou o peito comendo pouco pão.»

Carta como esta envia-as Aquilino de Paris para o jornal *A Beira,* de Viseu, e para a *Ilustração Portuguesa.*

Outro aspecto que Jorge Reis põe em destaque é o convívio de Aquilino com os artistas plásticos, entre eles Manuel Jardim, seu grande amigo e até personagem de uma sua novela, *Os Olhos Deslumbrados,* e Anjos Teixeira, Leal da Câmara, a quem tanto admirava.

Aponta-nos o interesse de Aquilino pela pintura dos *fauves,* a sua atracção pela elegância tão peculiar de Van Dongen, pela arte incomparável de Matisse, pelo simbolismo visionário de Puvis de Chavannes.

É com autêntica fúria que ainda hoje Jorge Reis se refere aos juízes que queriam condenar Aquilino ao cárcere, pelas suas palavras altas e duras de *Quando os Lobos Uivam,* na altura em que os próceres do fascismo vituperavam na pretensa Assembleia Nacional esse que era, que é para Jorge Reis — e para mim também — o maior prosador português deste século.

Relata-nos Jorge Reis como Aquilino, acompanhado por seu filho e por ele, na visita que fez a Paris em 1960, depois de uma romagem de saudade à fachada de Notre Dame, saboreando uma *estouffade,* regada com um rosé italiano, lhe contou o milagre, afinal tão simples, do seu imenso vocabulário: os clássicos, claro, mas não só, uma atenção constante à fala dos outros, «a menos de ser surdo, um escritor que tem a peito escrever a sua língua, deve anotar cada palavra, cada expressão que lhe encanta ou lhe fere o ouvido... A língua do povo é um manancial». E essa língua que Aquilino elaborou fez o prodígio do seu estilo, pautado por uma música própria.

Por este ensaio-narrativa, original, apaixonado, cheio de humor, arriscando às vezes hipóteses plausíveis, como a que levanta acerca do *Romance da Raposa* (lembrar-se-ia Aquilino do Goupil de Pernaud?) tem Jorge Reis direito ao abraço de solidariedade, e de gratidão, de todos os aquilinianos. Esse abraço, aqui lho deixo, sincero e veemente.

Nota

(1) *Matai-vos Uns aos Outros,* Prémio Camilo Castelo Branco da extinta Sociedade Portuguesa de Escritores em 1963.

Miniaturais/Outros sinais, António Arnaut, Almedina (Coimbra)

A vida é sempre relacionamento. Relacionamento do homem com o homem, relacionamento do homem com as coisas. Actos há dos outros que perduram em nós, que subitamente descobrimos, que se nos revelam em imagens que para sempre ficam no mais íntimo de nós. Quando, pelo Verão, uma breve chuva toca a terra, o aroma que se ergue desse contacto, do líquido fundindo-se no sólido, da água sumindo-se no solo, quantas e quantas figuras não desperta em nós! Esta sensação, esse despertar de coisas há muito tempo idas, é ainda relacionamento do passado com o presente, do nosso *eu* com o *eu dos outros.* A bem dizer, tudo é uma cadeia que a tudo nos mantém ligados. Um fio, não raro muito ténue, em que muitos são os nós que nos estreitam a vivências passadas e eis então que uma dessas vivências, em determinados momentos, nos surge pendurada nesse fio qual um lenço ondulando no vento da memória...

Atentemos, por exemplo, no seguinte poema de António Arnaut:

«Uma banal gravata azul não tem segredos. / Presa, na cama, é um pêndulo calado. / Ninguém sabe que o nó, apertado, / guarda ainda a doçura dos teus dedos».

O que é que avulta no finíssimo fio do relacionamento de tudo com tudo...? Dirão uns (talvez) que a «banal gravata azul». Quanto a nós, porém, o que ondula no fio é «o nó» da gravata. E isso porque «o nó» dessa «banal gravata azul» guarda em si toda a música e toda «a doçura» de uns «dedos» que são parte irreversível do património sentimental do poeta. A adjectivação desses dedos («teus») vem sublinhar, por sua vez, o relacionamento entre os seres humanos, o que nos conduz obviamente ao começo deste tão despretensioso escrito.

Que não se pense, no entanto, que o livro de António Arnaut se esgota neste poema de tão grande simplicidade exemplar. Numa outra ordem de ideias, um outro poema nos surge (antecedendo, aliás, o da «banal gravata azul») que de maneira exemplar nos oferta a captação das ideias, a apreensão eidética de todo necessária à expressão daquele *indizível* que toda a poesia comporta em si. É quase um aforismo em, como convém, dois brevíssimos versos: «Agarra no ar o verso e dá-lhe o nó / antes que o fio se perca da palavra». Nestes dois versos, encontra-se equacionado aquele processo que, através das ideias superiores do intelecto, nos leva ao relacionamento profundo com as múltiplas formas do ser, ser que se nos revela (parte integrante que também somos do ser) quer através de «uma banal gravata azul» quer através de um «sino». Que se leia: «Um sino acorda os domingos da infância / único signo onde hoje me persigno». Fixemos, neste último poema, um discreto exemplo da técnica exigida pela arte poética. Ora qual...? Este: «signo», «persigno». Para além desta subtileza, impõe-se a substância eidética do poema: «os domingos da infância», aqui avultando como o signo onde o poeta se persigna.

Pelos três poemas que ora aqui deixamos sublinhados (numa tentativa breve de exposição de como a poesia é relacionamento humano, e ainda apreensão eidética, e também arte de expressão) se pode concluir que o livro de António Arnaut coisas nos tem para dizer. Que se deverá exigir mais...? Sem dúvida. Mas essa exigência alheia (que é também a nossa) unicamente será satisfeita pela exigência do próprio poeta na elaboração de futuros poemas. Porque, é bom de ver, o presente implica sempre o futuro, isto é, um outro tempo sempre mais maduro.

Pedro Alvim

Angel Crespo, verso e prosa, En medio del camino, Plaza y Janes, Madrid, 1987.
Las Cenizas de la Flor, Ed. Jucar, Madrid/Gijon, 1987

Quase ao mesmo tempo, apareceram este Verão no mercado espanhol dois livros novos de Angel Crespo: *En medio del camino* e *Las Cenizas de la Flor*. O segundo é uma edição da Jucar, de Madrid/Gijon e trata-se duma reunião de estudos, comentários, notas de leitura, textos diversos sobre poetas e poesia até agora dispersos por revistas e jornais. O primeiro, chancela Plaza y Janes, de Madrid, é uma reedição (ou segunda edição) do primeiro volume da obra poética completa do autor. A primeira edição desta primeira recolha datava de 1971. Em Espanha, como em Portugal, como um pouco por toda a parte, um livro de poesia demora alguma coisa a vender-se.

Angel Crespo é um nome mais ou menos familiar do pequeno meio literário português, particularmente do sector da poesia e dos poetas. Devem-se-lhe alguns dos mais importantes (ou até mesmo os mais importantes) trabalhos de divulgação da poesia portuguesa contemporânea e actual feitos no âmbito da língua espanhola e em Espanha: uma antologia de poesia portuguesa já aqui há mais de vinte anos, outra, (esta em dois volumes, aqui há três ou quatro anos, muito mais vasta e actualizada (do Orpheu a Gastão Cruz), traduções de Fernando Pessoa e Eugénio de Andrade (a uma das quais, deste – *Vertientes de la Mirada* – aqui se fazia referência há duas ou três semanas).

E, aparentemente fora das letras, mas não tanto como se poderá suspeitar, um livro dedicado à cidade de Lisboa. Amador Palácios escrevia sobre este livro num dos últimos números deste suplemento. Não conhecemos o livro. Dizem-nos, porém, que o texto de Crespo tem vastos prendimentos com alguma mitologia cultural da capital portuguesa, avultando, compreensivelmente o referencial à volta de Fernando Pessoa.

Justifica-se, pois, se caso disso, que num jornal português se preste alguma atenção ao que está a escrever e a publicar este ex-professor da Universidade de Aranjuez, Porto Rico, há algum tempo regressado a Espanha e a viver e a trabalhar, salvo erro, em Barcelona.

Como poeta, Angel Crespo aparece na cena da poesia espanhola em fins de 40, princípios de 50, etária e geracionalmente dentro do que vem a designar-se por pós-guerra, num relance largo; num relance mais próximo, ele, com outros (avultando o nome de Gabino Alejandro Carriedo — de quem aqui se falou há dias, a propósito de uma edição póstuma de um livro de poesia escrito em português) vão representar, neste movimento quase global, uma inflexão específica — a propósito da qual se falará de realismo mágico, entre outras coisas.

Em princípios de 60, com uma meia dúzia ou pouco mais de livros publicados, Crespo será uma referência de primeiro plano. A meio da década, os portugueses podem ler alguns poemas dele traduzidos por Egito Gonçalves numa antologia chamada *Poesia Espanhola do Pós-Guerra* (1). E nos anos que se seguem, principalmente nestes últimos, o nome dele vai aparecer em algumas revistas literárias portuguesas, na antologia de José Bento (2), e, ao que julgo saber, num livro individual publicado no Porto (3).

De passagem seja dito: há, entretanto, da parte de Crespo, uma ligação ao Brasil e aos brasileiros, tão forte e consequente, pelo menos, quanto a que já havia, e entretanto se mantém, a portugueses e a Portugal.

En medio del camino arquiva a produção poética do autor entre 1949 e 1970, em cinco «livros», numa arrumação diversa da dos livros antes publicados isoladamente. Há ainda inéditos (em livro, até aqui).

O título lembra, obviamente, um conhecido poema de Carlos Drummond de Andrade. Parte da produção aqui arquivada é já contemporânea do relacionamento activo de Angel Crespo com a poesia portuguesa e a poesia brasileira. Nada de surpreendente, pois, quando no «livro terceiro» (produção de 1958 a 1964) se nos deparam dois poemas, um «A Fernando Pessoa», escrito no estilo (largo-discursivo) de Álvaro de Campos, outro «A João Cabral de Melo Neto», escrito no estilo do autor de «Quaderna».

A dada altura, fazendo da poesia de Crespo um percurso diacrónico, apercebemo-nos de um crescente alargamento de referências e, principalmente, de uma radiação em temas, assuntos, pretextos, motivos, etc., numa determinada área cultural: Espanha, Itália, etc., até alguns limites da latinidade. Há poemas titular ou capitalmente dedicados a, por exemplo, Picasso, Miró, Tapiés, Galileu, Dante, Savonarolla, etc. E inúmeras rotações sobre lugares, paisagens, etc. A poesia de Angel Crespo vança, a dada altura, também para um certo cosmopolitismo cultural — que não é dos seus menores motivos de interesse. Este motivo de interesse vai reforçar-se na produção posterior a 1970 — e aí Portugal, designadamente Lisboa, vai ocupar algum espaço.

E quedemo-nos por aqui, quanto à poesia.

Quanto à prosa, este livro compõe-se fundamentalmente de dois conjuntos de textos: um primeiro, que dá título ao livro, formado por textos de diverso teor, predominando os evocativos, referidos a viagens, descobertas, encontros, reencontros — com livros, autores, cidades, lugares, etc. — um vasto referencial predominado pelos valores da criação cultural, artística, literária, e poética, principalmente; e um segundo conjunto de peças dedicadas ao que titularmente se designa por «Verso e Prosa Neo-Latinos». Fala-se aí de Casanova, Sade, Verlaine, Michaux, Dino Campana, Lois Seoane, etc., neste etc entrando dois nomes portugueses: Jorge de Sena e José Bento.

Pode agora perguntar-se que interesse tem isto para o leitor português, para além da curiosidade de um poema dedicado a Pessoa e dois escritos em prosa sobre dois poetas portugueses.

O interesse é óbvio, embora os sectores interessáveis sejam restritos. Não sei se os livros aparecem no mercado português —, mas não é todos os dias que aparece no mercado livreiro português, por exemplo, uma colectânia de escritos como os que se reúnem em *Las Cenizas de la Flor*.

Quanto ao livro de poesia, ocorreria uma sugestão: que se traduzisse em português e editasse em Portugal Angel Crespo. Parece, porém, que esta sugestão está relativamente desactualizada: ele já saiu em duas antologias e até já teve um livro individual editado no Porto, por Gota de Água, salvo o erro. Em vão procurei este livro nas livrarias de Coimbra. No Porto ou em Lisboa talvez o leitor encontre, e pelo que aí se lhe deparar saberá ajuizar melhor do interesse que tem este *En medio del camino*.

1) Era uma edição da Portugália, desapareceu há anos das livrarias.
2) Antologia da Poesia Espanhola Contemporânea, ed. Assírio e Alvim, Lisboa, 1985.
3) Gota de Água (?).

Luís de Miranda Rocha

Origens do Pensamento Grego, Jean-Pierre Vernant, Ed. Teorema

«LES Origines de la Pensée Crecque», de Jean-Pierre Vernant — celebrado volume das Presses Universitaires de France — encontram-se agora publicadas entre nós, em tradução, cuidada, lançada pela Editorial Teorema.

Assinala-se na contracapa da novel edição, depois de se recordar que a obra veio pela primeira vez a público em 1962, após o que tem sido sucessivamente reeditada, que a mesma se tornou de «consulta obrigatória para todos os leitores vivamente interessados nas mais antigas criações mentais da cultura grega». Alusão que não peca por excessiva, porque exacta.

Trata-se, na verdade, de uma abordagem séria de muitos e complexos problemas da história da cultura helénica, de um estudo denso onde, não obstante, a profundidade da erudição deixa campo à capacidade interpretativa do autor, a qual se manifesta, inclusivamente, na formulação de não poucas e pertinentes hipóteses, com vista ao encadeamento ou integração de dados.

Ao longo de centena e meia de páginas, Vernant vai fazendo incidir luz sobre numerosas questões que andavam (e muitas delas têm andado ainda...) frequentemente enredadas. Luz, essa, que iluminará, a jorros, conceitos até aí bem pouco nítidos.

As linhas fundamentais das mais significativas civilizações pré-helénicas, a relevância do legado cretense, a marcante especificidade da civilização e cultura micénicas, o alcance de que se terá revestido o relacionamento dos aqueus com diversos povos outros (do Oriente, sobretudo), a ruptura introduzida pela invasão dórica no processo civilizacional que, precedendo-a, se encontrava em curso, a originalidade da síntese cultural grega, com uma razão a emergir, rútila, da noite do mito, — tudo são problemáticas

que saem, da lúcida análise a que as submete Vernant, se não em definitivo resolvidas (e algumas tê-lo-ão ficado), pelo menos mui claramente equacionadas.

Dir-se-ia mesmo que, de capítulo para capítulo, a dilucidação de Vernant vai ganhando em intensidade, fazendo avultar, precisos, os factos, o relacionamento lógico que os aproxima, as aquisições mentais que se vão operando... Presos do virtuosismo ensaístico do autor, é com entusiástico empenho que assistimos à lenta mas resoluta emancipação do político face ao religioso, à autonomização do filosófico face ao político...

A partir da observação do quotidiano — especialmente do da cidade, da *polis*, social por excelência —, os gregos «recriam» o mundo dos deuses, e, animados do propósito de em tudo pôr medida, para tudo verem em função do número, logram transpor para a ordem cósmica a concepção de equilíbrio que haviam vislumbrado como possível, como praticável, na sociedade humana. Geométrica, a razão helénica debruçava-se sobre o político, e, nele reflectindo (com Sólen e outros), delineava com rigor o jurídico, estendendo-se ainda a domínios outros...

Superando em definitivo o corte decorrente do sossobrar do modelo micénico, superando o legado homérico, tal razão irá lograr realizar o «milagre grego» que tão enlevada admiração tem suscitado. Razão, porém, que, embora decisiva para o arranque do pensamento científico, se não confundirá — como adverte Vernant — com a que desencadeará, na Idade Moderna, o método experimental. Com efeito, luminoso embora, o pensamento grego da época clássica relevava, em alguma medida, das origens — origens a que o prendiam laços diversos, como, muito pertinentemente, aponta o autor, ao reportar-se ao legado histórico-cultural de Esparta. Na versão portuguesa, um oportuno, se bem que escasso, glossário completa a edição.

Manuel Alexandre Alvim

Wilt, Tom Sharpe, Teorema

DE Tom Sharpe aparece-nos «Wilt», um livro perpassado de cáustico e envolvente humor. Interessante, em suma!

Todo o «Wilt» se desenvolve em torno do personagem Henry Wilt que exerce o cargo de Segundo Assistente na Universidade de Letras e Tecnologia de Feland. Quer candidatar-se a Primeiro Assistente, mas isso é-lhe negado. Há dez anos que vive os dissabores matrimoniais, resultantes do desposar a mulher extremamente volúvel e activa que é Eva Wilt. Por isso, deseja ver-se livre dela. Trama o seu homicídio. Projecto que, curiosamente, o levará a ser acusado do inexistente crime de Eva Wilt. Mas descobre quanta resistência psicológica lhe deram os dez anos de frustre ensino no seu dialogar com o inspector Flint. E como em si desenvolvera mecanismos que nunca mais o impediriam de conquistar o que desejasse...

Envolto no escândalo de um suposto assassínio se encontra Henry Wilt. E tudo devido aos novos amigos arranjados por Eva Wilt. Isto é: Sally Pringsheim, a americana casada com o bem sucedido bioquímico Gaskell.

Sally Pringsheim mantém uma «relação aberta» com o marido. E defende todo o tipo de sexualidade. De resto, ela é lésbica, por detrás da sua pose de mulher emancipada, e o marido pederasta. Um pederasta que faz amor com uma boneca insuflável. A tal Juddy de que Henry se servirá para ensaiar o crime que planeia e que o conduzirá a uma gostosa afirmação de si mesmo.

Sally Pringsheim e Gaskell representam nesta estória o caricaturado arquétipo de certas opções existenciais. Muito familiares no mundo de hoje, e, por isso, diverte-me a completa amoralidade que os corporaliza.

Seduz Sally Pringsheim a Eva Wilt. E, como não podia deixar de suceder, Eva começa a exigir ridiculamente. Na apoteose da sua libertação não vê o malogro que é Sally. Acredita mesmo na mentira que esta lhe fabrica quando, sem culpa, Henry Wilt é apanhado na banheira com a boneca Juddy. E larga o marido. Parte, na companhia de Sally e Gaskell, para uma viagem marítima onde desmistificará o casal...

Desiludida, Eva Wilt foge do barco avariado num colchão e vai ter à «pequena igreja de Waterswick» onde vive o alcoólico Reverendo St. John Froud. A vida deste complica-se porque a realidade com que se depara é tão invulgar que a julga resultante de alucinações. É o caso do apelo de socorro inventado por Gaskell no seu inamovível barco e a constatação da presença de Eva Wilt nos seus domínios.

Romance de cujo conteúdo não mais falarei é «Wilt». Reservovos o prazer do que as suas páginas encerram... Tradução de Ana Mafalda Telo.

Ana Paula Portugal

O estilo como culto

G. Marciano por Wayne Maser

A publicidade de um produto ou de uma marca é cada vez mais, e sobretudo, uma questão de estilo. Ou seja, tem a ver com a adequação, melhor, a *imposição* a um produto de um dado exterior, um *surplus* — um dado puramente não necessário, formal, gratuito — que constitui a fórmula abreviada de um estilo. Ao fim e ao cabo, aquilo que A. Kojève, em relação ao *formalismo* da sociedade nipónica, designava por *snobismo* (a saber, um conjunto de disciplinas — do teatro Nô ao cerimonial do chá ou do arranjo de flores, passando ou terminando no suicídio — que «negariam a determinação *natural* e *animal*» e que constituiriam «*valores totalmente formalizados*»): pelo *snobismo* o indivíduo «*opor-se-ia* a si mesmo e aos outros como uma forma pura» (*Nota* à 2.ª ed. da *Introduction à la lectore de Hegel*, nota de 1959, apresentada por Louis Marin na *Traverses 33/34*). *Não espanta, assim, que no Japão, na publicidade, não interesse tanto o produto (tanto faz, devido até ao carácter polimórfico dos produtos/serviços que se podem agrupar debaixo de uma assinatura) como o nome* de marca (da empresa ou do grupo — outro traço típico do «snobismo») ou qualquer traço (exterior e facilmente exteriorizável, desprendido) que identifique essa marca (não como um signo mas como um *deíctico*) e que a torne re-conhecível (e aqui poderíamos detectar a ressurgência do que de puro formalismo há no estilo *caligráfico* da cultura e escrita japonesas — veja-se também, na moda, as linhas de roupa de Y. Miyake e Y. Yamamoto). Ninguém bebe uma Coca-cola, mas apenas a sua *imagem*, escrevia alguém ainda recentemente (e também aqui podemos ver em vias de confirmação outra tese de Kojève, segundo a qual, das relações entre o Japão e o Mundo Ocidental o que resultaria seriam, isso sim, uma *japonização* do Ocidente, já que a própria «imitação» que o Japão faz do mundo ocidental constitui uma «surenchère» profundamente distanciada e descarnada que recebe e percebe esses valores/produtos como puras *etiquetas* ou despossuídos signos).

Com efeito, tudo parece apontar para esse ideal de consumo em que bastaria *ver* a imagem e não consumir o produto (a consumação, a passagem da posse ao usofruto — por excesso ou por defeito — seria sempre uma decepção, um declínio).

Também na foto de moda, nem sempre, mas em alguns casos, não é tanto a roupa que se expõe *como* uma imagem (uma física: um estilo) e uma assinatura. A questão é encontrar a perfeita forma (a forma perfeitamente distinta: com a coerência em si que a torna reconhecível): uma forma que não só se ajuste, mas que imponha um produto — e fequentemene menos ele do que a sua *assinatura*. Mas hoje, e ainda no campo da foto de moda, talvez se possa dizer, mais ainda, a *imagem* do que a assinatura: se quisermos, a imagem como um *surplus*, a liberalidade profundamente desinteressada (i.e., descontínua, não motivada) de uma assinatura. Nisso talvez se distingam os nomes mais antigos (os «grandes nomes»: os *Nomes Próprios*, com o seu carácter substantivo: basta pensar na constante referência, nos discursos destes cultores — tenha-se em conta o caso recente de Yves Saint Laurent — às «eternas» ideias de forma, de mulher ou de estilo) dos nomes (novos) que ainda não têm uma existência nominal (i.e. que ainda não são suficientemente «próprios») e que se procuram antes impor através de uma espécie de *acoplagem* de uma imagem com uma *assinatura* (por vezes através de perífrases ou nomes-colectivos: *Body Map, Comme des Garçons*, etc.) ou uma *caligrafia* (o Nome Próprio não surge ainda aqui no seu estado substantivo mas como *traçado*, acção de constantemente *firmar* uma assinatura: Giorgio Marciano, Ralph Lauren, Calvin Klein). Aliás, na imagem, o que se dá é mais a concorrência (constitutiva) de um *referente* (ou de um modelo de referente) com um estilo: muito visível quando esse referente surge como tutelar ou único (voltaremos a este aspecto — atente-se, por exemplo, no modo como a figura de Anouk Aimée é trabalhada como modelo por Guy Bourdin, na publicidade de Ungaro), mas noutros casos podendo-se também impor como uma espécie de grande-referente ou de Significante-típico (seja, no primeiro caso, a *mulher-coluna* das fotos de H. Newton para G. Versace — a que aqui já nos referimos —. Ou, no segundo caso, tanto a androgenia-jovem de grande parte da publicidade Calvin Klein — p. ex., aquela que é publicada na revista *Interview* — como o tipo neocolonial das fotos de Bruce Weber para Ralph Lauren).

Na publicidade de G. Marciano importa antes de mais assinalar a sistematicidade, desdobrada ao longo dos últimos dois anos, do seu trabalho fotográfico (inicialmente não assinado mas a partir de 1985 assinado por Wayne Maser, a quem parece possível atribuir a campanha no seu conjunto).

Trata-se, neste caso, não só de aludir a uma imagem *mítica* (a juventude texana, do *Gigante*, revisitada: vejam-se os acessórios, a sugestão de calor, os carros rápidos, as cordas ou os grandes espaços), mas também, e esse é um dos aspectos mais interessantes da campanha publicitária, criar constantemente um efeito de *desajuste* (o instantâneo do movimento, a brutalidade da prise, a pose deceptiva) que impede que a imagem se reduza ao mito e que constantemente a (e o) *curto-circuita*. Efeito de *corte*, violência (a de uma forma que não se reduz ao seu arquétipo: sugere-o, fá-lo vir, mas depois é outra coisa que irrompe no seu sítio) que fazem convergir a *referencialidade* do corpo (esse *ponto de fuga* da carne que é o próprio índice mais seguro da indiciação desse outro valor que é o da *juventude*) e a *singularidade* bruta da marca (como signo, *assinatura*).

Fernando Guerreiro

NOTA — No seu conjunto, os textos de que iniciamos aqui a publicação, sob a designação genérica *O estilo como culto*, foram escritos entre Maio e Julho de 1986. Num campo, simultaneamente tão *persistente* (no sentido da *mania* do que insiste) e *móvel* (reflexivo) como o da *Moda*, estes textos necessitariam, hoje de *evidentes* reajustamentos. No caso específico de G. Marciano haveria que chamar a atenção, quer para as novas campanhas fotográficas de Wayne Maser — a série *bayou* (2.ª metade de 1986 e ainda em curso) e a mais recente série *veneziana* (que aproximamos do caderno especial elaborado por Helmut Newton para a revista *Amica*) — *quer para o trabalho de Neil Kirk, colaborador frequente da Manner-Vogue*, tanto com as fotos de *crianças*, como, mais particularmente, as de *homens* (no caso da moda masculina). Outro aspecto a ver: a «difícil» (mas por vezes *surpreendente*) adaptação do trabalho de Wayne Maser em relação às grandes revistas. «Prática» de diferenciação / reajustamento de que encontramos um dos exemplos talvez mais «decisivos» do número de *Vogue* — americana de Junho.

Arte e tecnologia de ponta (4)

Holopoesia

Por E. M. de Melo e Castro

NESTA série de comunicações sobre tecnologia de ponta (high-tech) e a criação poética (porque pesquisadora e investigadora das possibilidades dessa tecnologia criada por nós — homens) já me referi a videopoesia e à infopoesia assim como aos seus estreitos pontos de contacto, quanto a uma noção de **tempo-visual** desenvolvido num plano de produção e percepção de imagens.

Refiro-me hoje a imagens que no espaço tridimensional se criam e se percebem e na animação e intercepção das dimensões de que se constituem: as três dimensões espaciais, a sua intercepção temporal e a sua fragmentação fractal. Refiro-me à **holopoesia**, tal como hoje ela é proposta e definida pelo brasileiro Eduardo Kac e pelo norte-americano Richard Kostelanetz. Citando Eduardo Kac: *Com o objectivo de desenvolver uma nova poética e ao mesmo tempo criar um novo campo para a arte holográfica, em 1983 concebi um projecto que se situa entre a poesia e a arte visual. Este projecto, que chamei de poesia holográfica ou holopoesia, vem há 4 anos buscando um diálogo com outras disciplinas, com a psicologia da percepção, a mecânica quântica, a filosofia holística e a geometria fractal, na tentativa de fazer do continuum palavra-imagem um valor holográfico novo que se define precisamente no fluxo entre dois códigos: o verbal e o visual. A interface da arte com outros campos do saber, como a física e a matemática, trouxe uma importante colaboração para o vocabulário pictórico e poético nos últimos 100 anos. Já no século 21, acredito, esta interface será fundamental — e um dos holofotes que eliminará o diálogo interdisciplinar é a «dimensão fractal» concebido por Benoit Mandelbrot em sua geometria fractal.*

Importa saber que a holografia nasceu em 1947 quando Denis Gabor investigava para melhorar as imagens do microscópio electrónico. Então, esse físico húngaro não estava preocupado nem com problemas estéticos nem com as possibilidades de uma nova linguagem pluridimensional. No entanto, só após a descoberta do laser em 1960 é que os cientistas Leith e Upatnieck, nos Estados Unidos, e Denis Yuk, na União Soviética, conseguiram em 1962 realizar as teorias de Gabor e obter o registo de imagens tridimensionais ditas holográficas (do grego holos = total ou completo).

Um filme fotossensível recebe, simultaneamente, a luz directa do laser e a luz laser reflectida por um objecto. Ambas interferem entre si, gerando na emulsão holográfica um padrão óptico geométrico que é o holograma, ou seja, a informação visual e espacial do objecto. As descobertas destes cientistas apontavam para uma arte totalmente nova, que se baseia no domínio total da luz, na imaterialidade e na focalização das imagens no espaço.

Uma definição simples do holograma diria que se trata da reprodução luminosa tridimensional de um objecto, de modo que, quando correctamente iluminado, reconstrói a informação óptica tal e qual no espaço. Hologramas comuns de objectos convencionais formam uma mimese em termos de amplitude, comprimento e fase das ondas electromagnéticas. Mas se os objectos possuem existência física e palpável — a linguagem, não.

Enquanto o deslumbramento com objectos tridimensionais destituídos da sua fisicalidade não passa de um nível primário de descoberta de uma das características desta nova tecnologia, a estruturação de mensagens no espaço descontínuo — poesia holográfica, ou holopoesia — se configura num projecto experimental preciso, pois é a própria imagem mental da linguagem que se exterioriza. O pensamento descontínuo é cristalizado no holopoema em sintaxes complexas que só podem existir holomorficamente (sintaxes orbitais, curvas, etc). Ao enviar vários **inputs** *visuais a um só tempo para o cérebro, o holopoema condiciona a sua percepção-cognição à paralaxe binocular, aos movimentos na posição da retina e à posição relativa do observador no campo visual.*

Leitura binocular

Desde que a poesia se tornou uma arte **escrita,** *ela vem-se transformando cada vez mais em criação visual, na qual palavra e imagem se fundem numa forma qualitativamente diferenciada. Neste processo, porém, a binocularidade da visão humana não teve a menor importância — afinal, da prensa tipográfica aos sistemas electrónicos, houve mais uma expansão de possibilidades do que uma mudança substancial do processo de leitura-percepção do texto. Poemas impressos ou em displays electrónicos continuam os mesmos se os observamos com o olho direito ou esquerdo; eles permanecem imutáveis se os olhamos de perto ou de longe, de cima ou de baixo, de um lado ou de outro.*

O poema holográfico é a tentativa **high tech** *de romper com esta tradição monoscópica em poesia; ao se fundamentar na visão binocular (levando em conta a diferença entre o padrão óptico projectado na retina e a experiência mental do poema) ele procura ampliar os limites da percepção humana e o próprio método compositivo do poema. Criar textos estruturados luminosamente no espaço, para serem «lidos» com os dois olhos, cada um, enviando ao cérebro informações diferentes de acordo com as posições relativas do observador, é o ponto de partida de uma pesquisa que tacteia seu próprio campo de expansão. Diante de um holopoema, o cérebro está constantemente mudando o modo de «montar» mentalmente o texto, com base nos* **inputs** *recebidos durante as diferentes fixações dos olhos sobre as letras no espaço. Estamos diante de uma nova maneira de pensar o poema, em que as palavras assumem configurações oscilatórias em tempos e espaços variáveis e pré-programados.*

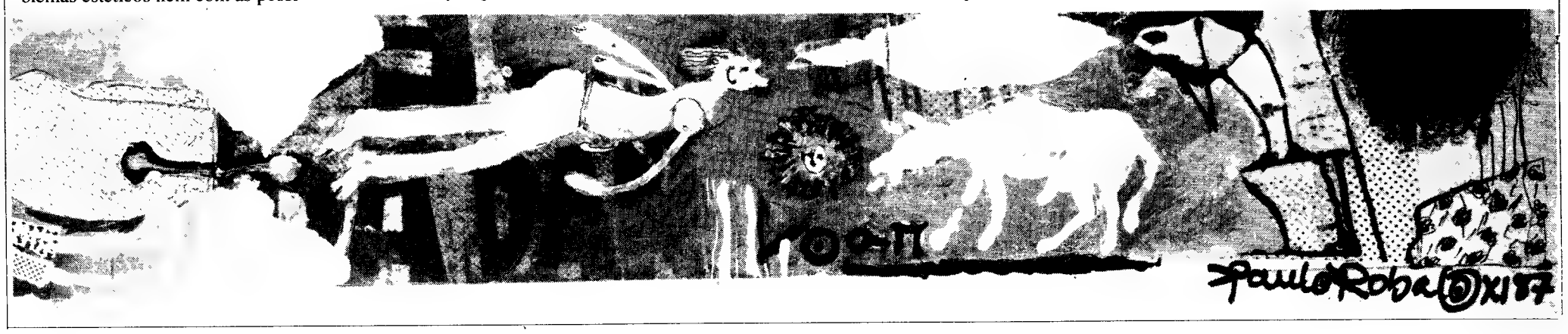
Assim proposta claramente a problemática da holopoesia por um dos seus criadores, Eduardo Kac, ela logo se coloca como a pon a mais avançada da invenção poética neste fim de século, como também aquela que mais fascínio exerce e mais problemas novos levanta, longe, longíssimo já das poéticas sentimentais do ainda vigente romantismo novecentista, das querelas pós-modernistas ou proto-humanistas. É, de facto, na interface com outros ramos do saber humano que o novo humanismo se vem definindo e as novas oportunidades se abrem para a criatividade e sobreviência do homem no próximo século.

Eduardo Kac. Rio de Janeiro. Tem laboratório próprio de holografia. Primeiro holopoema com a colaboração técnica de Fernando Catta-Preta: «Holo-olho» em 1983. O princípio geral da holografia de que um fragmento contém a informação do todo é utilizado como sintaxe do poema. Assim encontra-se uma combinatória entre **holo** e **olho** que só é possível encontrar espacialmente, quer em profundidade quer em paralaxe. Ao mesmo tempo este princípio é traduzido numa estrutura verbal que permite a reclamação de um novo modo de olhar, procurando incessantemente essa combinatória em vários níveis espaciais. Para dramatizar essa procura escolheu-se uma diferenciação de tamanho e de cor dos caracteres gráficos usados. Ao mesmo tempo fizeram-se vários cortes no filme holográfico, remontando os fragmentos e espelhando sempre a relação recíproca com as duas palavras no espaço. Deste modo cada fragmento do holopoema **Holo-olho** contém mais informação do que conteria esse mesmo fragmento num suporte meramente plano.

Eduardo Kac apresenta este holopoema no Salão Nacional de Artes Plásticas no MAM do Rio, em 1984, o que constitui a primeira apresentação de holopoesia no Brasil. No entanto, já trabalhos holográficos de demonstração técnica tinham sido apresentados em São Paulo, em 1980. Em 1985 e ainda com Catta-Preta, realiza a primeira exposição de holopoesia no Museu da Imagem e do Som em São Paulo, apresentando 4 peças. Em 1986 é artista residente do Museu de Holografia de Nova Iorque, onde realiza três novos holopoemas. Também em 1986 realiza a exposição Holopoesia 2 na Galeria Espaço Alternativo de Funarte, Rio de Janeiro. Em 1987 apresenta holopoesia no 1.º Festival de Poesia Viva em Portugal e fez uma apresentação particular de três holopoemas na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. Com Ormeu Botelho planifica a criação de um holopoema digital, no qual a informação é sintetizada por um computador usando um software fractal, dispensando assim o registo de imagens ditas reais. É actualmente pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, com o projecto «A holografia impressa como novo meio para a arte» que permite a multiplicação do holopoema, abolindo a noção de original único existindo, sim, N originais.

Também no Brasil, mas em São Paulo, um grupo liderado por Décio Pignatari e Júlio Plaza vem reunindo regularmente para o estudo da holografia e suas implicações poéticas, decorrentes no entanto de uma noção diferente, a de TRANSCRIAÇÃO, cuja origem é a ideia de Roman Yakobson, de tradução intersemiótica ou transmutação da arte verbal para outra arte, como por exemplo a música, a pintura, a dança ou o cinema, entendidos agora como suportes. A holografia seria apenas mais um suporte para a realização de transcriações de textos existentes sobre a forma verbal linear ou mesmo nas formas espaciais planas da poesia concreta.

Em Portugal, a Fundação Gulbenkian concedeu há tempos, a artistas portugueses, a possibilidade de estudarem a técnica holográfica. Mas enquanto não houver entre nós um ou vários laboratórios holográficos, abertos à criatividade, a holografia não passará de uma mera curiosidade. O que me parece injusto para a potencialidade dos experimentadores portugueses, impedindo-os de se colocarem na frente global da pesquisa poética, já com projecções no século XXI.



De un cancionero apocrifo

As máscaras transparentes de António Machado

INSISTENTEMENTE tem sido referido o nome de António Machado quando se procuram paralelos fora das nossas fronteiras para a aventura heteronímica do autor de *Tabacaria*. Há mesmo quem aponte Abel Martín e Juan de Mairena (protagonistas principais do cancioneiro apócrifo machadiano) como antecessores de Alberto Caeiro, Álvaro de Campos ou Ricardo Reis, esquecendo que o «nascimento» de Caeiro é 14 anos anterior ao de Martín, o mais antigo dos apócrifos.

O trabalho que aqui se apresenta não pretende diminuir a importância de António Machado, que é (como Fernando Pessoa) uma das vozes fundamentais da poesia contemporânea. O que se procura é, pelo contrário, contribuir para a compreensão de uma experiência poética extremamente fértil, significativa e singular.

Os «heterónimos» de Machado

O aparecimento público do *Cancionero apócrifo* de António Machado verificou-se na *Revista de Occidente*, no ano de 1926, com a publicação de um texto do poeta dedicado a resumir os aspectos fundamentais do pensamento de Abel Martín.

Este Abel Martín, personagem inventada por Machado, vinha dotado de uma pequena nota biográfica:

«Abel Martín, poeta e filósofo. Nasceu em Sevilha (1840).

Morreu em Madrid (1888).

Martín era-nos apresentado como autor de algumas obras filosóficas e de um livro de poemas (Los complementarios) que constituía o «corpus» a partir do qual tecia Machado os seus comentários.

O texto terminava com a indicação de que se seguiria um estudo sobre «su biógrafo [de Martín], discípulo y contradictor, el poeta Juan de Mairena». Aí se aclarava que «a Juan de Mairena debemos también una aguda crítica de la producción de Abel Martín, donde se ponen de resalvo muchas contradicciones y el prejuicio sensualista que vicia toda la ideología del maestro.» (1)

É sem dúvida um programa de afirmação heteronímica (desdobramento de um autor em vários autores que se completam e se contradizem), mas, na verdade, não foi este o caminho de Juan de Mairena, apresentado publicamente em 1928 na edição desse ano das *Poesías Completas* de Machado.

Abel Martín e Juan de Mairena são «poetas» e «filósofos» muito mais complementares que antagónicos. A sua ideologia e o seu discurso estão muito próximos e são sobretudo o desenvolvimento do pensamento do próprio António Machado. Ou seja: não há paralelo possível entre este grupo de poetas apócrifos e a complexidade da encenação heteronímica de Fernando Pessoa, onde as diferentes personagens se enfrentam e se contradizem sem que se possa dizer com segurança qual é o detentor da posição legítima.

Ouçamos Pessoa:

«Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas.» (2)

Os caminhos que conduziram o autor de *Las Soledades* ao cancioneiro apócrifo estão algo afastados dos do poeta português, ainda que não se possa esquecer a influência do ambiente social e cultural que os afectou, por igual, aos dois. Na realidade, se quiséssemos falar do tema da alteridade *(o outro* ou *o outro eu)* na cultura de finais do século XIX e princípios do XX, havia que referir não somente os dois escritores referidos, mas ainda, entre muitos outros, homens tão diferentes entre si como Mário de Sá-Carneiro, Karl Jaspers, Browning, Heidegger, Bakhtine, Unamuno ou Ezra Pound.

Não existe, evidentemente, um grau zero de heteronímia para que se possa contabilizar a distância a que ficou António Machado da criação heteronímica. Rigorosamente, o único modelo existente é o de Fernando Pessoa e assim tudo o que é possível verificar é o muito que separa a companhia apócrifa machadiana dos heterónimos pessoanos.

Uma primeira distinção é de ordem estrutural: enquanto os diferentes «poetas» do universo pessoano se inter-relacionam como as estrelas de uma galáxia, a conexão entre as personagens imaginadas pelo poeta sevilhano é o encaixe. (3) Por outras palavras: no caso de Pessoa há como que uma pulverização de heterónimos a partir de um centro que tanto pode ser o Pessoa ortónimo como o mestre Caeiro; António Machado começou por «criar» Abel Martín (por saber que «ninguém logrará ser o que é, se antes não logra pensar-se como não é» (4), deixando depois correr o rio.

Abel Martín terá o seu *outro* no seu discípulo e «contraditor» Juan de Mairena, mas o fio não se rompe aqui: a mesma «lógica» que levou Machado a criar Abel Martín levará Mairena a inventar o poeta apócrifo Jorge de Menezes, por seu lado «inventor» de uma máquina de trovar. Desta criação de uma «máquina de trovar» é uma piada à apologia da máquina como signo da sociedade burguesa, mas, apesar disso, as composições da máquina não se afastam da ideologia e da poética machadianas:

Dicen que el hombre no es hombre
mientras que no oye su nombre
de lábios de una mujer.
Puede ser. (5)

Não encontramos no autor de *Mensagem* esta coincidência (ou confluência) de posições nos seus distintos heterónimos.

Mas será possível definir verdadeiramente o que é a heteronímia? Mesmo recorrendo à etimologia, os resultados não são concludentes: assinar com outro nome ou com um falso nome pode ser exactamente a mesma coisa, e o próprio Fernando Pessoa, ainda em Janeiro de 1915, afirmava manter o seu «propósito de lançar pseudonimamente a obra Caeiro-Reis-Campos». E isto numa carta que contém uma das suas melhores definições da literatura heteronímica (sem lhe dar esse nome, é evidente), apresentando-a como sentida «na pessoa de outro». (6).

A distinção «clássica», essa é a que consta de uma nota biográfica redigida por Pessoa e publicada no número 17 da revista *Presença:* «A obra pseudónima é do autor em sua pessoa, salvo no nome que assina: a heterónima é do autor fora da sua pessoa, é de uma individualidade completa fabricada por ele, como o seriam os dizeres de qualquer personagem de qualquer drama seu.» É uma distinção da responsabilidade de quem a faz, mas que tem de servir-nos à falta de outra menos comprometida.

O que é indubitável é que Fernando Pessoa (pelo menos literariamente) encarava com grande seriedade esta dramatização. Num projecto de prefácio para as suas obras pode ler-se o seguinte: »...se amanhã eu, viajando na América, encontrasse subitamente a pessoa física de Ricardo Reis, que, a meu ver, lá vive, nenhum gesto de pasmo me sairia da alma para o corpo« (7). Na realidade, a cada um dos heterónimos correspondia uma biografia detalhadamente traçada, e uma personalidade e uma obra perfeitamente distintas. Nada disto se encontra no modelo criado pelo poeta espanhol.

Registe-se adicionalmente que, enquanto alguns dos heterónimos de Pessoa «mantêm» uma vida pública paralela à do poeta ortónimo (Álvaro de Campos, sobretudo), nenhuma das personalidades inventadas por António Machado está «viva» na data do seu nascimento: tanto Martín como Mairena nascem cronologicamente mortos: 1888 e 1906 são, respectivamente, as datas «oficiais» dos seus falecimentos. É mais um dado que perturba um possível projecto pró ou pré-heteronímico e acentua o aspecto ficcional ou romanesco do cancioneiro apócrifo.

Machado criou as suas máscaras como um romancista cria as suas personagens, sem assumi-las fisicamente: «Mas busca en tu espejo al otro,/al otro que va contigo« (8); pelo contrário, Fernando Pessoa não duvidava da materialidade das suas diferentes personalidades:

Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara. (9)

Apesar de tudo o que fica dito, acredito que o cancioneiro apócrifo se encontra mais perto da criação heterónima do que da pseudónima. Martín e Mairena não são pseudónimos de Machado: os pseudónimos encobrem um autor que se apresenta sob um nome fictício, por razões que podem ter muitas e diferentes origens; os poetas apócrifos são projecções da completa personalidade de António Machado, o «ensimismado» teorizador do impulso para o outro.

O que não podemos esquecer é que os «heterónimos» do modernista espanhol são, de um ponto de vista psicológico, um fenómeno muito mais superficial que os heterónimos do modernista português (10). O poeta português sempre privilegiou, nos seus textos auto-interpretativos, a explicação psicológica (e psiquiátrica, pois se autodiagnosticou de histeroneurasténico) da heteronímia; a profundidade da «heteronímia» de Machado há que encontrá-la no terreno filosófico, no (já assinalado) *impulso vital de um para o outro*.

Porque terá o poeta de *Campos de Castilla* escolhido a palavra apócrifo para classificar o seu cancioneiro «alheio»? Não podia, evidentemente, usar a palavra heterónimo porque não existia em castelhano com o mesmo sentido antes da difusão de Fernando Pessoa em Espanha (11); poderia, porém, empregar pseudónimo e por alguma razão não o fez. «La palabra apócrifo — recordanos Borges — ahora vale por falsificado o por falso; su primer sentido era oculto« (12). O autor de *De un cancionero apócrifo* é um criador oculto, um narciso escondido no próprio espelho para melhor se espiar a si mesmo.

A filosofia existencial de Machado

Significativamente, António Machado sistematizou as suas ideias filosóficas em torno à figura de Abel Martín e do seu discípulo Mairena, não obstante as ideias

Continua na pág. 7

Continuação da pág. 6

desenvolvidas serem comuns aos apócrifos e ao seu inventor.

O ponto de partida da filosofia machadiana é o racionalismo alemão, matizado por elementos utópicos.

O poeta apresenta-nos a filosofia de Martín como herdeira da de Leibniz, de quem retoma o conceito de mónada como ínfima divisão do universo. É igualmente de Leibniz a ideia que adopta de substância como uma realidade em movimento constante, que traduzirá numa expressão bastante feliz: «es lo real la suma de las apariciones del ser« (13).

Estamos, como se vê, muito perto do existencialismo e, na verdade, não é segredo que Machado se antecipou em muitos aspectos a Heidegger e ao existencialismo (14).

Vimos que António Machado retomou de Leibniz a ideia de mónada. Há contudo uma diferença qualitativa entre a mónada do filósofo alemão e a de Martín. As substâncias irredutíveis a que Leibniz chama nómadas estão fechadas ao exterior; não mantêm relações umas com as outras e ignoram-se mutuamente. Cada uma delas tem inscrita a história do universo e a sua aparente consonância deriva da existência de uma harmonia preestabelecida. Isto não sucede com as mónadas de Martín. Este, eliminando da sua concepção a ideia de um Deus criador e harmonizador, deixa aberto o caminho para a mónada «fraterna y ansiosa de lo otro», ainda que no fundo ainda mais solitária que a de Leibniz.

O Deus de Martín é concebido como «el ser absoluto» e por isso «nada que sea puede ser su obra». O que lhe parece mais aceitável é que Deus seja entendido como criador do nada, pois o nada é «un milagro del ser, obrado por éste para pensarse en su totalidad». (15)

Há nesta filosofia uma forte componente erótica: «La conciencia — dice Abel Martín —, como reflexión o pretenso conocer del conocer, sería, sin el amor o impulso hacia lo otro, el anzuelo en constante espera de pescarse a sí mismo.» (16) Mas ainda que «la incurable otredad de lo uno» (17) seja a mola que faz girar o universo, o encontro é impossível:

Siempre que nos vemos
es cita para mañana.
Nunca nos encontraremos. (18)

O que acabo de dizer explica-o o poeta melhor que ninguém:

«As ideias não são, com efeito, as próprias essências, mas o seu desenho ou contorno traçado sobre o quadro negro do ser. Filhas do amor, e, de certo modo, do grande fracasso do amor, nunca seriam concebidas sem ele, porque é o próprio amor ou tendência do ser para superar a sua própria limitação quem as projecta sobre o *nada ou zero absoluto,* que o poeta também denomina *zero divino,* pois, como veremos depois, Deus não é o criador do mundo — segundo Martín —, mas o criador do *nada*. Não têm, pois, as ideias realidade essencial *per se,* são meros reflexos ou cópias descoloridas das essências reais que integram o ser. As essências reais são qualitativamente distintas e a sua projecção tanto menos substancial e mais afastada do ser quanto mais homogénea. Estas essências não podem separar-se na realidade, mas apenas na sua projecção ilusória, nem há tão-pouco — segundo Martín — apetência de umas para as outras (19), mas todas elas aspiram conjunta ou indivisivelmente ao outro, a *um ser que seja o contrário do que é,* do que elas são, em suma ao impossível. Na metafísica intra-subjectiva de Abel Martín fracassa o amor, mas não o conhecimento, ou, melhor dito, é o conhecimento o prémio do amor. Mas o amor como tal, não encontra objecto; dito liricamente: a amada é impossível.» (20)

Voltando agora ao nosso ponto de partida, creio que podemos concluir que, se é verdade que à galeria de personagens do cancioneiro apócrifo de Machado não assenta muito bem o epíteto de heterónima, encontramos aí perfeitamente definido o anseio de alteridade. Ao refutar qualquer possibilidade de fusão do um com o outro, António Machado está fraternalmente mais próximo do outro que Fernando Pessoa. A heteronímia pessoana apoia-se numa atitude bastante diversa: a confusão do um com o outro é a própria essência do sistema. O «ensimismado» António não logrou sair de si mesmo apesar do seu profundo desejo do outro; Fernando Pessoa foi outros sem deixar de ser o mesmo, criando e anexando as consciências de todos os seus eus.

António Apolinário Lourenço

Notas

(1) — Citação recolhida in José Maria Valverde, *António Machado,* Siglo Veintiuno Editores, pág. 189.

(2) — Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação,* Edições Ática, pág. 93.

(3) — Abel Martín está dentro de Machado; Mairena dentro de Martín; Menezes dentro de Mairema; e dentro de Menezes a Máquina de trovar. É o sistema das bonecas russas ou das caixas chinesas. Note-se que todo os nomes começam pela letra M.

(4) — Manuel y António Machado, *Obras Completas,* Editorial Plenitud, pág. 951.

(5) — Idem, pág. 972.

(6) — Fernando Pessoa, Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues, Livros Horizonte, pág. 46.

(7) — Fernando Pessoa, Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação, Edições Ática, pág. 99.

(8) — Manuel y António Machado, Obra citada, pág. 886.

(9) — In *Tabacaria* de Fernando Pessoa, Poesias de Álvaro de Campos, Edições Ática, pág. 257.

(10) — A palavra modernista comporta aqui dois sentidos perfeitamente distintos. Apelida-se de modernista em Espanha e na América de expressão castelhana o movimento literário que em Portugal e outros países é conhecido por simbolista ou decadentista.

(11) — No *Dicionário Enciclopédico Ilustrado de la Lengua Española* da Editorial Ramón Sopena, S.A. (edição de 1968) encontramos a seguinte definição para palavra heterónimo: «Dícese de aquellos nombres que, aunque procedentes de raíces distintas, designan la misma cosa; como asno y jumento, cerdo y puerco.»

(12) — Prólogo de Jorge Luis Borges a *Evangelios Apócrifos (vol. I),* Biblioteca Personal de Jorge Luis Borges, Ediciones Orbis, pág. 9.

(13) — Manuel y António Machado, Obra citada, pág. 967.

(14) — Vide A. Sanchez Barbudo, *El Pensamiento de António Machado,* Guadarrama.

(15) — Manuel y António Machado, Obra citada, pág. 954.

(16) — Idem, págs. 947 e 948.

(17) — Idem, pág. 1000. A citação não é literal.

(18) — Idem, pág. 946.

(19) — No original: «apetencia de las unas hacia las otras».

(20) — Manuel y António Machado, Obra citada, págs. 948 e 949.

Ficções

Desobediência poética

DEPOIS de algum tempo de reflexão chegou a hora para uns e a altura para outros. É de grande conveniência arranjar alguns leitres que se ofereçam para se deitarem à volta do poema uns, do poeta outros e que a pouco e pouco penetrem alfinetes nos pontos cardeais do empirismo celular.

Está-se apenas a um metro. Fecha-se os olhos e afincadamente o braço, o dedo indicador até ao vício. Algo se agarra. Mais um dedo. Outro. Outro e outro. Uma mão para respirar. O sexto sentido da mão. Delta de um pântano de mitos.

Para quê tudo isto? Pergunta um voluntário saturado. Ergue-se e acende a luz do túnel da palavra e não acredita no seus sentimentos que caem na raiz do íntimo. Ergue-se mais um pouco. Não acredita. Como é que aquilo aconteceu? Ele não passava, se bem compreendia o que se estava a passar, de uma cobaia. Recebe uma chicotada nos seus sentimentos que entram em dissidência esmagando-o de encontro à parede.

O Pudor da regular instabilidade é dogmatizado por reduzidos instantâneos passionais.

A felicidade é uma esquina com dois bicos. Um poço sem fundo do desejo, ali aos pés.

Quem diria que era um cadáver. Um cadáver e não um poema ou um poeta. Pelo corpo todas as impressões digitais possíveis e imagináveis.

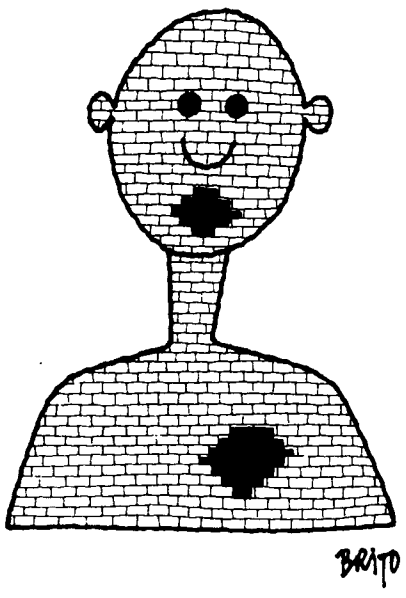
Apagam-se de novo as luzes para dar lugar a uma intensa luz violeta que um holofote vomita do desconhecido. Um ruído cerebral envolve tudo como se tivesse perdido o próprio espaço. Do seu conceito uma breve explicação e que exteriorizando-se se tenha enclausurado num ritmo que ninguém assimila.

Toda a dramatização foi explicada depois com bastante profissionalismo e aproveitou-se para desenvolver pesadamente uma longa tese sobre a arrogância, neste caso feliz, daquele que se levantou e acendeu a luz personificando-se em poder.

Todos estamos no poder apesar da política nos contradizer, mas essa é a sua natureza porque está contaminada pela ideia única que hoje a grande realidade é um facto, uma metáfora. Assim como não se pode viver com grandes metáforas, mas e apenas com pequenas realidades a escrita de grande assimilação de todos aqueles que já não reagem perante os factos.

Esse estereótipo, talvez definido até à exaustão, pela maneira como se desvincula da própria paixão de viver, encarna-se como eterno. Porque ainda existem seres que ao serem extremos e não radicais, se preocupam desajeitadamente na obsessão de deixar o futuro por sua livre responsabilidade e a custos próprios — a história das literaturas está encharcada deles, apesar de não ter um único exemplo, mas como contudo dão uma amostra do que isso representa e deve representar — como se fossem donos de uma visão que os seus antepassados se limitaram a transmitir.

É o que os nossos voluntários se apercebem tentando desesperadamente fazer desaparecer tudo o que os rodeia. Saltam aos gritos, como podemos observar por esta janela. Nada de preocupações eles não sabem que estão a ser observados. Foi assim que tudo aconteceu. É claro que há outras explicações como aquele diálogo passional que devolvi preguiçosamente a uma



jovem que queria libertar-se da intuição escrevendo todas as palavras à volta da sua sedução. Não gostou do diálogo por estar longe da verdade do acontecimento. Dias depois vi-a na auto-estrada agarrada a um corpo despossuído e trabalhador, tal e qul os nossos voluntários, ambos sentados em seiscentos cavalos.

Gostei no entanto de a possuir. Uma espetada ridícula sobre os fusos dos raciocínios. A viagem teve a longevidade necessária. Os seiscentos cavalos estavam envenenados pelo sistema e eu corri em seu socorro, possuindo-a mais uma vez tentando reunir todos os meus destroços. Desculpem este pequeno aparte, mas é necessário que as coisas se esclareçam antes que alguma confusão esclareça o espírito. Todos somos uns para os outros. Arrastamos a nossa misericórdia como um eufemismo desvirtuado. Os nossos convidados alimentam-se de vegetais altamente desinfectados. O nosso organismo ainda não se adaptou verdadeiramente á fusão entre corpo espírito como seria desejável. Não há nada como despejar uns litros de tinta plástica no recinto onde se encontram os nossos convidados. É ver como se agarram a elas chegando a vias de facto entre si.

É claro que era condição prévia o tentarem manter a personalidade intacta: o ser não passa mais uma vez, de u pântano de ruas onde um sociólogo embrulhado num lençol a que dá o nome de tecido social, vocifera. Vai ter que acontecer qualquer coisa nesta terra queimada.

Ter sempre em conta que isto não tem nenhum apoio oficial. No fundo ando com esta premissa há algum tempo no intuito de que nada ficará por explicar. E é a pensar nessa intimidade que recolho com leituras rápidas, por vezes repetidas, a essência dos factos.

E nunca é supérfluo lembrar que o sonho sintoniza como uma cunha a sua vertente mais forte que é a única forma de pagar os impostos. O sonho tem os dois sexos e a sua prostituição não passa de uma solenidade.

Tal como um escultor que encontrou o sociólogo na berma do sonho e fez respiração boca a boca até o esvaziar. Depois transformou-o injectando-lhe no interior o seu sonho. Uma peça inacabada. Misteriosa. Intrigável. Mas contudo monumento único. Os voluntários não se sentem bem. Deve-lhes estar a faltar o ar. Condição necessária.

Mas quem são afinal estes voluntários que em nome do efémero se sujeitaram a uma humilhação destas? São pessoas de vários estdos etários que depois de uns testes psicotécnicos levantaram a sua capacidade interpretativa e logicamente o seu quociente intelectual. São pessoas com várias profissões, algumas são desempregadas, e que aqui tentam a possibilidade de vencerem na vida. Uma coisa que nada tem a ver com o que se passa, mas que é sempre bom conhecer é o simples facto de todos eles serem dadores de sangue e, coisa curiosa, o tipo de sangue deles é rh negativo. Os desempregados já fecharam contratos com hospitais para que depois de mortos os seus corpos fossem utilizados em benefício da ciência médica. Não suportam a ideia de serem enterrados ou queimados podendo os seus órgãos ser utilizados para benefício público. É claro que a razão imediata é a falta de dinheiro mas não deixa de ser narrativa esta preocupação com o próximo.

Depois deste aparte voltemos á condição necessária para que se desenvolva a sua grande perplexividade. Todos os momentos têm grandes perplexividades e daí a metamorfose do nada. Não preste atenção ao que se está a passar e distancie-se mais um pouco. Talvez uns cinco metros. Há que descontrair vagarosamente devido a alguma reacção precipitada. Se necessário pode fumar um cigarro. Boa ideia. Um cigarro. Talvez dois. Depois de os fumar consegue observar que até no fumo do cigarro se pode escrever um poema. Tente escrever e veja a sensação que lhe dá. Isso. Desenvolva a sua grande perplexividade da grande condição necessária. Os sentimentos não passam de uma paisagem do infinito

A. Dasilva O.

Entre portas

TUDO começou e acabou de uma maneira tão brusca e inesperada que se torna difícil para mim recordar, agora, cada preciso momento. Creio que se apoiou na secretária ao meu lado enquanto eu lia, uma voz lenta e abstracta de serpente. Coloquei-lhe quase sem pensar a mão no joelho e, à medida que a saia se levantava sobre o meu pulso, fiz subir o dedo pelo calor húmido da carne que vira tantas vezes inclinada sobre o leito ou levemente pousada no chão quando lia deitada de barriga para baixo. Quando, ao aflorar dos meus dedos no tecido de algodão canelado, se afastou bruscamente, bati-lhe com toda a força da minha espera e decepção, usando um candelabro que estava pousado à minha frente. Não sei se foi o sangue que me saltou para a cara ou o olhar tão triste que ainda me conseguiu deitar que me fizeram hesitar, ali, debaixo daquela luz pálida, durante um momento. Mas, depois, acabei o que tinha começado e, sabendo serem aqueles os últimos movimentos que me seriam livremente permitidos, consegui ser preciso e metódico. Foi então, enquanto gritava, que essa terrível náusea me encheu os olhos de negro. Ceguei e as minhas pernas paralisaram. Sou agora transportado, lavado, vestido, alimentado. Finjo que não posso falar. Espero conseguir, enrodilhado em lençóis que aconchegaram à minha volta, dormir para sempre.

DEIXEI-ME ficar muito quieto quando entrou no quarto e parou de repente junto à porta. Tive que me forçar a não tremer, a não gritar, quando se aproximou por fim, hesitante e silenciosa. A sua sombra, mesmo sobre mim, acinzentou a luz amarelada que me enchia as pálpebras fechadas. Arranjei as coisas, depois, para que viesse todos os dias na esperança do frio hesitante dos seus dedos. Tremi, suei, creio mesmo que cheguei a gemer mas nunca me tocou. Creio que sabia que estava acordado mas o jogo importou-lhe mais que um qualquer desfecho sombrio. E eu nunca abri os olhos, estes encontros são frágeis, e o risco grande. Depois, já sabem o que aconteceu. Foi o barulho do líquido a cair no sobrado e os soluços convulsivos a encher o quarto que me levaram a erguer a cabeça, e olhá-la. Como escolhi ter os olhos baixos, ainda tive tempo para ver o líquido amarelo misturado com sangue que lhe escorria pelas pernas. A sua mão, muito rápida, golpeou-me depois, tão precisa que parecia ter ensaiado longamente o gesto. Não creio que esperasse a libertação de tanto sangue e foi isso, talvez, que a fez cair desmaiada ao lado da cama.

A pele da garganta cede com a facilidade do papel molhado. Medi laboriosamente, depois, a resistência dessa fina película entre o ar e o sangue. No branco interior das coxas, na reentrância inesperada que anuncia os locais da sombra e da humidade, a simples passagem da unha deixa um fino sulco aberto no azul das veias. Debaixo dos seios a carne torna-se tão leve e evaporante como um balão prestes a rebentar; observando com atenção, vê-se o sangue a sair compassadamente do coração. Os dentes apropriam-se, aí, da facilidade do peito com uma simplicidade omnipotente. A transparente putrefacção da carne decomposta, a sua vulnerabilidade onde se adivinham os vermes, não é, porém, atingida em sítio nenhum tão completamente como nos lábios em que a morte e o gozo deixam marcado o branco vagamente sujo de uns pêlos molhados já há tempo. A própria exiguidade do sangue que daí se desprende prova quão perto se está do absoluto vazio.

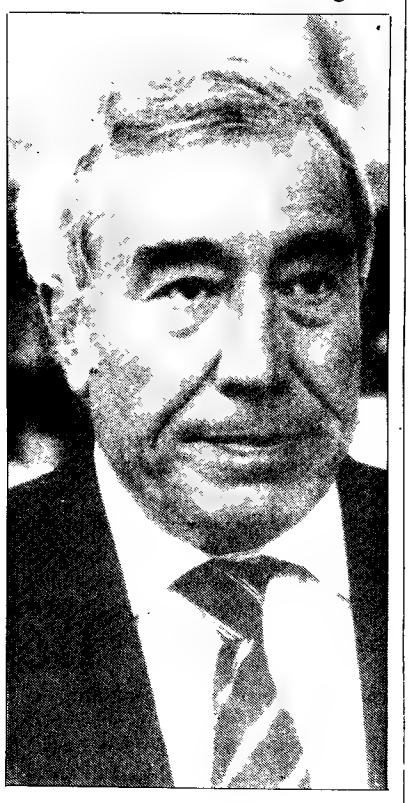
LEMBRO-ME que a ideia que me ocorreu e acabou por dominar-me foi a de a dissolver na água. As pernas flutuavam-lhe calmamente por detrás da cortina e não pude desprender, delas os olhos. A lâmina sobre a pedra chamou-me a mão. Creio bem que o que tornou inúteis e incompreensíveis quaisquer hesitações foi a tensão um pouco eufórica em que estava depois de horas de música alta e dança. Agora, por sobre a água vermelha, os seus lábios muito brancos bordejam o mármore. Só me resta esperar.

Heliogábalo

Breves

■ **Ler, Círculo de Leitores**

Revista trimestral com tiragem superior a 200 000 exemplares, boa parte dos quais a distribuir gratuitamente aos sócios do «Círculo». Colaboração, neste número zero agora apresentado à Imprensa, de jornalistas dos principais semanários e de autores consagrados (Vergílio Ferreira, Alçada Baptista, e outros). Entrevistas com Teresa Gouveia, Joaquim Letria, José Cardoso Pires. A revista ocupar-se-á sobretudo de noticiário sobre livros e sobre a actividade editorial em Portugal e no estrangeiro. Director, António Mega Ferreira, chefe de Redacção, Francisco José Viegas.



■ **As Ligações Cósmicas — uma perspectiva extraterrestre, Carl Sagan, ed. Bertrand**

Aí está mais Sagan: erudição e poesia, mas sobretudo uma grande capacidade de «divulgador», que o tornam, a par dos temas que aborda, num êxito garantido. Ele é um professor de Astronomia que escreve como um romancista — e deve ser esse o seu segredo principal. Que o diga quem leu o seu «O Cérebro de Broca»: porque é que o livro foi um «boom» surpreendente?

■ **O Meu Coração é Árabe**

O Meu Coração é Árabe, livro que reúne alguns do mais famosos poetas muçulmanos que viveram na Lusitânia nos primeiros séculos da nossa nacionalidade, é amanhã lançado na Casa do Alentejo, no decurso de uma sessão que principia às 21 e 30. O livro será apresentado por Elsa Rodrigues dos Santos e a sessão contará com a participação de Alberto Albuquerque, Eunice Muñoz, Janita Salomé e João d'Ávila. A edição é da Assírio & Alvim. Simultaneamente, são inauguradas duas exposições: uma de cerâmica (João Branco) e outra de pintura (Martins Pereira).

■ **Sociologia, Problemas e Práticas**

A revista «Sociologia – Problemas e Práticas» foi criada para dar expressão ao trabalho desenvolvido no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE, pretende ser, portanto, um relato de actividades de pesquisa e um lugar de debate dos docentes e alunos do ISCTE, dos licenciados e profissionais em Sociologia. Dirige a revista o docente do Instituto: José Manuel Paquete de Oliveira. A revista é propriedade do CIES – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia; e é editada por Publicações Europa-América.

O n.º 2 da revista a «Sociologia – Problemas e Práticas» publica colaboração de José Manuel Leite Viegas, «Telenovelas»; Idalina Conde, «As Bienais de Vila Nova de Cerveira»; António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado, «Meios Populares e Escola Primária»; Manuel Seca Ruivo, «O Sociólogo na Gestão da Empresa»; António Pedro Dores, «A Informática e o Sociólogo», Amália Torres, «Mulheres, Divórcio e Mudança Social»; Ângela Guimarães, «Imperialismos e Emoções»; Jürgen Habermar, «Tendência da Jurisdicização».

O eu nos outros

A chuva e o sol

COUBE-LHE, no autocarro, um dos lugares da retaguarda. O guarda-chuva, reduzido às dimensões mínimas à entrada do veículo, ainda assim não deixava de gotejar, de se desfazer em água, de . . . Artur espirrou, não sabendo se devia abandonar o guarda-chuva ou sacar rapidamente um lenço para neutralizar o fluxo nasal. Estava constipado há já alguns dias, apetecia-lhe era ficar na cama, que o emprego fosse dar uma volta. Aliás...

— O senhor não se importa de desviar o guarda-chuva...?

Artur estremeceu — e viu que, distraído com a sua má disposição, assentara o guarda-chuva, quando procurava pelo lenço, nas «jeans» de uma mulher que ia sentada a seu lado. Mesmo sobre o joelho. Ela sorriu às desculpas, passou a mão pela água, disse:

— Com a chuva o espaço dos autocarros parece que encurta.

Artur fez que sim num franzir de lábios, uma leve inclinação de cabeça, um acomodar-se melhor no assento. Mais três paragens e ei-lo que estaria a passar a porta do Banco, a colocar-se ao balcão, a atender este e aquele cliente. Mas que raio de coisa! Estava constipado há já alguns dias, apetecia-lhe era ficar na cama, que o emprego fosse dar uma volta. Aliás...

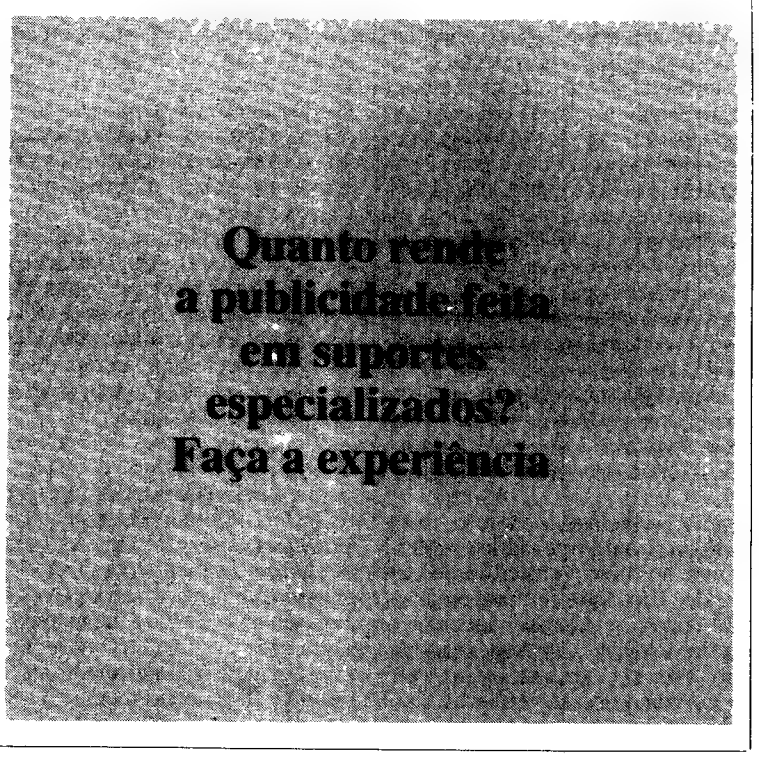
— Dá-me licença, dá-me...?

A mulher a quem molhara as «jeans» erguera-se e procurava sair do autocarro que a chuva tinha encurtado. Artur recolheu as pernas sob o assento, foi enfiando o guarda-chuva na cápsula e levantou-se também. Teria de sair na paragem seguinte — e à sua frente havia um magote de pessoas de pé, equilibrando-se umas nas outras, molhadas e sombrias. Ou se adiantava agora ou desceria só na outra paragem, lá muito em baixo, nos Restauradores...

Um espirro, violento, exigindo lenço e espaço para se assoar, desorientou-o no ombro a ombro com os outros passageiros — e Artur teve de descer mesmo nos Restauradores. Agora tinha de subir até ao Marquês de Pombal. Mas que raio de coisa! Estava constipado há já alguns dias, apetecia-lhe era ficar na cama, que o emprego fosse dar uma volta. Aliás...

Bem, continuava a chover. Começou a subir a Avenida, cruzou-se com a mulher das «jeans» que já o não reconheceu, atingiu o Marquês, passou pelas portas envidraçadas do Banco — e finou-se (num dia de sol) na escrita de uma folha quase em branco.

Pedro Alvim

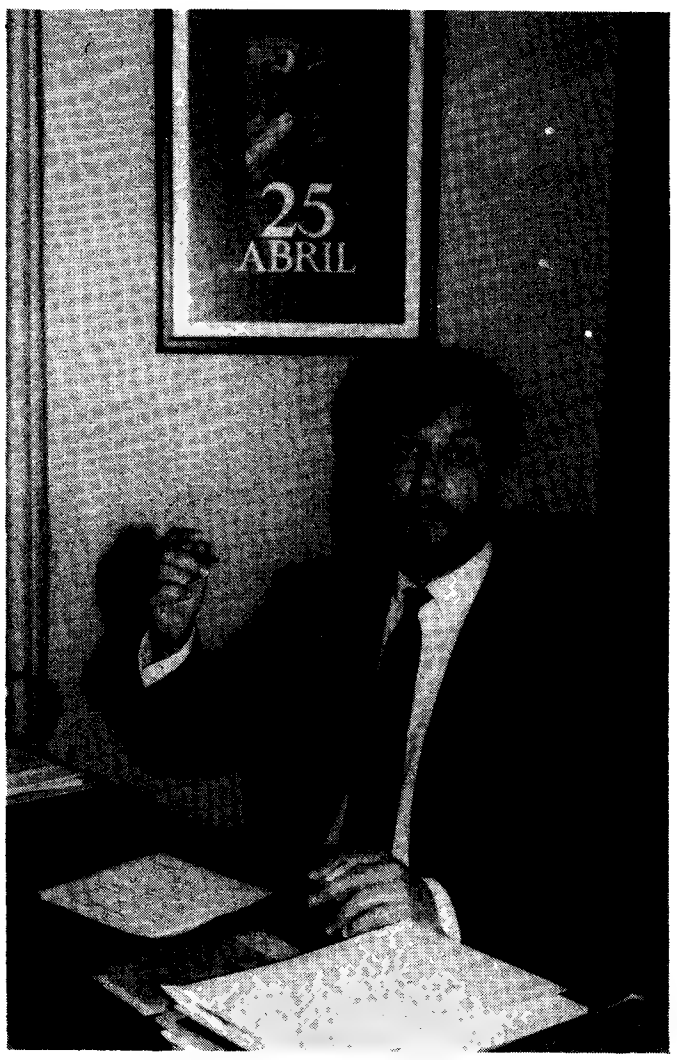


SEIXAL: TENTAR CONCRETIZAR O QUE O PODER CENTRAL NÃO FAZ NEM DEIXA FAZER

Luciano Rocha

O concelho do Seixal, que hoje comemora 151 anos de existência, tem, na opinião do presidente da respectiva edilidade, no desemprego e na habitação social os maiores problemas — muito embora outros, como o da saúde, da construção de estradas nacionais, sinalização de «nós» rodoviários e tratamento final de despojos, que afectam a baía natural e o rio Tejo, por exemplo — também constituam preocupações da autarquia. Muitos destes entraves a um maior desenvolvimento desta área do distrito de Setúbal, onde residem cerca de 120 mil pessoas, ficam a dever-se, disse ao «DL» o líder da edilidade seixalense, ao Poder Dentral que, frisou, «receia que o trabalho autárquico lhe retire imagem e prestígio». «Adiar o processo de criação de Regiões Administrativas — declarou Eufrásio Filipe — é abrir as portas ao desenvolvimento anárquico do capital estrangeiro, é transformar Portugal na província mais dependente da Europa».

Apesar de todas estas dificuldades e de muitas mais que serão referidas neste suplemento sobre o município que em 1836 foi criado por D.Maria II, os responsáveis camarários não cruzam os braços e, sem esquecer o presente, olham o futuro, bem espelhado na cidade que querem construir e que albergará cerca de 20 mil habitantes, mais do que o sêxtuplo do que tem hoje a vila, capital do concelho.



Eufrázio Filipe, presidente da Câmara do Seixal

EUFRÁSIO FILIPE FAZ BALANÇO DOS ÚLTIMOS ANOS

Os problemas fundamentais com que se debate o concelho do Seixal, revelou ao «DL» o presidente da respectiva vereação, prendem-se com áreas respeitantes ao poder central, como são os casos do desemprego e da habitação social.

«Tanto o desemprego, que mexe com toda a actividade económica, não apenas do concelho como de toda a região onde estamos inseridos, como a falta de um planeamento, a nível do País relativo à habitação social, originam o arrastamento de maneira anárquica, de populações do interior para o litoral, o que nos causa problemas» — adiantou Eufrásio Filipe, que acusa o poder central de recear o trabalho desenvolvido pelas autarquias e, por isso, adiar o processo de criação das regiões administrativas.

«O poder central — garantiu — receia que o trabalho autárquico desvie a atenção das populações e lhe retire imagem e prestígio.»

«Por isso — acrescentou — digo que o poder central, ao contrário do que afirma, tem medo da descentralização dos seus próprios poderes».

«Adiar o processo da criação de regiões administrativas — prosseguiu — é adiar o País, é abrir portas ao investimento anárquico do capital estrangeiro, é transformar Portugal na província mais dependente da Europa».

Sem que se torne necessário ao jornalista formular nova pergunta, Eufrásio Filipe adiantou:

«A Câmara Municipal do Seixal, pesem todas as dificuldades que enfrenta, tem intervido na área do desenvolvimento económico do concelho, aprovando loteamentos industriais, facilitando a implantação de novas indústrias e até desafiando a iniciativa privada, oferecendo terrenos municipais para a criação de novos postos de trabalho».

«Para além disso — realçou — temos desenvolvido projectos na área do turismo, em terrenos recentemente adquiridos pela Câmara Municipal, tendo em vista a vivificação da baía natural do Seixal».

Após breve interregno, novo ataque ao poder central:

«Em termos de dificuldades, é bom que se diga que alguns serviços descentralizados do poder central não somente não têm feito obras que deviam fazer, como até têm impedido que a própria Câmara as faça, como são, por exemplo, os casos das estradas nacionais e da sinalização em vários 'nós' rodoviários.»

Convite a Leonor Beleza

A saúde, como se referiu na introdução deste trabalho, é outro dos problemas com que se debate o concelho do Seixal e, pelos vistos, com razão, a julgar pelas afirmações de Eufrásio Filipe.

«Os serviços de saúde no nosso concelho — declarou — não servem minimamente os 120 mil habitantes que somos.»

O Seixal dispõe, para além da delegação de Saúde e da Misericórdia, sete postos, quatro deles construídos pelo Município e geridos pelas comissões de moradores.

«Basta que haja um caso mais grave — revelou-nos o presidente da edilidade — para que se tenha que recorrer a Lisboa ou a Almada.»

Nova crítica ao Governo:

«Também neste campo, no nosso concelho, o poder central não tem praticamente investido e se temos algumas estruturas de saúde foram construídas pelo poder local e são geridas pelas organizações populares.»

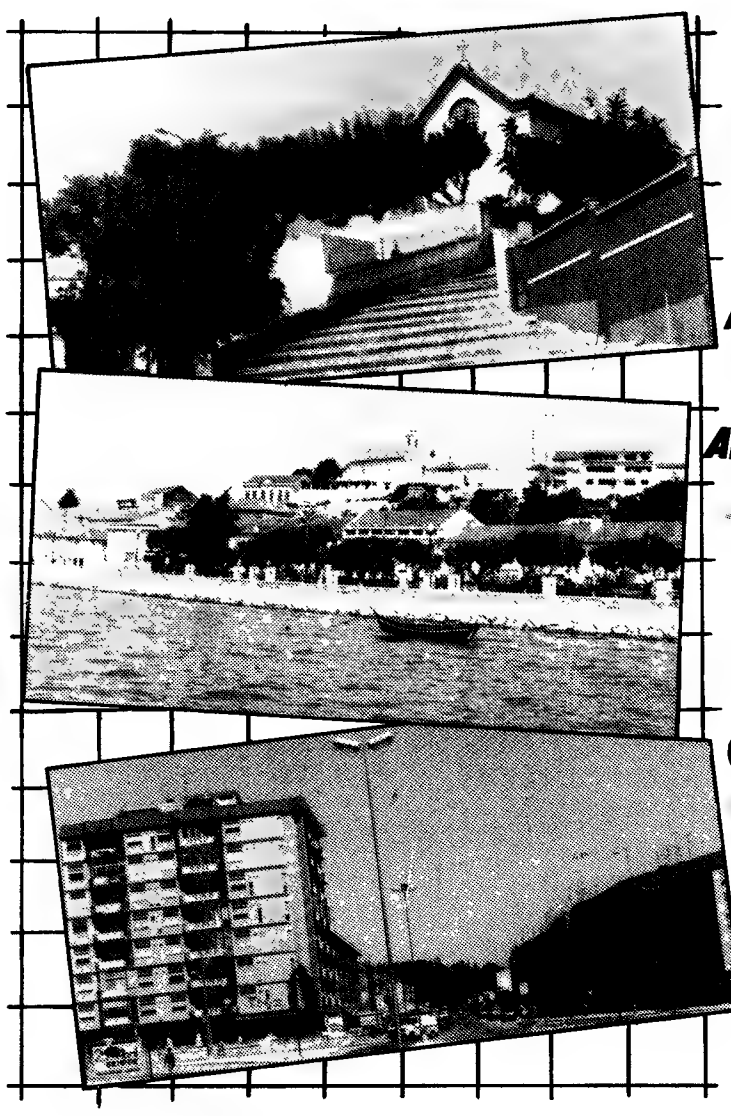
«É claro — adiantou — que têm servido para as emergências, mas é pouco, pelo que seria bom que a ministra da Saúde nos visitasse.»

«Neste, como noutros casos — referiu — a Câmara Municipal não se tem fechado e está disposta a colaborar seja com quem for para melhor servir a comunidade.»

Depois da crítica, um elogio:

«Aproveito esta oportunidade para elogiar publicamente o delegado de Saúde e todos quantos laboram nesta área, que fazem diariamente autênticos milagres

Continua na pag. 3



151.º Aniversário do concelho do Seixal

As Juntas de Freguesia
Saúdam a população...

...deste concelho onde o desenvolvimento está à vista!

zona livre de armas nucleares

SEIXAL É CONCELHO HÁ 151 ANOS

UM CONCELHO RIBEIRINHO QUE TENTA SALVAR RAÍZES CULTURAIS

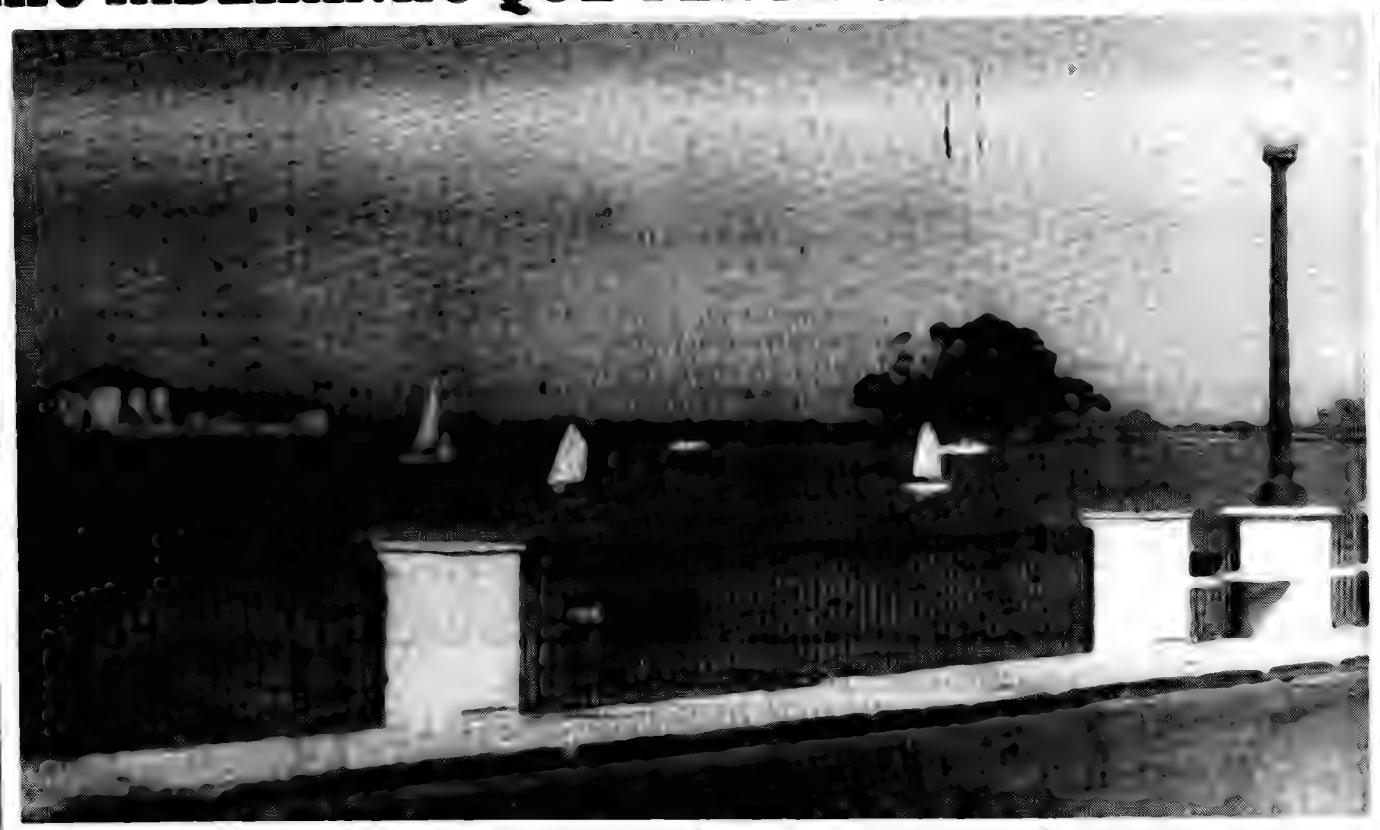
Continuação da pág. 2

para dignificarem o seu trabalho e servirem os trabalhadores do concelho.»

Juventude: preocupação constante

Dos cerca de 120 mil habitantes que o concelho tem, 35 por cento, aproximadamente, ainda não completou os 20 anos de idade, o que significa que o Seixal tem uma camada significativa de jovens. Se a isto juntarmos o desemprego, apontado pelo presidente do município como um dos principais problemas, podemos ficar com a ideia, à primeira vista, que a juventude é um dos «quebra-cabeças» dos responsáveis autárquicos seixalenses. Tal, porém, não sucede e Eufrásio Filipe explicou-nos por quê.

«Os problemas da juventude no nosso concelho são, de um modo geral, idênticos aos do resto do País, mas num grau de preocupação muito menor, dado o empenhamento dos responsáveis autárquicos no desenvolvimento de actividades como o desporto, a cultura e o próprio património cultural.»



O tráfico e o consumo de droga também não assumem, no Seixal, proporções alarmantes, já que, segundo Eufrásio Filipe, «verificam-se proporções bem menores do que em outros centros urbanos».

Ao falarmos da juventude, sentimos que o tema é grato ao presidente da Câmara Municipal do Seixal, que não consegue disfarçar um certo orgulho não somente no trabalho que a autarquia tem vindo a desenvolver — e, se mais não houvesse, bastava o exemplo das «Seixalíadas», cuja última edição, realizada recentemente, foi, tal como as anteriores, um êxito — como o que é realizado pelos próprios jovens, que, neste concelho, parece preferirem pôr de parte o que eventualmente os possa dividir para, em conjunto, tentarem resolver problemas que lhes são comuns.

Dentro deste espírito, nasceu a Comissão Municipal da Juventude, que agrupa jovens de todas as forças políticas existentes no concelho e de outras organizações, como é o caso do corpo de escuteiros.

A sede desta organização juvenil vai ser inaugurada no próximo dia 21, numa cerimónia que integra o programa de aniversário do concelho.

«A sede da Comissão Municipal da Juventude do Seixal — disse-nos Eufrásio Filipe — funcionará na Amora, na Quinta das Sementes, que é propriedade municipal.»

O edifício foi completamente recuperado pela Câmara e somente na pintura foram gastos 1 200 contos.

Mas a obra da autarquia a favor da Comissão Municipal da Juventude não fica por aqui.

«Nas imediações — revelou-nos o líder da edilidade seixalense — vamos construir, a partir do próximo ano, um complexo desportivo para a prática de todas as disciplinas de atletismo.»

A construção deste complexo, que inclui uma pista de tartã, custará várias dezenas de milhares de contos.

Continua na pág. 4

AUTO COUTINHO LDA
OFICINA ESPECIALIZADA EM AUTOMÓVEIS **RENAULT E TALBOT**

Agente mPh MACPHERSON

RENAULT Peças de Origem

☎ 226 1349 - 226 1805

R. S. José, Lt 50 – CHARNECA CAPARICA

ALMADA ☎ 276 5340

Monumental Auto Santos
COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS, LDA

ESTAÇÃO SERVIÇO
Mecânica especializada
Bate-Chapa – Pintura – Lavagens

AGENTE
RENAULT
PEÇAS
de Automóveis
Novos e usados

Lt-109 - Niza - Alto Moinho-Corroios – 2800 ALMADA ☎ 253 6021

Prenda para o Amora Futebol Clube: uma parcela de terreno para o complexo desportivo

O Amora Futebol Clube, que milita na zona Sul do Nacional de Futebol da segunda divisão, vai receber hoje, dia do 151.º aniversário do concelho do Seixal, uma prenda especial traduzida numa parcela de terreno destinada à construção do complexo desportivo da Medideira.

A decisão da edilidade contempla o Amora com um terreno de aproximadamente 24 615 metros quadrados e mais um subsídio de cinco mil contos destinados a «obras de carácter urgente».

Este complexo integra um campo de treinos pelado, construído recentemente pelo município, que há seis anos doara ao Amora o terreno onde o clube tem o seu estádio.

Esta iniciativa da edilidade surge no seguimento do plano de apoio que os autarcas seixalenses traçaram para o desporto e para a cultura.

Assim, a título de curiosidade referimos que existem no concelho seis campos de futebol, 17 rinques, 19 ginásios, quatro pavilhões gimnodesportivos, três circuitos de manutenção, duas piscinas, outros tantos campos de ténis e de tiro e um de golfe.

Recorde-se que estão projectados mais dois complexos, um de atletismo, que inclui uma pista de tartan a construir nas imediações da sede da Associação Municipal da Juventude, e outra de piscinas, que conta com uma olímpica.

No campo da cultura, o Seixal tem sete grupos de teatro, cinco corais, quatro ranchos folclóricos e 38 colectividades de recreio.

Para além disso, dispõe de um museu municipal com quatro núcleos, uma biblioteca municipal, está prevista a construção de uma outra modernamente apetrechada, e 26 centros culturais de convívio.

No âmbito do ensino, o Seixal está igualmente razoavelmente servido, na medida que dispõe de 34 escolas do ensino primário, num total de 233 salas construídas pela câmara municipal, frequentadas por 8 849 alunos; cinco do preparatório e outras tantas do secundário.

EMPREGO E HABIT DOIS DOS GRANDES

Continuação da pág. 3

Quantos jovens de outras vilas, de outras cidades, não se dariam por satisfeitos apenas com esta sede e com o complexo para a prática de atletismo... Contudo os responsáveis autárquicos do Seixal entendem que isso é insuficiente.

«Está a decorrer — adiantou o nosso entrevistado — o concurso público para a construção de um outro complexo, este de piscinas, entre as quais uma olímpica que deverá estar concluído dentro de um ano e meio, orçado em aproximadamente 180 mil contos.»

No desporto, já se viu, os jovens seixalenses estão bem servidos. E na cultura? Ao colocarmos a questão ao nosso entrevistado a resposta veio rápida, acompanhada de um sorriso largo:

«Pagamos aos maestros de cinco filarmónicas existentes no concelho para leccionarem; temos bibliotecas descentralizadas por todo o concelho; e proporcionamos aos jovens e também a todos os associados de colectividades populares passeios ou por barco, numa das faluas, que a Câmara Municipal adquiriu, ou de autocarro.»

«Estas visitas — prosseguiu — para o próximo ano passarão a ser periódicas e anunciadas publicamente para fruição de todos os residentes do concelho, sejam ou não associados de colectividades populares.»

Dentro de dois anos, o Seixal passará a dispor de uma biblioteca municipal que terá igualmente ludoteca, vidioteca, sala de informática e outra de exposições e um auditório.

Terceira idade

A juventude do Seixal, ficou visto, merece a maior atenção por parte dos autarcas. E a terceira idade? Ora questão posta ao nosso entrevistadoque referiu existirem mais centros do que freguesias, já que há sete «construídos e equipados pela Câmara Municipal e geridos pelas respectivas associações, numa actividade que a todos regozija».

«Para além disso — recordou —, há um lar, na Quinta da Princesa na zona da Amora-Cruz de Pau, construído em terrenos camarários e com milhares de contos investidos nas zonas envolventes.»

A nova cidade vem aí

A vila do Seixal, sede do concelho do mesmo nome, tinha em 1981, ano das últimas estatísticas, 3 108 habitantes, pouco mais do que no princípio deste século. Hoje, os números não devem ter sido grandemente alterados. Mas a nova cidade vem já aí para albergar, em princípio, cerca de 20 mil pessoas.

A nova cidade juntar-se-á à actual vila e, pese embora o facto de tudo levar a crer não demorar muitos anos a estar concluída, os responsáveis autárquicos, com os pés bem assentes na terra, não querem fazer as coisas a correr.

«Estamos a construir uma cidade ao contrário» — revelou ao «DL» Eufrásio Filipe, que pormenorizou a ideia:

«Estamos a preservar as habitações antigas, a construir equipamentos e a prever espaços de utilidade pública, para somente depois construirmos as casas, de forma a que as populações não se

AGÊNCIA Salgado
FUNERAIS — TRANSLADAÇÕES
OS ÚNICOS AUTO-FÚNEBRES AUTOMÁTICOS
SEDE * 54 82 58
RUA ST.ª MARTA, 43 – LISBOA * 54 87 24
INFORMATIVO NOCTURNO 54 82 58 * 54 82 60 (Com Gravador)
LISBOA
FILIAIS ● RUA BENEFICÊNCIA, 1/3 77 13 49
● ESTR. BENFICA, 669/673 70 07 33
● RUA DA ROSA, 17 32 42 57
GARAGEM ● RUA ALM. BARROSO, 11 A 56 26 56
ALMADA
FILIAIS ● AV. D. AFONSO HENRIQUES, 12-LOJA
● RUA CAPITÃO LEITÃO, 91 * 276 7583
● AV. ANTÓNIO J. GOMES, 6-R/C * 276 7583
COVA DA PIEDADE
AMORA ● ESTR. NACIONAL, LT-A-R/C-E 224 0544
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO GÉNERO

CHURRASQUEIRA FORTUNATO
FRANGOS ASSADOS NO CHURRASCO
Se quer um bom frango no prato venha ao Fortunato!!
Rua do Olivença, 16
2800 ALMADA
TEELFONE — 275 4031

CASA CATITA
MÁQUINAS DE CALCULAR E SOMAR
Reparações, vendas, compras e trocas
Máquinas electrónicas
AGENTE
NASCO E TOSHIBA
MÁQUINAS DE ESCREVER
Reparações, vendas, compras e trocas
AGENTE DAS MÁQUINAS DE ESCREVER
HERMES — ROVER — PREDON
R. Cabo da Boa Esperança, 15-A — COVA DA PIEDADE
TELEFONE 276 9100

ELHO HÁ 151 ANOS

BITAÇÃO SOCIAL DES PROBLEMAS

sintam num dormitório.»

«Algumas das urbanizações — referiu — foram já aprovadas e esperamos vir a aprovar outras, logo que os respectivos proprietários ultimem os projectos de loteamento.»

«Duas grandes urbanizações, as Quintas dos Franceses e da Trindade — acrescentou —, seriam desejáveis no imediato e os empreendedores estão a concluir os respectivos projectos.»

«É pois — sublinhou — mais um desafio à iniciativa privada, como entendemos que ela deve ser, isto é, respeitando o planeamento local e não visando exclusivamente o lucro pelo lucro.»

Turismo: boas perspectivas

O turismo pode vir a ser uma das fontes de receita do Seixal e disso mesmo está consciente o presidente do respectivo município, que, no entanto, tem uma visão própria sobre o assunto.

«Para nós — disse-nos — turismo não tem a ver apenas com sol e praia, mas também com as potencialidades da nossa baía natural, que estamos a recuperar, e aqui tenho que abrir um parentêse para dizer que há dois anos, sem resultados, nos candidatámos aos fundos comunitários que empregaríamos nesta operação.»

«Turismo — insistiu — é também a preservação do vasto património histórico do município, que colocamos à fruição pública, como são os casos dos três moinhos de maré, do Eco-Museu Municipal, das embarcações típicas do Tejo, dos núcleos de construção naval e da História Natural, as povoações ribeirinhas; as infra-estruturas sociais, desde o teatro, às bandas de música passando pelo desporto; as múltiplas actividades de lazer ligadas ou não ao rio; e a gastronomia».

«Já agora — revelou — devo dizer que o núcleo central do Museu, parte integrante do nosso património histórico e, por conseguinte, do turismo, que funciona em instalações provisórias, irá ser instalado, talvez em 1988, num palácio, propriedade da Câmara».

Os autarcas do Seixal acreditam mesmo que o turismo possa vir a ser, dentro de algum tempo, motivo de atracção e de desenvolvimento da região. Nesse sentido, a juntar ao parque de campismo, privado, que já existe, vai surgir outro, municipal e gerido por uma colectividade popular, e uma residencial, que já está em construção.

«Há boas perspectivas — declarou Eufrásio Filipe — já que o desenvolvimento desta área irá atrair muitos visitantes, o que beneficiará o comércio local, facto que, como é lógico, nos agrada.»

Seixal, um concelho nascido, faz hoje 151 anos, onde a par dos problemas vive a esperança e a determinação dos homens que fazem o presente, sem esquecer o futuro, acreditando na força do Poder Local.

«O Poder Local democrático — disse-nos, em jeito da despedida Eufrásio Filipe — para nós, aqui no Seixal, não é somente o exercício das competências e atribuições dos eleitos, mas o seu entrosamento com as populações, o trabalho voluntário e os nossos próprios trabalhadores.»

Primeira "Festa da Árvore" foi no Seixal há 80 anos

A primeira «Festa da Árvore» comemorada em Portugal foi no Seixal há cerca de 80 anos, precisamente no dia 27 de Maio de 1907 e, muito embora desconheçamos por que motivo tal aconteceu a verdade é que naquela região desde sempre se fez o culto das árvores.

Aliás, Manuel Lima, professor e técnico da área do Património Natural da Câmara Municipal do Seixal, num texto recentemente editado pela autarquia refere que o concelho «era coberto primitivamente por uma floresta indígena tipicamente mediterrânica, onde abundavam como árvores, o sobreiro, o carvalho, o pinheiro manso, o zambujeiro e o medronheiro, e ainda como arbustos o carrasco, a aroeira, a urze e o folhado», que «constituíam excelentes coutadas para os nossos primeiros reis e fidalgos».

«No entanto — acrescenta — esta floresta espontânea mediterrânica, cada vez mais explorada com o decorrer dos séculos, foi-se transformando em charneca árida durante a Idade Média».

Depois de lembrar que o pinheiro bravo é a espécie mais abundante na região, Manuel Lima afirma que «hoje não é possível falar da História dos municípios da margem Sul do Tejo, nos quais está incluído o Seixal, sem fazer alusão às matas, sobretudo aos pinhais tão importantes desde os tempos mais remotos na economia do local».

«Ainda hoje — diz — a toponímia do concelho do Seixal é reveladora dessa importância, pois aqui, podemos encontrar lugares com os nomes de Pinhal dos Frades, Pinhal das Freiras, Pinhal da Aroeira, Pinhal do Arneiro».

Manuel Lima sublinha que desde a Idade Média, nas praias do rio Judeu «se instalaram estaleiros» e com as madeiras das matas do Seixal «se contruíram muitos barcos que não só navegaram no Tejo, como fizeram parte da epopeia dos descobrimentos» e que nos jardins «das quintas senhoriais» foram plantadas «muitas espécies exóticas trazidas dos novos mundos descobertos».

A terminar, recorda que no Seixal «está instalada a única indústria transformadora de resinas a Sul do Tejo».

O Seixal é, pois, por tradição, um concelho onde o homem respeita a árvore.

DECREL — DECORAÇÕES E REVESTIMENTOS, LD.ª

PAPÉIS DE PAREDE
REVESTIMENTOS VINÍLICOS
LINÓLIOS, CORTIÇAS, ALCATIFAS
CARPETES E TAPETES
TECTOS FALSOS
TINTAS "CIN"

Rua Capitão Leitão, 52-A
2800 ALMADA
TELEFONE – 276 44 95

ARMAZÉNS MARTINS

DE MARIA ONDINA NEVES

PRODUTOS LACTICÍNIOS
ENCHIDOS
MERCEARIAS

Praça Douro, 33
Cruz de Pau 2840 SEIXAL
TELEFONE — 224 68 36

«A COLUMBINA»

EX-MINIPREÇO
Pronto-a-vestir para bebé, criança, homem e senhora

DECORAÇÃO-LINGERIE
RETROSARIA-ATOALHADOS

Estrada dos Foros, 30-A
CRUZ DE PAU 2840 AMORA
TELEFONE 224 50 26

A DECORADORA ALMADENSE

MÓVEIS – ESTOFOS – DECORAÇÕES
COLCHOARIAS E UTILIDADES
DECORAÇÃO DE INTERIORES
DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

Rua Capitão Leitão, 17-A
2800 ALMADA
TELEFONE – 275 47 75

ELECTRO ALMADA, LD.ª

Instalações eléctricas
todo o tipo de material eléctrico
das prestigiadas marcas:
J. B. Corsino/S. I. P. E/Condutores CEL-CAT
Fábrica de Plásticos J. Santos

EMPREITADAS ELÉCTRICAS DE CONSTRUÇÃO CIVIL

Praça do Comércio, 9-A
2800 ALMADA
TELEFONE – 275 03 91

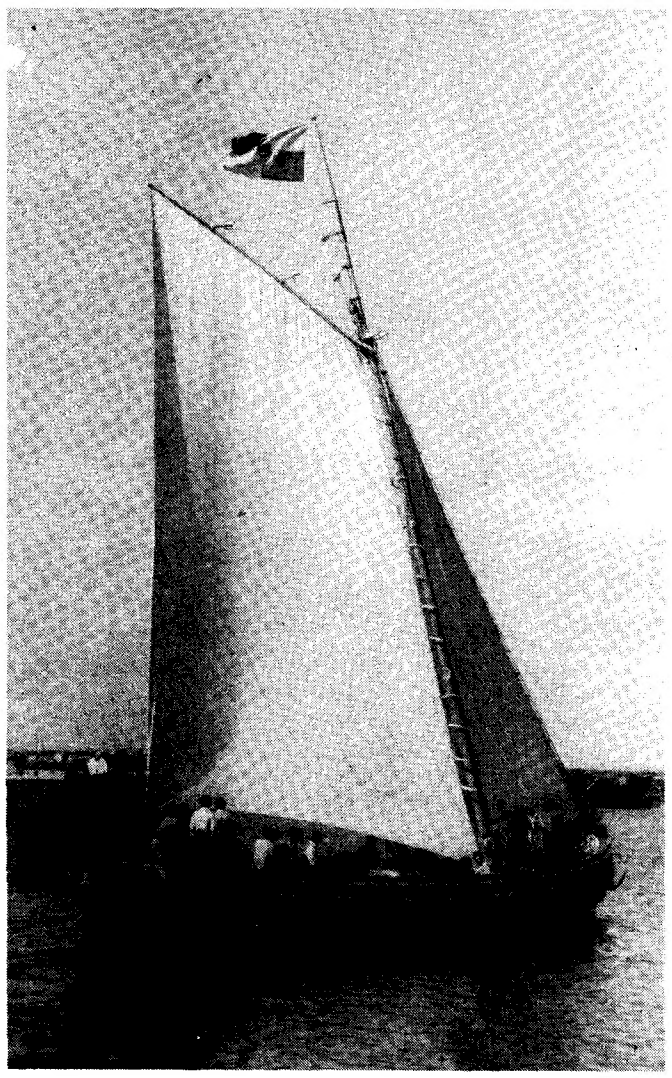
EDUARDO & DOMINGOS LD.ª

PINTURAS DE
CONSTRUÇÃO CIVIL
E INDUSTRIAIS
ESTUQUES
PROJECTADOS
ESTUQUES
TRADICIONAIS

LOJA — Rua SÁ MIRANDA, LOTE 15 — CAVE-E
Torre da Marinha — TELEFONE 221 2571

Escritório e armazém — Rua do CASAL DO MARCO, n.º 70-A
2840 SEIXAL TELEFONES 221 6045
221 7143

SEIXAL É CONCELHO HÁ 151 ANOS



UM POUCO DE HISTÓRIA

O Seixal, cujo nome tem origem no seixo, pedra abundante na região, comemora 151 anos de existência já que foi criado exactamente em 6 de Fevereiro de 1836, no reinado de D. Maria II, na sequência da Revolução Liberal, sendo então constituído apenas para além da freguesia do mesmo nome, pelas da Amora, Arrentela e Paio Pires.

Todavia, cerca de seis décadas depois o concelho foi extinto por um decreto de 26 de Setembro de 1895, ficando as freguesias do Seixal, bem como as de Arrentela e de Paio Pires anexadas ao Barreiro, enquanto a da Amora passou a fazer parte de Almada.

As gentes do Seixal, porém,não se conformaram com esta decisão promovendo vários abaixo-assinados, exigindo a restauração do concelho, o que veio a acontecer ao cabo de três anos.

Dois anos depois, o concelho do Seixal tinha 6 784 habitantes 5 020 dos quais analfabetos e 182 estrangeiros.

A freguesia mais populosa, exactamente ao contrário do que sucede hoje, era a do Seixal, com 2 258 habitantes, seguida pela a da Amora, com 2 075; a da Arrentela, com 1 428; e a de Paio Pires, 1 023.

A título de curiosidade publicamos a seguir os números referentes ao censo de 1981, que nos mostra que a freguesia do Seixal poucos mais habitantes tinha do que no primeiro ano deste século: Amora, 34 589 habitantes; Corroios, 25 499; Arrentela, 18 756; Paio Pires, 7 208; e Seixal, 3 108.

Muito embora não existam dados oficiais sobre a população actual do concelho, números fornecidos pela Câmara Municipal apontam para cerca de 120 mil, «o que representa um crescimento da ordem dos 34 por cento» em relação a 1981 (89 169 habitantes), o que dá uma média de, aproximadamente, de 5,5 por cento ao ano, «muito superior à do País».

De acordo ainda com elementos fornecidos pelo Município, «trata-se de uma população predominantemente jovem», dado que cerca de 35 por cento tem menos de 20 anos de idade e 78 por cento ainda não atingiu os 45.

Mas voltemos ao primeiro ano do século para nos debruçarmos sobre as actividades profissionais. A agricultura, ao contrário também ela do que sucede hoje, era a que tinha maior ocupação, empregando 2 728 pessoas. Se a estes números juntarmos outras 490 que se dedicavam à pesca e à caça, ficar-se-á com uma ideia da importância que o sector primário tinha, na altura, para o Seixal.

A seguir vinham os sectores secundário e terciário, com 2 017 e 1 549 trabalhadores, respectivamente.

Em 1984, o sector primário apenas ocupava 379 indivíduos, aproximadamente 1 por cento da população activa, que se cifrava em 34 497.

Nesse ano, o sector secundário era o mais importante, uma vez que ocupava 18 180 pessoas (53 por cento da população activa), mas o terciário, com 15 938 (46 por cento) encontrava-se já muito próximo, pelo que não é de excluir que actualmente seja o que ocupe o maior número de trabalhadores.

O Seixal comemora hoje 151 anos como concelho, mas a sua história, ou pelo menos a do território que hoje tem este nome, vem de muito longe, pois «os primeiros núcleos urbanos» formaram-se na orla fluvial que «graças à existência de vários braços do rio Tejo que se estendem pela terra dentro, permitiu uma ocupação desde os tempos pré-históricos».

«As primeiras marcas da presença humana neste território lê-se num opúsculo editado pela edilidade — datam do Paleolítico, conforme documenta o terraço da Quinta da Trindade e outros instrumentos desse período histórico.»

«Por outro lado — adianta o mesmo folheto — a situação geográfica privilegiada do território que funcionou como ponto de passagem entre as duas margens do estuário e a existência de corredores de passagens, tais como o Seixal - Fernão Ferro - Sesimbra; Cacilhas - Cova da Piedade - Corroios - Amora - Paio Pires - Coina, contribuíram extraordinariamente para a formação de povoados, em especial na zona ribeirinha dos esteiros.»

Dando um salto na História, verificamos que «a partir do século XV em toda a orla fluvial do território do concelho do Seixal, constituíram-se quintas agrícolas, que tinham como base a cultura das plantas lenhosas, especialmente, pomares, associando o olival e a vinha, exploração que já vinha do período árabe».

Estas quintas que pertenciam à

PLANTADOR-MARISOL

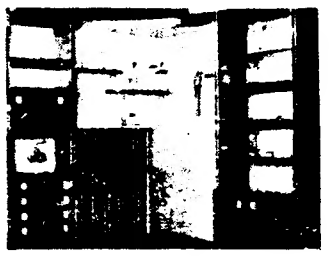
FILIAL:
MUSEU DAS CARROÇAS - ARRUDA

TRATA DE JARDINS
FLORES INTERIORES E EXTERIORES
ARBUSTO PARA JARDINS
ÁRVORES DE FRUTA DE TODA
A QUALIDADE
VASOS PARA RUA E PARA CASA
CASAS PARA CÃES E FORNOS PARA PÃO

Sede: MARISOL
Rua Principal, Lote 346
Telef. 226 1574
CHARNECA DA CAPARICA

Filial: ARRUDA DOS VINHOS
ALCAMBAR
Telef. 063/95642

MÓVEIS M. G. DE MENDES & GUILHERME, LDA



MÓVEIS TODOS OS ESTILOS
ESTOFOS - ALCATIFAS
ARTIGOS DE DECORAÇÃO
AGENTE COLCHÕES DE MOLAS
DE TODAS AS MARCAS
"VISITE-NOS"

SALÃO EXPOSIÇÃO — Quinta da Boa Hora, lote 12 – ARRENTELA
SALÃO EXPOSIÇÃO - Qtª Péleve, Lt 51 ☎ 221 0240
STAND VENDAS-Pç.Liberdade,15 ☎ 221 0412 ARRENTELA

ANEPSA
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ESTABELECIMENTOS PRIVADOS DE SAÚDE

CENTROS DE ENFERMAGEM
TEL. 55 66 63

SERVIÇOS DE ENFERMAGEM NO POSTO E NO DOMICÍLIO AEROSÓIS, SOROS, OXIGÉNIO, APARELHOS DE ASPIRAÇÃO E CAMAS ARTICULADAS

ALMADA — CRISTO REI
Rua Espartários, 20 ..... D.U. 09-24 h ..... Tel.: 2767002
..... Tel.: 2765250

COVA DA PIEDADE – CÉLULA
Av. Bento Gonçalves, 14 ..... D.U. 08-12 — 17-22 h ..... Tel.: 2756701
..... S.D.F. 10-12 — 18-20 h ..... Tel.: 2756932

CRUZ DE PAU — MONTE SINAI
Largo Cruz de Pau, 3 ..... D.U. 08-12 — 15-23 h .....
..... S.D.F. 09-12 — 18-20 h ..... Tel.: 2241552

FOGUETEIRO — GILENAMAR
Estr. Nacional, 10, lote JJ ..... D.U. 08-13 — 14-22 h ..... Tel.: 2210600
..... S.D.F. 09-13 — 17-21 h ..... Tel.: 2217103

MIRATEJO — CEPAME
Av. Luís Camões, Bloco C-20, lt. II ..... Tel.: 2539420

* ASSISTÊNCIA CONVENCIONADA A BENEFICIÁRIOS DOS:
— OSC/AGPL — ADMIN. GERAL PORTO LISBOA — IDS/CTT — CORREIOS TELEG. DE PORTUGAL — CPPAS/EFE — ESTABEL. FABRIS EXÉRCITO

AUTO CIRCUITO
PEÇAS E ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS, LDA

PEÇAS GENUÍNAS TOYOTA
E DE OUTRAS MARCAS DE AUTOMÓVEIS
BATERIAS TUDOR ÓLEO CASTROL

AMORTECEDORES SACHS, MONROE E MACPHERSON, VELAS NGK, AC, CHAMPION, ND E BOSCH
CONFECÇÃO CHAPAS DE MATRÍCULA

Rua Cb Boa Esperança, 39-B–2800 COVA PIEDADE ☎ 275 5001-275 5486

TÁXIS
AUTO ESTRELA ALMADENSE
Cooperativa de Táxis de Almada,C.R.L.–
– Viaturas c/ Rádio-Telefone em Serviço Permanente
– Serviço p/ todo o País e Estrangeiro
Local das Praças
Almada,Cacilhas,Lisnave,Cova da Piedade,Laranjeiro,Feijó
Vale Figueira, Sobreda, Monte Caparica

Sede: R.Adriano C Oliveira,20A - Qtª Álamos
LARANJEIRO ..... ☎ 229 6768-229 6868-229 6969

SEIXAL É CONCELHO HÁ 151 ANOS

nobreza e a instituições religiosas, eram, «por vezes simultaneamente de recreio e de exploração, obras de arte e de técnica agronómica».

No século XX, todavia, a paisagem rural tradicional foi-se alterando com novas construções de fábricas e de bairros. Mas as grandes modificações no concelho verificaram-se a partir da segunda metade deste século, sobretudo com a instalação da Siderurgia Nacional.

Um folheto da Câmara Municipal recorda que «nas últimas décadas, as paradisíacas quintas rurais foram transformadas em núcleos urbanos, que servem a população operária dos concelhos do Seixal e Almada» e os trabalhadores do sector terciário desta cidade e de Lisboa.

Mas foi sobretudo, salienta o opúsculo, «a partir da Revolução do 25 de Abril de 1974, que, através de uma gestão democrática, as populações receberam os benefícios da urbanização com a instalação de equipamentos colectivos em todo o concelho».

Plano de Desenvolvimento do distrito de Setúbal pronto no fim do mês

A primeira fase do Plano Integrado de Desenvolvimento do Distrito de Setúbal (PIDDS), da responsabilidade da respectiva Associação de Municípios, estará concluída no próximo mês, revelou ao «DL» o presidente da edilidade do Seixal.

Eufrásio Filipe adiantou que o PIDDS será «um bom instrumento de trabalho para todos os municípios do distrito e até um auxiliar, ao qual o poder central poderá e deverá recorrer, tendo em conta a realidade da região».

«Sem uma visão global da região não poderá haver planeamento eficaz, nem desenvolvimento» — disse, rematando:

«A Associação de Municípios ao empreender este trabalho mostrou estar no caminho certo e ser uma estrutura responsável e disponível para colaborar no desenvolvimento do distrito».

A AMDS integra todas as Câmaras do distrito de Setúbal, com excepção da do Montijo.

Homenagem a José Afonso

O poeta e cantor José Afonso não foi esquecido pelas gentes do Seixal, na altura em que o concelho comemora o 151.º aniversário, sendo homenageado depois de amanhã no encerramento do «VI Espaço Cultural», que decorre desde 24 de Outubro.

Neste «Espaço Cultural», organizado pelo Clube Independente Torrense, com o apoio do Município, em que já colaboraram vários agrupamentos, serão hoje homenageados pelo Teatro de Animação de Setúbal José Gomes Ferreira, Ary dos Santos e Alexandre O'Neil.

Amanhã actuará o cantor Sérgio Godinho.

Na homenagem a José Afonso actuará o agrupamento «Cantares».

Florista Jardim

todos os trabalhos em flores naturais

Serviço diurno
Lg. 5 Outubro, 40-r/c-Lj.
COVA PIEDADE ☎ 275 1553

Serviço nocturno
R. Dr. Alberto Araújo, 9,2º-E
COVA PIEDADE ☎ 275 1003

Florista Laura Alves

todos os trabalhos em flores naturais

Serviço diurno
Av. D. João I, 23-B
ALMADA ☎ 276 1312

Serviço nocturno
R. Dr. Alberto Araújo, 9,2º-E
COVA PIEDADE ☎ 275 1003

Juvenal Sobral — CMD — CENTRO MÉDICO DE DIAGNÓSTICO

Ecotomografia – Abdominal
» – Renal
» – Pediátrica
» – Pequenos órgãos
» – Ginecológica
» – Obstétrica
Ecocardiografia

AV. NUNO ÁLVARES PEREIRA, 76-A
2800 ALMADA

☎ 2751074 2756972

Perfumaria MATILDE

As mais conceituadas marcas de produtos de beleza e perfumaria
Bijutarias - Novidades

LOJA 1 - Drugstore Faraó
Pç Movimento F Armadas, 5A
ALMADA ☎ 276 9588
LOJA 2 - Av. Fundação, 11-B
COVA PIEDADE ☎ 275 5457
LOJA 3 - Centro Comercial M. Dica
Lj 60 - R. Luis Queirós, 26-J/E
ALMADA

sinópsia

- Mistura de Solventes e Diluentes Para Tintas
- Glicóis
- Matérias-Primas Para a Indústria Química
- Óleos de Processamento
- Plastificantes
- Produtos Químicos para a Indústria de Cosmética e Farmacêutica
- SOLVENTES — Alifáticos – Aromáticos / Oxigenados
- Detergentes e Desengordurantes
- Óleos Lubrificantes

ESCRITÓRIO: R. Campolide, 179-r/c-D
1000 LISBOA - Tel. 65 45 38 – 69 10 11

ARMAZÉM: Qt.ª de S. Luís, 12-E – LARANJEIRO
2800 ALMADA – Tel. 229 86 29

CARLUFA

MATERIAIS P/CONSTRUÇÃO E DECORAÇÃO

Carvalho, Luís & Fátima, Ld.ª

TODO O TIPO DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO E DECORAÇÃO TINTAS FLEXCOTE

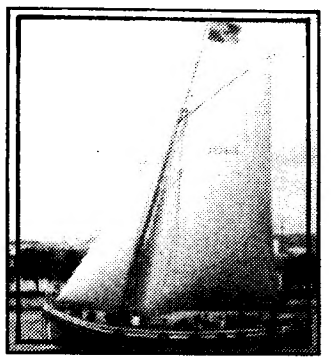
TEL. 226 14 12

Benvindos, Lt. 1 – VALE CAVALA
CHARNECA CAPARICA

PROGRAMA COMEMORATIVO

6 de Novembro
1836 * 1987

151.º Aniversário do concelho do Seixal



zona livre de armas nucleares

câmara municipal do seixal

INICIATIVAS DIVERSAS INTEGRADAS NAS COMEMORAÇÕES

— Exposição sobre os resultados da campanha arqueológica no Moinho de Maré de Corroios.
— Visitas guiadas sob o lema «Conheça o concelho do Seixal».
— Colóquios, exposições e iniciativas similares nas escolas do concelho.
— Publicação do Roteiro Turístico do Concelho do Seixal.
— Projecção de vídeo sobre a vida municipal em todas as freguesias do concelho.

Dia 31 de Outubro (sábado)

22H00 **Estreia do Café-Concerto «O Convite da noite»** pelo Teatro Encontro do Seixal na sede do Independente Futebol Clube Torrense.

Dia 1 de Novembro (domingo)

16H00 Celebração do acto de cedência de terrenos ao Clube Recreativo da Cruz de Pau nas instalações da colectividade.

Dia 6 (sexta-feira)

15H00 **Inauguração da Exposição «Educação de Adultos: Caminho para o Desenvolvimento» no** Mercado Antigo do Seixal, organizada pela Coordenação Concelhia do Ensino para Adultos em colaboração com a Câmara Municipal.

17H00 **Sessão de Câmara**
Atribuição de medalhas de mérito municipal a individualidades que pelo seu trabalho, exemplo e dedicação tenham contribuído para o progresso do concelho e prestigiado o nome do Seixal.
Assinatura da escritura de cedência de terrenos pela Câmara Municipal ao Amora Futebol Clube para a construção do futuro Complexo Desportivo da Medideira.

20H00 **Jantar de homenagem às individualidades condecoradas** no restaurante «A Cabaça».

21H00 **Coro de Câmara «Sintagma»** na Igreja Paroquial da Amora.

Dia 7 (Sábado)

13H00 **Conferência de Imprensa** na Sala de Sessões dos Paços do Município para apresentação de projectos e obras municipais previstos no Plano de Actividades de 1988.

13H00 **Torneio de Luta Greco-Romana** na Escola Secundária do Seixal (Bairro das Cavaquinhas, Arrentela), organizado em colaboração com o Centro Cultural e Desportivo das Paivas.

21H30 **Espectáculo com Sérgio Godinho** na sede do Independente Futebol Clube Torrense.

Dia 8 (domingo)

10H00 **Inauguração da nova sede do Grupo Recreativo e Desportivo das Cavaquinhas;**

11H00 Inauguração da nova sede do Grupo Desportivo Correr d'Água;

21H30 Homenagem a José Afonso com a participação do grupo «Cantares» na sede do Independente Futebol Clube Torrense.

Dia 10 (terça-feira)

16H00 **Sessão comemorativa** do 3 Aniversário do Centro de Convívio da AURPIM com entrega de prémios e lanche.

Dia 20 (sexta-feira)

11H00 **Espectáculo de teatro:** e «D. Afonso Henriques», por «O Bando» na

16H00 Escola Preparatória Vale da Romeira 1.

21H30 **Abertura do 4.º Encontro de Teatro Concelhio** (sede do Independente Futebol Clube Torrense):
— A descentralização teatral em debate: colóquio com a participação do encenador Mário Barradas.
— «Pretextos para dizer»: espectáculo de teatro com o actor Mário Viegas.

Dia 21 (sábado)

10H00 Inauguração da Casa da Juventude do Concelho do Seixal
— Assinatura do protocolo da cedência das instalações pela Câmara à Comissão Municipal da Juventude;
— Exposição, espectáculo musical e acções de animação diversas;
— **Espectáculo de teatro:** «O convite da noite» pelo Teatro Encontro do Seixal no Centro Cultural e Recreativo das Paivas.

Dia 22 (domingo)

14H00 Torneio de tiro ao alvo com chumbo, no Clube Recreativo e Desportivo de Miratejo, com a colaboração da Junta de Freguesia de Corroios.

21H30 **Espectáculos de teatro:**
— «O cavaleiro e o dragão» pelo Grupo de Campolide — Companhia de Teatro de Almada no Clube Recreativo da Cruz de Pau.
— «Auto da Ciosa» pelo Centro Cultural de Évora no Centro Cultural e Recreativo do Alto do Moinho.

Dia 24 (terça-feira)

16H00 **Espectáculo de teatro:** «Médico à Força» pelo Teatro de Animação de Setúbal no Ginásio Clube de Corroios para os alunos da Escola Secundária de Corroios n.º 2.

Dia 27 (sexta-feira)

21H30 Espectáculo de teatro: peças «O Dia Seguinte» e «O Cisne» pelo Grupo Amador do Centro Cultural e Desportivo das Paivas no Mercado Antigo do Seixal.

Dia 28 (sábado)

10H30 **Inauguração** das novas instalações do Paio Pires Futebol Clube.

21H30 **Café-Concerto** «Metro Cabaret» por Fernando Gomes, Maria Vieira e Adriano Luz na Sociedade Filarmónica União Seixalense.

Dia 29 (domingo)

16H00 **Espectáculo de teatro:** «Falar verdade a mentir» por «Os Arlequins» (grupo da Escola Secundária do Seixal) no Independente Futebol Clube Torrense.

Dia 30 (segunda-feira)

21H30 **Espectáculo de teatro: peça** «Piquenique no Campo de Batalha» pelo Grupo de Teatro do Clube Recreativo da Cruz de Pau no Clube Recreativo da Cruz de Pau.